

WILLIANS SOARES SILVA

ELEMENTOS DE ÉTICA TEOLÓGICA DA LIBERTAÇÃO SOBRINIANA

BELO HORIZONTE  
FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2008

WILLIANS SOARES SILVA

ELEMENTOS DE ÉTICA TEOLÓGICA DA LIBERTAÇÃO SOBRINIANA

Dissertação apresentada ao Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisição parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.  
Área de concentração: Teologia da Práxis Cristã  
Orientador: Prof. Dr. Nilo Ribeiro Júnior, SJ

BELO HORIZONTE  
FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2008

## **Resumo**

A Ética Teológica da Libertação se caracteriza pela configuração com Jesus, o Cristo vitimizado, a partir do apelo do rosto da vítima que clama pelo seu descimento da cruz. Ela emerge em um contexto de ausência de elaboração ético-teológica sistemática. No desejo de contribuir com o avanço da reflexão, a partir de Jon Sobrino, este trabalho busca perceber como a ética cristã acontece no próprio evento revelador da fé. Os elementos éticos implícitos à cristologia de Jon Sobrino dão as bases para a elaboração sistemática da Ética Teológica Libertadora. Por meio deles, configura-se a Ética Teológica da Libertação sobriniana. Ela se sustenta nas bases da práxis ético-libertadora a partir do padecimento com Cristo, na ação ético-cristã a partir do evento da fé; na percepção de que o Deus que se revela é Deus Pai, Filho e Espírito, e assumindo a contribuição do mais específico cristão: a Trindade. A Ética Teológica da Libertação, portanto, se define pela acolhida e libertação do pobre em configuração com Cristo neste mundo de milhões de crucificados.

## **Palavras-chaves**

Ética, pro-seguimento, Reino, princípio-misericórdia, dom-misericórdia, pobreza, vítimas, cruz, povos crucificados, práxis, libertação.

## **Abstract**

The theological ethics of the release is characterized by the configuration with Jesus, the Christ victimized, from the appeal of the victim's face that cries out for his downing of the cross. It emerges in a context of lack of systematic theological-ethical development. In the desire to contribute to the advance of reflection, from Jon Sobrino, this study attempts to understand how christian ethics happens at proper event revealing of the faith. The ethical elements implicit on Jon Sobrino provide the basis of systematic development of theological ethics liberating. Through them will set the theological ethics of liberation sobriniana. It maintains itself on the grounds of ethical liberation-praxis from the fascination with Christ, in action christian-ethics from the event of faith; in the perception that the God that self reveals is a God Father, son and Spirit, and is the contribution of more specific Christian: the Trinity. Finally, in the accepted and release of the poor in configuration with Christ in this world of millions of crucified.

## **Keywords**

Ethics, pro-following, Kingdom, principal-compassion, ability-compassion, poverty, victims, crucified people, praxis, liberation.

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus em Jesus, o Cristo vitimizado, que pelo Espírito me proporcionou condições de vivenciar as experiências mais fundamentais de minha vida de fé e por elas configurar o norte fundamental do meu agir.

À minha família e amigos, pessoas que cercam minha vida de sentido.

À amiga Solange Maria do Carmo, pela revisão do texto, por sua contribuição atenta e profunda.

Ao orientador desta dissertação, o prof. Nilo Ribeiro Junior, pela sabedoria e ousadia, a quem devo especial gratidão ao término desta dissertação, e por meio de quem estendo o agradecimento a toda FAJE.

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1 ÉTICA TEOLÓGICA CRISTÃ DA LIBERTAÇÃO EM PERSPECTIVA .....</b>	<b>11</b>
1.1 RENOVAÇÃO DA TEOLOGIA MORAL A PARTIR DO VATICANO II .....	12
1.1.1 Antecedentes do Concílio Vaticano II.....	13
1.1.2 Séculos XX e XXI: desafios e relevâncias .....	14
1.1.3 Traços característicos da Moral Renovada.....	15
1.2 LIMITES DA MORAL RENOVADA NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO .....	18
1.3 TENTATIVAS DE RESPONDER AOS LIMITES DA MORAL RENOVADA.....	20
1.3.1 Marciano Vidal.....	20
1.3.2 Francisco Moreno Rejón .....	22
1.3.3 Antônio Moser e Bernardino Leers.....	24
1.3.4 Carlos Novoa.....	26
1.3.5 Enrique Dussel.....	28
1.3.6 Crítica às tentativas de reformulação da moral latino-americana.....	30
1.4 CONTRIBUIÇÃO DA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO.....	31
<b>2 OS ELEMENTOS ÉTICOS BASILARES DA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO .....</b>	<b>36</b>
2.1 O MÉTODO DA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO E SUAS OBRAS.....	37
2.1.1 Uma “nova imagem” da fé em Cristo.....	38
2.1.2 O lugar social e eclesial de onde se reflete a fé.....	40
2.1.3 O “Jesus histórico” como ponto de partida para compreensão da fé.....	43
2.2 A REVELAÇÃO DE DEUS NA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO .....	47
2.2.1 O status hermenêutico da ressurreição na contemporaneidade .....	48
2.2.2 Os pressupostos teo-antropológicos do acesso à ressurreição.....	50
2.2.3 O que a ressurreição revela a partir da humanidade da vítima .....	51
2.2.4 O Deus que se diz em Jesus e o que a ressurreição revela de Deus .....	57
2.3 MISTÉRIO PASCAL E SUAS INCIDÊNCIAS TEOLÓGICAS NA VIDA DA VÍTIMA .....	62
2.3.1 A parcialidade de Deus e a esperança da vítima.....	63
2.3.2 A oposição de Deus aos deuses e a práxis anti-idolátrica.....	65
2.3.3 A alteridade e afinidade de Deus com a vítima .....	67
2.3.4 A reserva escatológica como tempo da “tarefa cristã” .....	69
2.4 ELEMENTOS ÉTICOS DA CRISTOLOGIA DE SOBRINO .....	71
2.4.1 O Reino de Deus e o Deus do Reino .....	71
2.4.2 O pobre como alteridade .....	74
2.4.3 Prosseguimento no Espírito para o Pai.....	75
<b>3 ELABORAÇÃO SISTEMÁTICA ÉTICO-TEOLÓGICA DA LIBERTAÇÃO.....</b>	<b>78</b>
3.1 A LEI REINTERPRETADA A PARTIR DA PERSPECTIVA DA CRIAÇÃO .....	79
3.1.1 A Lei como evento do dom-misericórdia .....	80
3.1.2 A Lei como expressão da Criação .....	83
3.1.3 Do Fundamento da Lei às suas concretizações históricas.....	86
3.2 REINADO MESSIÂNICO EM PROL DA LIBERTAÇÃO DAS VÍTIMAS .....	89
3.2.1 Um Reino que seja boa-notícia para a vítima.....	90
3.2.2 Um Reino efetivo “já” na história.....	93
3.2.3 O significado fundamental do messianismo em vista do Reino .....	95
3.3 PRO-SEGUIMENTO NO ESPÍRITO, POR UM REINO DE LIBERTAÇÃO .....	97
3.3.1 O horizonte do pro-seguimento.....	98
3.3.2 O pro-seguimento culmina na cruz – caminho de uma ética martirial.....	100
3.3.3 Características fundamentais do pro-seguimento para a Ética Teológica da Libertação.....	104
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>112</b>

OBRAS DO AUTOR.....	112
FONTE .....	112
BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL.....	113
BIBLIOGRAFIA DE APOIO.....	113

## Introdução

Na América Latina, possivelmente, só a Teologia da Libertação desenvolveu uma reflexão sistemática da revelação cristã a partir do pobre. No grande corpo da reflexão teológica, percebe-se a carência de produções teológicas que assumam o pobre em caráter teologal. A reflexão ético-teológica cristã não fica excluída desse juízo, sobretudo porque falta à Moral Fundamental pôr as bases teóricas e críticas que sustentem a reflexão ulterior e possibilitem ressaltar outros aspectos concretos da problemática moral, incorporando as conquistas da teologia latino-americana no campo da ética.

O desafio que se apresenta neste trabalho é o de propor uma reflexão sistemática da Ética Teológica da Libertação em estreita relação com o evento fundante da fé cristã. Trata-se de mostrar como no evento fundante, o Cristo, estão dadas as bases da Ética Cristã Libertadora. O ato de crer, especialmente na América Latina, inclui em seu dinamismo a opção pelo pobre. Nesse sentido será fundamental apresentar a articulação entre contemplação e engajamento, fascínio e compromisso, sofrimento e libertação na vida ética cristã.

A Ética Teológica Libertadora contempla os desafios advindos da América Latina e a vinculação da militância da fé com seu evento fundante. Para tanto, procurar-se-á mostrar em que nível se encontra a produção Ética Teológica Libertadora a partir dos desafios ora anunciados e do ponto de vista sistemático. Em tese, procura-se destacar a parca reflexão ético-teológica a partir do pobre como revelador do rosto de Jesus Cristo, ao mesmo tempo que se procurará propor algumas balizas para o avanço da Ética Teológica da Libertação.

O método que é utilizado neste trabalho, Ver-Julgar-Agir, articulará o corpo do texto. O primeiro capítulo apresentará o estado da questão, portanto, o “Ver”. Seu ponto de convergência é o Vaticano II onde culminam duas correntes ético-teológicas: uma de corte tradicional e outra na perspectiva da renovação. No pós-Vaticano II, ganha mais força a segunda tendência, a Moral Renovada. Essa reflexão ainda está sustentada em um horizonte diferente do latino-americano. A preocupação que a cerca se volta para questões que dialogam com os anseios do homem moderno. Frente à falta de uma perspectiva que contemple o pobre como sujeito teologal, emergem os primeiros passos da produção Ética Teológica Libertadora.

Os avanços proporcionados pelo Vaticano II foram significativos. Todavia, a reflexão da Moral Renovada voltou especial atenção para o específico cristão. Realçou a distinção e relação entre ética secular e cristã. Preocupou em delimitar o específico ético-

cristão e deu atenção especial à questão da consciência cristã. Dentre outras preocupações latentes, supõe-se que ainda não houve um esforço real por elaborar uma Ética Teológica da Libertação.

No desejo de responder ao desafio de sistematização da Ética Teológica da Libertação, a obra de Jon Sobrino será inspiradora. Sua reflexão cristológica parte dos pobres, repensando a totalidade do evento cristão e re-significando seus conteúdos. No segundo capítulo, procuraremos “Julgar” a situação da escassa produção ético-teológica sistemática à luz da fé cristã. Dessa maneira, a proposta é dar um passo para a ética. Será, então, explicitada a cristologia de Jon Sobrino, tendo presente que o autor salvadorenho não está preocupado em elaborar sistematicamente a ética. Procuraremos averiguar, no entanto, em que sentido sua reflexão cristológica possibilita referir-se à Ética Teológica da Libertação.

Nesse sentido, a partir de Jon Sobrino, importa, sobremaneira, relacionar o conteúdo da fé cristológica com os crucificados, em vista de uma leitura Ético Teológica Libertadora. Não será feita uma exposição de sua eclesiologia, nem de sua Teologia da Libertação, nem de seu entendimento acerca da espiritualidade. Apesar de estes elementos aparecerem na pesquisa, o foco estará voltado para a especificidade da cristologia de Jon Sobrino. Nela, Jon Sobrino insiste sobre a leitura do evangelho de Cristo, a partir da ótica do sofredor, que deve ser tirado da cruz para que a luz gloriosa de Cristo resplandeça. Assim, somente duas obras serão investigadas de forma sistemática e aprofundada, a saber: “Jesucristo Liberador” e “La fe en Jesucristo”. As demais produções do autor serão visitadas no intuito de colaborar para melhor compreensão de seu pensamento.

Diante do núcleo da cristologia de Jon Sobrino, percebe-se uma ética implícita. A partir do pensamento deste autor, sua contribuição será colhida para a elaboração da Ética Teológica Libertadora, que será caracterizada por um discurso ético-teológico fundamental e social.

Mostramos no terceiro capítulo a produção sistemática na qual temos insistido. Finalizaremos este capítulo com a reflexão sobre o “Agir”. Nesta parte, trataremos de perceber, a partir da configuração com Jesus, o apelo pelo descimento das vítimas da cruz. Em Jesus, o Cristo feito vítima em libertação das vítimas, fica visível como Deus se diz a este mundo de crucificados. Ao modo como Deus se diz em Jesus se deseja pensar a Ética Teológica Libertadora. O fato revelado cristão se diz por um Deus criador, pelo Filho – o Messias salvador – e no Espírito santificador por quem se acolhe no pro-seguimento o caminho com Jesus de realização do Reino de libertação das vítimas.



Ao Pai, se procurará articular o evento da Criação com a categoria ética da Lei. Isto de dará por meio do que denominamos dom-misericórdia. Pelo eixo estruturante da vida de Jesus, o “princípio misericórdia”, percebe-se como a ressurreição revela um Deus misericordioso. O mais específico do modo como Deus se revela em Jesus manifesta o que estava em Deus desde o princípio. Esta relação entre o último, a ressurreição, e o primeiro, a Criação, rege-se por uma Lei orientadora da oferta do próprio Deus e a resposta humana de acolhida de sua presença na fé.

Pelo Filho, revela-se um reinado messiânico em prol da libertação da vítima. Jon Sobrino tem o grande mérito de insistir na mediação, Reino, mais que no mediador, o Messias. Isto possibilita relacionar a ressurreição de Jesus vitimizado com os crucificados da história. A Ética Teológica da Libertação compreende os sinais do Reino na configuração com Cristo pela libertação da vítima.

No Espírito, se crê que a verdade revelada em Jesus aponta para o mistério maior, o Pai. Toda vida de Jesus é conduzida pelo Espírito em acolhimento e fidelidade obediente ao Pai. Pelo Espírito, torna-se possível o pro-seguimento em vista do Reino. O grande contributo de Jon Sobrino é relacionar o pro-seguimento com o Jesus histórico. A partir da história do Cristo vitimizado, os cristãos vivenciam um entrecruzamento de horizontes com o Messias. No agir configurado com Cristo, ou seja, no descimento da cruz dos povos crucificados, acontece a vida ético-cristã.

Procuraremos mostrar que a Ética Teológica Libertadora sobriniana caracteriza-se por um discurso transversal. A partir da cristologia, articula-se o teológico com o antropológico. Como se verá, a concentração cristológica de Jon Sobrino está em vista da reflexão sobre a Trindade. Ora, no modo como o Pai se diz no Filho, a vítima crucificada-ressuscitada, a partir de sua humanidade, percebe-se como, pelo Espírito, a vida ético-cristã se configura.

Um discurso de tal natureza parece de fundamental importância para a Teologia. Sua contribuição para os tempos hodiernos contempla realidades desafiadoras. Nesse sentido, este trabalho primeiramente visa pôr as bases da práxis ético-libertadora a partir do fascínio com Cristo. Segundo, quer fundamentar a ação ético-cristã a partir de seu evento fundante. Terceiro, insiste que o Deus que se revela é um Deus Pai, Filho e Espírito. Trata-se de enfatizar a contribuição do mais específico cristão, a Trindade, para a Ética Teológica Libertadora. Por fim, quer acolher e libertar o pobre na configuração com Cristo neste mundo de milhões de crucificados. Se a proposta parece ousada, o Espírito de Jesus, o Cristo

vitimizado, não deixa faltar coragem e criatividade no anúncio do Reino para um mundo de vítimas.

A proposta de uma Ética Teológica Libertadora não invalida outras formas de traduzir a fé cristã, ou mesmo iniciativas seculares. Por ela se proclama, no entanto, que a libertação da vítima é critério fundamental de acolhimento da verdade. Pena que a reflexão nesta área ainda seja incipiente, o que limita um maior avanço da reflexão sobre a Ética Teológica Libertadora.

# 1 Ética Teológica Cristã da Libertação em perspectiva

*O mistério de Deus aparece agigantado  
neste mundo de vítimas  
e se concretiza no mistério insondável  
do Deus crucificado.  
(J. Moltmann)*

Muitas vozes ressoam como eco de uma crise na Moral e na Ética Teológica. Tanto na ordem eclesial, quanto na sua atuação no mundo, a vida Ética Cristã encontra-se desafiada<sup>1</sup>. Os fatores que influenciam na vida cristã decorrem de vários níveis da existência, a saber: o cultural, o social, o político e o econômico. Em meio a este universo, que desafia a vida e a reflexão ética cristã<sup>2</sup>, o que se procura é uma resposta a partir do entendimento da identidade cristã. Algumas manifestações teológicas apresentam-se como alternativas à crise.

Três tentativas de resposta cercam o cenário eclesial: uma que insiste em uma Ética Escolástica; outra que aposta na Moral Renovada; e uma terceira que conclama a uma Ética Teológica Libertadora e que responda aos desafios nascidos do sofrimento, da alegria, da leveza e da esperança do povo latino-americano.

À última dessas tentativas, destina-se o foco da presente reflexão. Procurar-se-á averiguar o status da produção de uma Ética Teológica com traços que emanem da América Latina. Conhecendo o fenômeno, almeja-se lançar luzes sobre caminhos pouco trilhados. As maiores lacunas expressam-se em três eixos. Primeiro, a manifestação de Deus no real da história, tirando as conseqüências de uma teologia que leva a sério os “sinais dos tempos”. Segundo, o acolhimento do pobre diante da reação misericordiosa, como princípio da ação responsabilizada pelo apelo do outro. Terceiro, uma reflexão teológica que tenha como ponto de partida a pré-compreensão do mundo dos pobres e a opção por eles, e se situe num lugar objetivo, que é sua realidade.

---

<sup>1</sup> Sobre a crise e seus desafios, vale a pena conferir algumas obras: VIDAL, M. *Caminhos para a ética cristã*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 11-24; \_\_\_\_\_. *Moral de Atitudes*. Moral Fundamental. Aparecida: Santuário, 1974. v. 1, p. 13-43 e AGOSTINI, N. *Teologia Moral: o que você precisa viver e saber*. 5 ed. Petrópolis, Vozes, 1997. p. 21-34.

<sup>2</sup> Por ética cristã entenda-se um modo de ser cristão no mundo na configuração com Cristo, a vítima que desce as vítimas da cruz. De forma alguma se deseja afirmar uma vida ou reflexão ética indiferente à ética secular, exclusiva dos cristãos.

Enfim, trata-se de lançar as bases de uma *Ética Teológica Cristã da Libertação*<sup>3</sup>. Em função disso, almeja-se perceber a atuação cristã na contemporaneidade, analisando o que há de produção teológica libertadora sobre este agir cristão. O objeto do primeiro capítulo, portanto, fundamenta-se no conhecimento da realidade histórica da reflexão *Ética Teológica* que mais se aproxime de um apelo vindo da periferia.

O percurso do primeiro capítulo se desenvolverá na perspectiva do “Ver”, do método Ver-Julgar-Agir. Não se trata, porém, de uma análise histórica, antes de perceber algumas linhas mestras na história, especialmente do século XX e XXI, que têm contribuído para a configuração da *Ética Teológica* contemporânea. Respondido este primeiro objetivo, busca-se averiguar a produção de uma *Ética Teológica da Libertação*.

No contexto do século XX e XXI, o Vaticano II marca a virada de um tempo. Dele o fruto mais eminente é a *Moral Renovada*. Percebendo seus valores e limites, esta última será confrontada com a *Ética da Libertação*. Algumas respostas serão apresentadas no intuito de chegar aos postulados que nos fazem aproximar do pensamento de Jon Sobrino. Em síntese, a tentativa é responder às perguntas: Em que sentido a *Ética Teológica Cristã* contemporânea responde ao apelo de Deus vindo do continente latino-americano? Há alguma elaboração de uma *Ética Teológica da Libertação*? É o que vem a seguir.

## **1.1 Renovação da Teologia Moral a partir do Vaticano II**

A importância da renovação da ética cristã para a teologia e para a Igreja é ímpar. Até o Vaticano II, havia um claro descompasso entre a *Ética Teológica* e a reflexão teológica em geral, bem como entre a *Ética Teológica*, as ciências e a filosofia. Uma produção marcada pela heteronomia e pela casuística dividia espaço com uma mentalidade ilustrada.

A *Moral Renovada* trouxe esperanças na tentativa de responder às angústias do homem moderno. A renovação da *Teologia Moral*<sup>4</sup>, porém, carrega em seus umbrais a mentalidade reinante de séculos anteriores. Não são décadas capazes de fazer frente a

---

<sup>3</sup> A partir de agora, o uso das expressões *Ética Teológica Cristã da Libertação*, *Ética Teológica Libertadora* e *Ética Teológica da Libertação* sobriniana definirão o objeto da pesquisa. A expressão “*Ética Teológica*” será utilizada para falar em termos gerais.

<sup>4</sup> *Teologia Moral* e *Ética Teológica* aqui são lidas como sinônimo.

séculos<sup>5</sup>. Tomando esse pressuposto como verdade, antes de abordar a teologia da Moral Renovada, convém elencar traços da teologia moral reinante até o Concílio.

### 1.1.1 Antecedentes do Concílio Vaticano II

Os manuais neo-escolásticos, de inspiração tridentina<sup>6</sup>, se situam entre os séculos XVIII e primeira metade do século XX. Levá-los em consideração faz-se indispensável para compreender a renovação da Teologia Moral. Sua importância desdobra-se por eles terem se difundido não só nos seminários, bem como na mentalidade dos que freqüentavam as igrejas<sup>7</sup>.

Os Manuais de Moral circunscrevem-se no objetivo que eles se propunham, a saber, de serem livros de fácil manuseio aos confessores. Compreendê-los nesta ótica ajuda a melhor situar a teologia que lhe é própria, evitando fixar-se em uma imagem estereotipada. Em linhas gerais, o que se pretende é descrever o significado de sua teologia.

Os Manuais valorizavam o universal na tentativa de encontrar traços comuns do agir dos seres humanos, mas suplantando as diferenças. Marca decisiva de suas características apoiava-se na busca de referenciais perenes para o agir, sustentados sobretudo na lei natural em meio à transitoriedade histórica. Eles davam importância ao agir em contraposição ao sujeito agente. De visão mais objetiva, debruçavam-se sobre atos em detrimento da pessoa. Além disso, se dava mais atenção ao indivíduo que às questões sociais<sup>8</sup>.

Os pontos mais significativos da Moral dos Manuais trouxeram conseqüências para a teologia e a vida da Igreja. A Teologia Moral se tornava cada vez mais uma disciplina autônoma, afastando-se da teologia sistemática. Instalava-se uma crise moral: contexto propício para a emergência da Moral Renovada. Nesse sentido, cabe elucidar os limites da moral advinda dos manuais.

---

<sup>5</sup> Na verdade, o esboço do Tratado de Teologia Moral, *De ordine morali*, que em primeira mão fora apresentado no Concílio, representava mais a tendência conservadora. Este esquema condenatório dos “erros de hoje” fora rejeitado em seu todo e substituído por outro que aceitava as transformações da Teologia Moral. (cf. *Acta et Documenta Oecumenico Vaticano II apparando*. Series II. Praeparatoria. V. III. Pars I: Vaticano, 1969. p. 24-5. Apud VIDAL, M. *Nova Moral Fundamental: o lar teológico da ética*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 450-451).

<sup>6</sup> O primeiro Manual de Moral surge com o jesuíta Azor em 1600, sob o título de *Sacrae Theologiae Moralis* (cf. MOSER, A.; BERNARDINO, L. *Teologia Moral: impasses e alternativas*. Petrópolis: Vozes, 1987. v. 5, p. 35. Coleção A Libertação na história).

<sup>7</sup> Cf. MOSER; BERNARDINO, Teologia Moral, p. 36.

<sup>8</sup> Cf. MOSER; BERNARDINO, Teologia Moral, p. 37.

A reflexão teológica estagnada não mais respondia aos apelos dos novos tempos, pois estava envolta em uma auréola que lhe dava um tom de sacralidade do agir impermeável à crítica. Em uma visão negativa do ser humano e do mundo, a Moral dos Manuais levava a focar mais o pecado que a graça. A interpretação da lei enveredava para o legalismo – na equiparação quase simultânea da lei divina com as leis eclesiais e até civis –, por meio do casuismo. A Moral dos Manuais, de tipo privatista, desenvolvia-se sem nexo com o social e o político<sup>9</sup>.

Os Manuais neo-escolásticos, influenciados pelos Penitenciais, pelo nominalismo, por toda a Baixa Escolástica e pela incapacidade de enfrentar os novos problemas com outras coordenadas, acabaram por acentuar tanto a casuística, que se confundem com ela. Manuais neo-escolásticos ou casuística se tornaram quase sinônimos<sup>10</sup>.

Por outro lado, o século XIX carrega a marca de um momento de grande efervescência social e pluralidade na produção teológica: um período de crescentes estudos bíblicos e patrísticos. Nessa linha, a Escola de Tubinga passa a ter importância singular. Os fatores principais delineiam o significado teológico do século XIX: prevalece o espírito da moral afonsiana<sup>11</sup>; surgem as primeiras tentativas de renovação inspiradas pelo reflorescimento de estudos bíblicos e patrísticos; redescobre-se a ética tomista e ainda percebe-se a prevalência moral casuística nos Manuais de “estilo romano”<sup>12</sup>.

### 1.1.2 Séculos XX e XXI: desafios e relevâncias

No despontar dos últimos séculos, aparecem no cenário eclesial três tentativas de uma nova produção da Ética Teológica. Há setores na Igreja que ainda buscam seu norte nos Manuais neo-escolásticos. Outros apostam na direção de uma renovação imediata decorrente do Vaticano II, a Moral Renovada. Um terceiro setor parte do Vaticano II, passa por Medellín e Puebla, almejando uma elaboração ético-teológica com traços mais característicos da América Latina<sup>13</sup>.

No século XX, a preocupação volta-se, sobretudo, para a delimitação de um princípio unificador da Teologia Moral. Sem desconsiderar a lei máxima da ética cristã, a

---

<sup>9</sup> Cf. CNBB. *A Teologia Moral em meio a evoluções históricas*. São Paulo: Paulinas, 1992. v. 2, p. 47-50.

<sup>10</sup> CNBB. *A Teologia Moral*, p. 49.

<sup>11</sup> Teologia Moral de inspiração nas idéias de Santo Afonso.

<sup>12</sup> Cf. VIDAL, Nova Moral, p. 427.

<sup>13</sup> Cf. CNBB. *A Teologia Moral*, p. 43.

adesão à vida em Cristo, pensa-se ser lícito perguntar por um fundamento último de eticidade comum a todos os homens e por um eventual princípio que unifique a reflexão especificamente cristã<sup>14</sup>.

Nesse contexto, destacam-se alguns teólogos renomados. F. Tillmann buscou o fundamento do chamado neo-testamentário para o seguimento de Jesus. Todo o comportamento cristão não seria mais que explicitação situada da resposta ao chamado do Mestre<sup>15</sup>. E. Mersch dedicou bons estudos à Igreja como Corpo de Cristo. Considerou o comportamento ético cristão como um processo de incorporação a Cristo<sup>16</sup>. J. Stelzenberger se fixou na centralidade do anúncio do Reino de Deus, sobretudo nos evangelhos sinóticos. O comportamento moral dos cristãos dá-se na acolhida e construção do Reino de Deus<sup>17</sup>. G. Gillemann se baseou claramente nos escritos joaninos e paulinos, e considerou o comportamento moral dos cristãos como uma realização histórica do mandamento da caridade<sup>18</sup>. Destaca-se o pensamento do moralista católico B. Häring. Esse teólogo pensou a moral cristã, em sua obra, *A Lei de Cristo* (1954), a partir do paradigma da Lei de Cristo. Insistiu continuamente na normatividade da pessoa de Cristo. Bernard Häring valorizou o caráter cristocêntrico da moral, insistindo nas atitudes do cristão diante de Cristo. Ele inspira a liberdade e a fidelidade humana<sup>19</sup>.

Esses teólogos supracitados dão o tom da renovação da Teologia Moral. Algumas tendências na Igreja continuarão a insistir na visão neo-escolástica<sup>20</sup>. Outros, dos quais trataremos mais tarde, ao contrário, visam à elaboração Ética Libertadora. Por ora, será analisada a Teologia Moral Renovada que contribuirá para pensar a Moral da Libertação.

### 1.1.3 Traços característicos da Moral Renovada

O Concílio Vaticano II emerge na história da Igreja como um divisor de águas. Foi o ponto de chegada de vários movimentos eclesiais em busca de renovação na Igreja. O

---

<sup>14</sup> Cf. FLECHA, A. J. R. *Teologia Moral Fundamental*. 3 ed. Madrid, 1999. p. 58-60. BAC.

<sup>15</sup> Cf. FLECHA, Teologia Moral, p. 60.

<sup>16</sup> Cf. FLECHA, Teologia Moral, p. 60.

<sup>17</sup> Cf. FLECHA, Teologia Moral, p. 60.

<sup>18</sup> Cf. FLECHA, Teologia Moral, p. 60.

<sup>19</sup> Cf. FLECHA, Teologia Moral, p. 60.

<sup>20</sup> O contexto atual pede respostas que a ética tomista por si não oferece; o que não quer dizer que ela não tenha importância.

Concílio foi também o impulsionador de uma corrente de renovação que lhe sucede. Para a Ética Teológica, bem como para toda a vida cristã, este movimento pascal, de ressignificações profundas, não foi menos inspirador.

Apesar da relevância do evento conciliar, alguns o questionam. Afirmam que as referências explícitas à Moral da Autonomia nos documentos do Vaticano II sejam parcimoniosas. Tais defensores concluíram que, por alusão explícita tão limitada, o Concílio não colaborou tanto para a renovação. Outros, porém, entenderam que, apesar dos poucos textos, a Teologia Moral deve se inspirar na mensagem conciliar e continuar o processo de renovação iniciado<sup>21</sup>. O fato inegável é que o Concílio faz uma clara opção pela renovação da Teologia Moral centrada na pessoa de Jesus. Diversos teólogos<sup>22</sup> baseiam-se no documento *Optatam Totius*, tomando-o como chave de leitura principal para a Teologia Moral conciliar.

Consagre-se cuidado especial ao aperfeiçoamento da Teologia Moral cuja exposição científica, mais alimentada pela doutrina da Sagrada Escritura, evidencie a sublimidade da vocação dos fiéis em Cristo e sua obrigação de produzir frutos na caridade para o mundo<sup>23</sup>.

Por outro lado, o documento enfatiza que a teologia moral deveria ser de caráter científico. Além disso, pensa-se que ela deveria ter clareza quanto à especificidade cristã. Tratava-se de optar por uma orientação mais positiva e as normas deveriam ser centrada na pessoa de Jesus em vista da perfeição cristã, ser de caráter eclesial frente a um contexto anterior que enfocava a moral dos atos. A caridade deveria ser tomada como fonte unificadora da moral e a ação cristã no mundo em sua práxis<sup>24</sup>.

A Moral Renovada procurou responder aos apelos da *Optatam Totius*. Apresentou-se como alternativa ao esgotamento da Moral dos Manuais e despontou-se como um sinal concreto dentre os frutos do Vaticano II<sup>25</sup>. Nessa forma de teologizar, retomou-se uma moral mais cristocêntrica. A Sagrada Escritura voltou ao topo da teologia. O mundo

---

<sup>21</sup> Cf. MOSER; BERNARDINO, Teologia Moral, p. 55.

<sup>22</sup> Cf. VIDAL, Caminhos, p. 30; VIDAL, Nova Moral, p. 453; AGOSTINI, Teologia Moral, p. 91. AZPITARTE, E. L. *Hacia una nueva visión de la ética cristiana*. Santander: Sal Terrae, 2003. p. 193-210. HÄRING, B. *A Moral depois do Concílio*. Lisboa: Moraes, 1968. CAPONE, D. *Introduzione alla Teologia Morale*. Bologna: EDB, 1972.

<sup>23</sup> DECRETO *Optatam Totius*, n. 16. Sobre a Formação Sacerdotal. In: *Compêndio do Vaticano II*. Constituições; Decretos; Declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>24</sup> Cf. VIDAL, Nova Moral, p. 453.

<sup>25</sup> No panorama das opções pós-conciliares, predominou a *Moral da Autonomia Teônoma* e a *Ética da Fé*. As duas tendências, muitas vezes em oposição, distinguem-se pela maneira de compreender e de expor a influência da fé sobre o agir dos cristãos. Para a Ética da Fé, a fé é fonte de uma vivência e reflexão específica da própria fé. Para a Autonomia Teônoma, a fé insere-se ao mesmo tempo no âmbito da autonomia moderna (Cf. VIDAL, Nova Moral, p. 476-477).



passou a ser visto não mais como inimigo, sim como lugar no qual produz frutos de caridade, o que significou uma abertura ao diálogo com o mundo moderno. A graça ganhou maior realce que o pecado. O legalismo perdeu peso para a suavidade do amor do Cristo. Esses apontamentos do Vaticano II possibilitaram uma moral mais dinâmica, que valorizasse a práxis mais que a teoria, a consciência mais que a lei<sup>26</sup>.

Uma moral mais cristocêntrica recoloca a reflexão do agir na perspectiva da revelação cristã. Parte-se agora da resposta última de Deus ao homem em Cristo. É nele que se dá o chamado ao seguimento como contínua interpelação. A Ética Teológica em uma perspectiva mais cristocêntrica se afirmou por volta dos anos 60 e 70, em meio ao clima de renovação bíblica e litúrgica com J. Sailer, J. B. Hirscher, F. Tillmann e o memorável B. Häring, evidenciando a sublimidade da vocação dos fiéis em Cristo<sup>27</sup>.

Na verdade, já antes do Concílio, havia um desejo de “volta” hermenêutica à Sagrada Escritura, certo de que, no período áureo dos Santos Padres e da Escolástica, a Teologia Moral era escriturística. Entretanto, mesmo com J. Sailer e J. B. Hirscher, a leitura da Escritura ainda não deixava de ser de cunho fundamentalista à medida que os textos bíblicos eram tomados para justificar a moralidade cristã. Somente com F. Tillmann, a vida moral começou ser estruturada a partir da Escritura. Häring prosseguiu nesse caminho. Em suma, a partir desses autores, a Escritura torna-se pouco a pouco fonte inspiradora da boa-notícia na vida dos cristãos. Mais que um imperativo, ela é um indicativo da vida ética cristã<sup>28</sup>. Trata-se, portanto, de propugnar uma visão mais positiva da salvação em Cristo, fundamentada na Sagrada Escritura como fonte inspiradora do agir criativo. O mundo agora passa a ser visto como lugar da Criação. Reconhece-se a sua autonomia e, diante dela, urge a tarefa cristã de realizar frutos de caridade<sup>29</sup>.

O diálogo com a modernidade tornou-se inadiável. A razão crítica punha em questão a visão tradicional da fé. Já se perguntava K. Rahner<sup>30</sup>, como pode o homem moderno sinceramente crer tendo em conta a autonomia moderna. Levando em conta os pressupostos

---

<sup>26</sup> Cf. ORDUÑA, R. R. Esboço histórico da Teologia Moral. In LOPES, AZPITARTE, E.; MORA BARTRES, G.; ORDUÑA, R.R. *Práxis Cristã: Moral Fundamental*. São Paulo: Paulinas, 1983. v. 1, p. 90.

<sup>27</sup> Cf. MOSER; BERNARDINO, Teologia Moral, p. 57.

<sup>28</sup> Cf. MOSER; BERNARDINO, Teologia Moral, p. 55-56.

<sup>29</sup> Cf. MOSER; BERNARDINO, Teologia Moral, p. 58-60.

<sup>30</sup> Cf. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. 2 ed., São Paulo: Paulus, 1989. p. 23 (Coleção Teologia Sistemática).

filosóficos e científicos da modernidade, a teologia encontraria na própria revelação uma forma de dizer o fato revelado<sup>31</sup>.

Outro desafio da Moral Renovada estabelecia-se frente a forte exacerbação da noção de pecado. Uma compreensão mais global da pessoa possibilitou um redimensionamento desta visão. Deu-se mais acento, agora, à salvação em Cristo. A graça passou a ter primazia sobre o pecado<sup>32</sup>.

Por fim, no intuito de superar o legalismo, foi preciso reinterpretar o “imperativo categórico” a partir da Lei moral autônoma nas categorias da Aliança. Esta mudança realçou o convite de Deus ao ser humano como seu parceiro, um apelo de Deus que interpela o ser humano como sujeito livre e capaz de conhecer a Revelação. Não se trata, pois, de uma determinação legal a cumprir, mas de resposta a um chamado ao qual se responde a partir da autonomia da Lei<sup>33</sup>.

Depois do Concílio, os temas privilegiados foram a relação entre moral e religião, entre fé cristã e moral e a especificidade da moral cristã. A Moral Renovada buscava responder, sobretudo, os questionamentos do homem moderno. A modernidade converteu-se, por isso, em juízo de plausibilidade do discurso teológico-moral<sup>34</sup>.

Mesmo considerando a importância do Concílio e da Moral Renovada, seus postulados ainda soam como cantigas incomunicáveis com a realidade da América Latina. A Moral Renovada ainda apresenta um discurso abstrato, postulados universalizantes em detrimento da situação concreta, uma imagem de Cristo que não contempla a face do povo sofrido, injustiçado, e que espera ansioso pela libertação. Enfim, o continente latino-americano de tantas exclusões, mortes e dores não pode prescindir de uma Ética Libertadora, capaz de dar tom real à experiência mística de fé.

## **1.2 Limites da Moral Renovada no contexto latino-americano**

Parafrazeando o pensamento de E. Kant, a Moral Renovada, em confronto com o contexto latino-americano, será levada ao tribunal da verificação de seus postulados. A

---

<sup>31</sup> Cf. VIDAL, Caminhos, p. 30-33.

<sup>32</sup> Cf. MOSER; BERNARDINO, Teologia Moral, p. 60-61.

<sup>33</sup> Cf. MOSER; BERNARDINO, Teologia Moral, p. 61-62.

<sup>34</sup> Cf. VIDAL, Caminhos, p. 30.

pergunta a ser respondida é: Até que ponto a Moral Renovada consegue abarcar as intuições epistemológicas de elaboração Ética Teológica da experiência de fé do povo latino-americano?

Com as questões levantadas, não se deseja desconsiderar o valor da Moral Renovada. Também não se trata de desconhecer sua importância histórica. Almeja-se, apenas, constatar seus limites. Conhecendo melhor os desafios da realidade latino-americana e a escassa elaboração no campo da Ética Teológica Libertadora<sup>35</sup>, pretende-se, então, indicar caminhos de renovação não só para a América Latina, mas também para toda a Teologia Moral<sup>36</sup>.

O primeiro limite da Moral Renovada, em relação ao contexto latino-americano, vem do interlocutor. O homem moderno europeu vive os ares da Ilustração. A pergunta teológica que lhe advém é a do ateísmo, do agnosticismo, cada vez mais crescentes. Pobreza, desigualdade e exclusão não estão na pauta das urgências teológicas. A Moral Renovada não elabora uma práxis transformadora do agir ético dos cristãos<sup>37</sup>.

A Moral Renovada responde aos apelos do seu interlocutor. Ao homem moderno se dirigem suas atenções. A formulação teológica da Moral Renovada busca a verdade da fé no seu próprio interior. Torná-la clara em seus argumentos era o maior desafio frente à Ilustração. A Moral Renovada pretendia libertar a teologia do autoritarismo, do erro histórico, do mito e do obscurecimento do significado da fé diante da autonomia.

Os temas priorizados pela Moral Renovada, a saber: o específico da moral cristã, a autonomia, heteronomia e teonomia, o ateísmo, a consciência, enfim, as indagações do homem moderno traduzem claramente este horizonte da fé. Para um povo empobrecido, as urgências são outras. Todos esses temas têm sua relevância. O problema fica no enfoque dado e na hierarquia de valores a eles concedido, diante de um mundo que padece e clama por justiça e pela dignidade humana ameaçada dos empobrecidos e excluídos<sup>38</sup>.

A aplicação universal dos conteúdos teológicos da Moral Renovada baseia-se num idealismo irreal. A forma como pobres e ricos enfrentam as problemáticas elencadas difere-se muito. Para os pobres, evoca-se, sobretudo, a justiça diante da vida ameaçada. A igualdade

---

<sup>35</sup> Logo, se discutirá o mérito da questão.

<sup>36</sup> Já de antemão, vale esclarecer que não se busca elaborar uma ética teológica libertadora exclusiva da América Latina, mas a partir de sua realidade em vistas universais.

<sup>37</sup> Cf. MOSER; BERNARDINO, Teologia Moral, p. 64-65.

<sup>38</sup> Cf. MOSER, A. A representação de Deus na Ética da Libertação. *Concilium*, Petrópolis, n. 192, p. 198, 1984.

distributiva, nesse caso, é injusta. A proposição ética da igualdade seria um fardo pesado para o pobre ou seria simplesmente relegada a um discurso mudo. Isto se dá porque não trata dos desiguais com desigualdade segundo a dignidade comprometida pelo empobrecimento e exclusão social<sup>39</sup>.

Em suma, a renovação da teologia proveniente do Vaticano II levou à superação do individualismo, valorizando o sujeito como pessoa. Compreendeu, porém, a relação pessoal associada a um âmbito quase privado, eu-tu. E, sabendo-se dos desafios latino-americanos, nota-se a ausência de uma perspectiva mais social que incorpore o impacto das ciências sociais para o agir<sup>40</sup>.

### **1.3 Tentativas de responder aos limites da Moral Renovada**

Frente aos limites da Moral Renovada, em equiparação com a realidade latino-americana, outros desdobramentos fazem-se necessários. Alguns personagens se empenharam na construção de um novo panorama para a reflexão ética. Diante de uma compreensão comum da escassa elaboração sistemática da Ética da Libertação, se propuseram a contribuir com esse processo. A breve exposição sobre o pensamento de alguns desses autores mais importantes na perspectiva da libertação se justifica, porque se tem como meta apenas salientar o horizonte da reflexão. Não se trata, então, de fazer uma exposição exaustiva do pensamento desses teólogos moralistas, mas uma apresentação em linhas gerais para salientar os aspectos fundamentais de sua perspectiva na ótica de uma Ética Teológica Libertadora.

#### **1.3.1 Marciano Vidal**

M.Vidal demonstra preocupação com a reflexão ética teológico-social<sup>41</sup>. Seu pensamento busca explicitar os fundamentos da fé no evento Cristo. Para isso, o autor faz uma análise da Sagrada Escritura, passa por correntes da Tradição e analisa sistematicamente a metodologia da moral social. Ao dedicar mais atenção aos aspectos concretos da ação, ele

---

<sup>39</sup> Cf. MOSER; BERNARDINO, Teologia Moral, p. 68-69.

<sup>40</sup> Cf. AGOSTINI, Teologia Moral, p. 94.

<sup>41</sup> Cf. VIDAL, M. *Moral de Atitudes*. Moral Social. Aparecida: Santuário, 1980. v. 3. E a obra *Nova Moral Fundamental* apresenta um bom resumo.

relaciona a Ética Teológica Cristã social com situações específicas, tais como direitos humanos, economia, política, cultura, etc.

Sobre a Ética da Libertação, propriamente, M. Vidal dedica uma pequena reflexão. Ele partilha da opinião de que “não existem éticas, ao menos escritas, em conexão direta com a teologia da libertação. As alusões éticas [...] não passam de simples formulações de inquietudes [...]”<sup>42</sup>. Na parte dedicada à Ética da Libertação, M. Vidal busca os estatutos específicos da Ética Libertadora em relação à teologia e à Teologia da Libertação, e destaca o esquema básico da Ética Libertadora. Seguindo o nosso objetivo que é perceber as lacunas existentes no campo da Ética da Libertação e tentar procurar caminhos para ela, esta segunda parte da obra de M. Vidal se destaca em função desta pesquisa.

Marciano Vidal entende que uma moral social vivida em contexto de opressão e injustiça só pode ser assumida como opção pelos oprimidos. A Ética Teológica da Libertação reflete sobre situações humanas mais justas que contemplem o pobre como objeto da reflexão. Para isso, deve estar atenta para não ser manipulada, cooperando com as ideologias da ordem estabelecida. Em vez de partir de uma reflexão abstrata, ideal, a Ética Libertadora se firma no anúncio profético de Jesus Morto e Ressuscitado. Defende, assim, a justiça e assume postulados da racionalidade crítica e utópica, sem confundir seu estatuto<sup>43</sup>.

A opção pelo pobre é o ponto de partida da Ética da Libertação. Nela situa o lugar teológico de onde parte sua reflexão, que condiciona o agir moral. A opção pelo pobre leva a uma ética da indignação que nasce da compaixão com o que sofre. Assim, abre-se para o agir um horizonte irrenunciável associado à práxis libertadora. Ler a história e o presente como “lembrança da paixão” é iniciar a “narração da ressurreição”. Ao introduzir a opção pelos pobres na metodologia teológica, a Ética da Libertação interpreta os textos da Sagrada Escritura, dos Santos Padres e do Magistério sob o matiz do excluído. O que não significa distorcer essas fontes teológicas, mas aprofundar o que já lhe é próprio<sup>44</sup>.

A opção pelos pobres não reduz o conteúdo da moral já estabelecido a partir do paradigma da autonomia. Significa, diferentemente, que os temas da moral são vistos a partir da causa do pobre, articulando um projeto histórico de libertação. O tratado da moral, portanto, que se deixe interpelar pela libertação dos oprimidos implicará, também, em assumir

---

<sup>42</sup> VIDAL, Moral, v.3, p. 124.

<sup>43</sup> Cf. VIDAL, Moral, v.3, p. 130-131.

<sup>44</sup> Cf. VIDAL, Nova Moral, p. 468.

o método sócio-analítico, de leitura da realidade, e uma visão mais estrutural da reflexão ética<sup>45</sup>.

Nesse sentido, a Ética da Libertação acrescenta ao substantivo “caridade” o adjetivo política; à justiça acrescenta social; e ao pecado, a categoria estrutural. Nela, a caridade assume uma perspectiva específica comprometida com a transformação da sociedade. À justiça obriga-se uma nova postura diante da ordem estabelecida. E o pecado passa a ser tratado sob o regime das estruturas. O pecado é causador de cisão das relações sociais, históricas e fraternas de amor<sup>46</sup>. Afirma Vidal:

São muitas as características da Ética Libertadora que tem uma função instrutiva para o discurso teológico-moral geral. Entretanto, creio que todos eles possam ser resumidos nos seguintes: a opção preferencial pelos pobres como perspectiva básica do discurso teológico-moral, e a dimensão estrutural da realidade humana como orientação dos projetos teológico-morais<sup>47</sup>.

O moralista escreve um tratado volumoso de Moral Social. Sua intenção, porém, não parece voltada explicitamente para a questão da Ética Libertadora porque o centro da reflexão é a sociedade sem privilegiar os excluídos. O autor se empenha em fundamentar a ética teológica na autonomia-teônoma, conjugando o desafio da modernidade com a proposta do Vaticano II. Ele dá especial destaque a assuntos como Teologia e Ética, bem como Ética e sociedade.

Apesar de considerar a opção pelos pobres como ponto de partida da Ética da Libertação, Vidal não tira as conseqüências dessa afirmação. Em suma, ele indica o caminho, mas não toma o pobre como fato revelador da ação cristã. Sua reflexão carece de uma consideração do pobre como lugar teológico.

### 1.3.2 Francisco Moreno Rejón

F. M. Rejón desenvolve uma reflexão a partir da América Latina sobre a Moral Fundamental<sup>48</sup>. A característica mais importante de seu pensamento diz de uma Ética da Libertação vivida como espiritualidade e formulada sistematicamente como um saber crítico e científico.

---

<sup>45</sup> Cf. VIDAL, Nova Moral, p. 469-470.

<sup>46</sup> Cf. VIDAL, Nova Moral, p. 470-473.

<sup>47</sup> VIDAL, Nova Moral, p. 465.

<sup>48</sup> REJÓN, F. M. *Teologia Moral a partir dos Pobres: a moral na reflexão teológica da América Latina*. Aparecida: Santuário, 1987. (Coleção Teologia Moral na América Latina).

O autor parte da distinção fundamental entre a vida como ato primeiro do teologar e a reflexão como processo segundo. Tomando como chave de leitura a moral, analisa criticamente a situação latino-americana. Verifica os antecedentes sócio-culturais e faz uma análise do contexto histórico.

Teologia e Moral, em seu entender, devem caminhar em estreita unidade, “[...] na prática a resposta à pergunta teológica sobre Deus inclui em si a resposta à pergunta ética sobre a condição humana”<sup>49</sup>. Isto supõe aceitar, segundo F. M. Rejon, a realidade como algo que se vive e se percebe. Dessa prática, emerge a reflexão ética sistemática. Incorpora-se, assim, a experiência pessoal e coletiva à reflexão. “A realidade e a práxis, lidas pelas ciências do social e interpretadas à luz da razão e da fé pela teologia e pela moral, vão-se transformando e, portanto, vão sendo novamente interpretadas num processo incessante”<sup>50</sup>.

A moral latino-americana, defendida por F. M. Rejón, diz respeito ao lugar social e hermenêutico da teologia. Ambos se relacionam dialeticamente. O aspecto sociológico oferece os traços específicos da realidade da América Latina, convertendo-se em instância ética de tomada de posição contra o sofrimento dos pobres. O compromisso emana da vivência e do padecimento da situação. A solidariedade na dor torna-se a fonte constitutiva do agir e da ética.

A elaboração da Teologia Moral supõe a opção por um modelo ético. F. M. Rejón escolhe a autonomia como modelo ético, pois este apresenta abertura à modernidade, além de favorecer uma aproximação com a América Latina no sentido de evocar a superação de qualquer tipo de dominação. A moral autônoma articula-se à teonomia, ou seja, requer um horizonte de transcendência, Deus como fundamento da ação humana. A Ética da Libertação, apesar da aproximação com a moral da autonomia teônoma, prescinde da real situação de miséria na qual vivem os pobres.

Nesse sentido, a principal conquista da Ética Libertadora consiste em ter de formular uma ética crítica e práxica, incorporar a dimensão profética e utópica inerente à mensagem moral da bíblia. E tudo isso tendo como eixo articulador e critério de moralidade a opção preferencial pelo pobre.

---

<sup>49</sup> Cf. CONNE, J. H. *Libertación and Christian Ethics*. In \_\_\_\_\_. *God of the Oppressed*. Nova Iorque: Seabury, 1979. p. 195.

<sup>50</sup> REJÓN, Teologia Moral, p. 103.

As principais contribuições do pensamento de F. M. Rejón são: o método adotado, a moral situada, a moral como ciência e espiritualidade, a reavaliação da dimensão utópica da ética e a retomada da reflexão sobre o pecado nos três níveis da salvação-libertação. O autor caminha mais para uma análise metodológica. Avança em relação a M.Vidal, que não considera o pobre e o tema da libertação incluídos no discurso da ética. F. M. Rejón almeja mais. O pobre e a libertação são assumidos como postulados metodológicos. Aqui se dá sua grandeza e seu limite.

Marciano Vidal se serve das intuições da Teologia da Libertação como fonte inspiradora para a Ética da Libertação e apresenta os indícios de como fazer ética na América Latina, sem contudo desenvolver o conteúdo. Rejón, por sua vez, parte do princípio da Teologia da Libertação, cujo método é seu próprio conteúdo e espiritualidade, mas ainda não dá o passo necessário para a configuração ético-sistemática, porque ele somente aponta o caminho.

### 1.3.3 Antônio Moser e Bernardino Leers

Os autores A. Moser e B. Leers escreveram uma bela obra em comum<sup>51</sup>. Uma das mais ilustrativas sobre a Ética da Libertação. Por essa razão e também pelo motivo de compartilharem da opinião que “existe pouco de sistemático no campo da Teologia Moral”<sup>52</sup>, o pensamento de ambos se identifica e podem ser apresentados de maneira associada, na mesma perspectiva.

A obra *Teologia Moral – impasses alternativas* estrutura-se em três partes. Primeiro, em vista de uma Ética da Libertação, faz uma leitura crítica de várias correntes teológicas da moral, apontando para uma leitura no estilo Ética Libertadora. Segundo, relê temas teológicos fundamentais, percebendo suas implicações para a Teologia Moral. Terceiro, formula uma Ética da Libertação. Os passos articuladores da obra partem do sujeito social, levam a uma sociedade nova e buscam caminhos que podem eventualmente prepará-la<sup>53</sup>.

---

<sup>51</sup> Cf. MOSER; BERNARDINO, Teologia Moral.

<sup>52</sup> MOSER; BERNARDINO, Teologia Moral, p. 72.

<sup>53</sup> Em um olhar mais superficial, e para quem não conhece a obra, parece ser uma leitura sociológica. O fato é que todos os passos metodológicos estão imbuídos dos dados da revelação.



As questões candentes desenvolvidas, dado o contexto e a perspectiva teológico-moral, são quatro: o estatuto epistemológico, que favorece a sadia dialética entre Teologia e Moral; a normatividade, cuja *norma normans* é Jesus Cristo, que ilumina o seguimento concreto; o conteúdo, que se concretiza na ortopraxis cristã cuja autenticidade se confere no caráter libertador; e o diálogo com a modernidade, que resgata os valores implícitos no Vaticano II e serão lidos a partir dos empobrecidos.

O conteúdo desenvolvido por A. Moser e B. Leers, porém, vai mais longe. Os autores enfrentam três questões muito pertinentes na elaboração de uma ética em vista da América Latina: a articulação do ideal cristão com as mudanças próprias de cada tempo; a relação intrínseca entre responsabilidade pessoal e social, e a dinâmica própria existente entre o plano religioso e o político-social.

Os autores recordam que o ideal sem dúvida não poderá ser sacrificado em nome do real. O ideal pelo ideal se perde em abstração e, ao ser apresentado como um projeto, torna-se alheio a realidade. Visto na perspectiva da historicidade, o apelo moral se apresenta na ótica do fascínio. Seja qual for o objetivo a ser alcançado, esse será plausível, pois foi compreendido nos percalços do processo histórico<sup>54</sup>.

Acentuam ainda que, de forma semelhante ao ideal e ao real, a relação pessoal e social se exigem. Uma perspectiva somente pessoal não traduziria para as próprias pessoas a rede de influências da macroestrutura social. Por outro lado, nenhuma estrutura, por melhor que seja, é capaz de trazer vida sem receber a adesão das pessoas. Nesse sentido, uma Ética Teológica da Libertação visa à emancipação da pessoa na participação de um projeto social<sup>55</sup>. Na visão desses autores o religioso, se se isola da política, seria causa de alienação. A política que negue o religioso perde força mística, perde leveza, característica do ideal religioso. As duas epistemes, portanto, têm estatutos próprios e distintos. Esta relação se manterá saudável, se o aspecto histórico-político estiver aberto ao transcendente e vice-versa.

Os três eixos da reflexão apresentados dão a tônica dos conteúdos da fé. Do ponto de vista temático, a exposição de A. Moser e B. Leers não apresenta novidade. Eles contemplam temas apresentados em qualquer reflexão ética teológica, a saber, o seguimento, o Reino, a escatologia, a consciência. Na abordagem teológica apresentada não há inovação. Ao analisarem esses temas, os autores demonstram fidelidade à herança da fé.

---

<sup>54</sup> Cf. MOSER; BERNARDINO, Teologia Moral, p. 117.

<sup>55</sup> Cf. MOSER; BERNARDINO, Teologia Moral, p. 117-118.

Por outro lado, a novidade do pensamento dos referidos teólogos subsiste na ênfase mais histórica ou mesmo em traços mais marcados pela teologia da encarnação. O seguimento não é só idealizado, mas acolhido no concreto da revelação de Deus em Jesus Cristo. Sem ignorar a reserva escatológica, tiram-se as conseqüências do advento da escatologia para o tempo presente. O Reino é acolhido como uma tarefa: a realização das promessas de Deus. A consciência é entendida como processo humanizador de relações, inserida na dinâmica histórica de acolhida da fé. Em todos os casos, supera-se uma pseudo-neutralidade da fé.

Na dinâmica de avaliar o processo da fé historicamente e alguns de seus conteúdos sob o prisma de impasses e alternativas, desembocam na contemporaneidade, concentrando a reflexão na relevância da Moral Renovada e da Ética da Libertação. A preocupação com a realidade latino-americana leva a privilegiar a Ética da Libertação. Quanto a esta, o grande mérito está em não só dar os indícios de uma Ética Libertadora, mas em tirar as conseqüências dessa opção.

A Teologia Moral exposta por esses autores é, sem dúvida, um grande avanço em relação às anteriores. Nela a realidade emerge como evento do real, carregando em seu bojo a revelação e tomando o pobre como lugar teológico. Não se percebe, porém, uma reflexão mais articulada entre fé e a libertação pensada à luz da revelação trinitária. Sem dúvida, há elementos da reflexão que não se perdem em patripassionismo<sup>56</sup>, cristomonismo<sup>57</sup> ou pneumatomonismo<sup>58</sup>. Uma reflexão mais acurada sobre a revelação do Pai, no Filho, pelo Espírito parece indispensável para a elaboração e as conseqüências de uma Ética Teológica Cristã da Libertação.

### 1.3.4 Carlos Novoa

Carlos Novoa procura contemplar os elementos de uma Ética da Libertação mais em sintonia com a proposta deste trabalho<sup>59</sup>. Ele relaciona a produção teológica da Ética

---

<sup>56</sup> Patripassionismo é a doutrina segundo a qual o Pai se encarnou, entendendo assim que quem nasceu de uma Virgem e quem sofreu e morreu na cruz.

<sup>57</sup> Reconhecimento unilateral da fé no Filho.

<sup>58</sup> Confissão de fé centrada quase exclusivamente no Espírito Santo.

<sup>59</sup> Cf. NOVOA, C. *El seguimiento historico de Jesus segun el espiritu: formacion de la conciencia moral*. Santafe de Bogota: Pontificia Universidad Javeriana, 1995 (Coleção Teologia Hoy, 22).

contemporânea com postulados teológicos da libertação. Desde a cristologia ascendente, partindo do seguimento do Jesus histórico, procura formular uma Ética Trinitária em perspectiva libertadora. Sua intuição sustenta-se na sua definição de consciência moral, relacionando-a a partir do seguimento histórico de Jesus com a libertação integral em desenvolvimento de uma teologia trinitária<sup>60</sup>.

Novoa entende a consciência moral como algo dinâmico. A pessoa, na tomada de decisão, converte sua ação em um agir livre, por isso situado. Na ambiguidade histórica, a consciência discerne a voz de Deus. O existente se decide em meio a inúmeras faces que assume por uma unidade: eis sua constituição fundamental. A consciência, em suma, implica a totalidade da existência, evocando o sentido último do agir livre e criativo. Nela se configuram as normas, o juízo, a escolha, enfim, toda pessoa. A ação moral implica o ser todo da pessoa, como protagonista de seu processo único, vital e irrepetível. A ação moral, assim entendida, traduz-se como sinônimo de consciência.

Na doação incondicional dos cristãos em configuração com Jesus, em quem se reconhece a presença do reinado de Deus por sua entrega total ao Pai, pelo Espírito, nota-se o que tem sido denominada de consciência moral libertadora. A vida cristã é um arriscar-se livre e criativo como Corpo de Cristo, segundo a parcialidade preferencial de Jesus pelos pobres.

O esvaziamento do Cristo revela o posicionamento de Deus na história. Na opção de Jesus pelos desvalidos, fazendo-se um entre eles em vista da libertação, funda-se a opção preferencial pelos pobres. Deus ouve o clamor do seu povo e vem em seu socorro. Aos marcados por tal empatia, revela-se a face do próprio Cristo.

O seguimento histórico de Jesus, dado na ultimidade da existência em Deus revela o Deus Trindade. Para C. Novoa, a adesão à fé na Trindade torna os cristãos partícipes da vida trinitária. Na vida obediente ao Pai, no seguimento do Filho, segundo o Espírito, realiza-se na história a libertação total. A práxis cristã se conforma assim à revelação trinitária. Indissolúvelmente a este ato, o agir moral de profunda compaixão e indignação diante da injustiça caracteriza-se como libertador.

A originalidade da relação Teologia Moral e Teologia da Libertação expressa-se nas palavras de Novoa:

---

<sup>60</sup> Na trilha dos demais moralistas, C. Novoa visa à elaboração sistemática da moral. Afirma: “Estudiamos la teología de la liberación porque comulgamos con su finalidad de la carência de un planteamiento moral sistemático” (El seguimento, p. 19).

Terminamos constatando as contribuições da teologia da libertação para a consciência moral: a identificação desta com o seguimento histórico de Jesus segundo o Espírito; a preferência pelos pobres no seguimento; a relação entre a consciência e o seguimento e a libertação integral; o caráter histórico do processo; a ortopraxis como dinâmica da dimensão integral da pessoa, a saber, seu aspecto pessoal, social, econômico, político e cultural. Nesse sentido, a contribuição da teologia da libertação para a consciência moral é captar a vivência do seguimento histórico de Jesus conforme esta última, como um caminho de santidade de tipo místico e contemplativo<sup>61</sup>.

Em síntese, algumas teses do pensamento de C. Novoa articulam-se entre consciência, seguimento e práxis, donde se vive a espiritualidade libertadora. A consciência moral corresponde ao seguimento histórico de Jesus e à libertação integral. Nesse sentido, a consciência está marcada pela experiência do Deus libertador que implica em uma práxis. O agir cristão se configura, pois, no seguimento histórico de Jesus, segundo o Espírito, em discernimento da vontade do Pai na história: eis sua espiritualidade.

Carlos Novoa busca uma fundamentação cristológico-trinitária para uma Ética da Libertação. Ele refere-se à contribuição da Teologia da Libertação para a Ética Libertadora. Esta é tirada da consonância entre o evento Jesus de Nazaré e a consciência moral contemporânea. Apesar dessa novidade, o grande limite do pensamento de Novoa está na ausência à referência concreta ao pobre como revelação de Deus, de onde parte sua reflexão.

Dentre os autores apresentados neste trabalho, é o único que inclui uma reflexão trinitária com relação à elaboração de uma Ética Libertadora. Sua reflexão, contudo, apesar de partir de Jesus histórico, não emana do rosto concreto do pobre como evento da revelação. A opção preferencial pelo pobre a que se refere corre o risco de perder-se facilmente em abstração ou generalidades esquecendo os dramas concretos que vivem os pobres.

### **1.3.5 Enrique Dussel**

Outro autor que parece imprescindível para a elaboração de uma ética que tem como ponto de partida o pobre é E. Dussel. Ele desenvolve sua principal obra sobre a Ética da Libertação em três partes<sup>62</sup>: crítica o idealismo, passa pela reflexão mais situacional, “materialista”, e chega à elaboração ética desde as vítimas.

---

<sup>61</sup> NOVOA, El seguimiento, p. 111.

<sup>62</sup> DUSSEL, E. *Ética da Libertação*: na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2000.

Em 1993, E. Dussel iniciou o escrito “Ética da Libertação”. Escreve na esteira de filósofos que, diante da necessidade de responder aos desafios do novo contexto, contribuíram para a mudança do cenário mundial. Fatos importantes que merecem serem lembrados: a queda do muro de Berlim e a desintegração da URSS, que ocasionaram todo um processo de quase desaparecimento do pensamento crítico<sup>63</sup>.

E. Dussel relê a história a partir de centros de influência do progresso da humanidade, quase sempre esquecidos. Faz uma leitura crítica da visão massiva do eurocentrismo e helenismo. Propõe uma leitura da realidade a partir dos esquecidos, dos menos valorizados.

A Ética da Libertação visada em seu pensamento passa engloba o subjetivo, o intersubjetivo e a justiça. Sua visão subjetiva tem traços bem específicos, pois se refere ao sujeito implicado em sua situação no mundo: trata-se da “ética material ou de conteúdo”. Essa ética exige intelecção. Coloca a pergunta existencial acerca da conjuntura na qual o sujeito se encontra. O ato da intelecção sobre a ética material é denominado de “ética formal da libertação”. Com esses dois passos, estão dadas as condições práticas e teóricas. E. Dussel articula esse posicionamento no mundo em torno da factibilidade da ação ética, o bem<sup>64</sup>.

Três são as afirmações centrais do autor. Primeira, o componente material da verdade prática desenvolve a vida do sujeito em vistas à universalidade em um projeto de realização feliz da subjetividade. Segunda, o componente formal, de validade intersubjetiva, cumpre o acordo comunitário da vida pública em consciência ética de responsabilização pessoal. Terceira, o componente da factibilidade realiza a ordem empírica em vista da consumação do *a priori* demarcado dentro das exigências éticas.

Nesse sentido, E. Dussel sugere a reelaboração de todo o sistema ético de cunho ocidental. No mundo da globalização, da exclusão, o valor do bem, da bondade, não tem sido pensado a partir das vítimas. Ele propõe a passagem do mundo da metafísica para o teleológico, da incomunicabilidade do ser à corporalidade falante do rosto do outro, do outro que clama por responsabilidade diante de sua inumanidade. Trata-se da passagem da razão ontológica transcendida da prática para uma razão ético-crítica que tem como fim a libertação do outro<sup>65</sup>.

---

<sup>63</sup> Cf. DUSSEL, Ética da Libertação, p. 14-15.

<sup>64</sup> Cf. DUSSEL, Ética da Libertação, p. 237-297.

<sup>65</sup> Cf. DUSSEL, Ética da Libertação, p. 299-312.

O princípio libertação é o ponto de partida. Este princípio é fundamental pelo fato de que libertação significa que toda ética se inicia no acolhimento libertador da vítima. A Ética da Libertação implica em um *a priori* na responsabilização pelo outro e também um *a posteriori* frente às conseqüências inevitáveis da rede de relações. A pergunta fundamental é a seguinte: Qual a condição vital de uma comunidade pensada na diferenciação de seus membros em responsabilização de uns para com os outros<sup>66</sup>?

A obra de E. Dussel foi publicada em 2000 no intuito de responder à parca elaboração sistemática da Ética da Libertação. Nenhuma outra desenvolve com tanta profundidade o conteúdo da Ética da Libertação. Além do mais, ele já responde a um contexto diferente das éticas referidas até aqui. As demais foram escritas na década de 80 e 90, afirmando claramente a ausência de uma elaboração sistemática da Ética da Libertação. Discute-se se sua reflexão é somente filosófica ou também teológica<sup>67</sup>.

Não há dúvida, contudo, que seu ponto de partida é o rosto dos pobres e a realidade deles acolhida na densidade do significado que o rosto do pobre suscita para o agir. Aparece, assim, um mundo injusto, de dominação e exploração, mas evoca também a “implicação” comunitária à responsabilidade pelo outro vitimizado. O limite, porém, vem do fato de que o pensamento de E. Dussel não assume explicitamente os da revelação cristã cristológico-trinitária.

### **1.3.6 Crítica às tentativas de reformulação da moral latino-americana**

À guisa de conclusão parece fundamental recordar que os autores apresentados anteriormente têm pressupostos ético-teológicos bem diversos. Tomam como ponto de partida visões diferenciadas da revelação e libertação e caminham sobre substratos filosóficos e científicos de difícil aproximação. Talvez, a metodologia e a opção epistemológica proposta pela Ética da Libertação seja o ponto que mais os aproxima.

Quase todos fazem uma aproximação da Teologia da Libertação com a Ética da Libertação, mas sem desenvolver amplamente seu conteúdo. Sem dúvida, o horizonte da Ética

---

<sup>66</sup> Cf. DUSSEL, Ética da Libertação, p. 501-590.

<sup>67</sup> Para o nosso objetivo, a polêmica é irrelevante. Se a obra for teológica, significa que a reflexão sistemática conta com um ganho importante. Se for apenas filosófica, as condições pré-teológicas estão dadas.

Libertadora está dado pelas contribuições da Teologia da Libertação. Mais isto é apenas o primeiro passo, pois ela está ainda no nível da intuição. Consta-se também a carência de vinculação desses ensaios ético- teológicos com o seu evento fundante da fé cristã, a cristologia, e desta com a reflexão trinitária.

Diante de traços comuns da produção Ética Libertadora, cada uma com suas nuances, vale reforçar a pouca produção sistemática. O que não significa que não se possa falar em Ética da Libertação. Nota-se, porém, que a produção é ainda embrionária. Nesse sentido, o propósito desta pesquisa é chamar a atenção para este fato e introduzir novas pistas de reflexão a partir de Jon Sobrino a fim de contribuir para o avanço de uma Ética Cristã da Libertação. É graças a esse intuito que a obra de Jon Sobrino é evocada<sup>68</sup>. Deseja-se buscar na fontalidade da fé o propósito almejado da libertação, sempre com muito cuidado para evitar o voluntarismo, o moralismo ou o politismo. A proposta é pensar uma Ética Libertadora que recupere a força da boa-notícia em sua própria seiva. Trata-se, em suma, de uma tentativa de formulação sistemática da Ética Teológica Cristã da Libertação a partir da cristologia sobriniana.

## **1.4 Contribuição da Cristologia de Jon Sobrino**

A pesquisa em torno da obra de Jon Sobrino visa dar visibilidade aos aspectos fundamentais da Ética Teológica cristã refletida a partir dos pobres, a saber: o significado da encarnação para a práxis cristã. A compreensão do mundo dos pobres a partir da cristologia de Jon Sobrino justifica-se por ele pensar o significado teológico da opção pelos menos favorecidos. Em sua Cristologia da Libertação cumpre-se o que se busca neste trabalho, a relação de interface entre Cristologia e Ética. Sua reflexão se sustenta na descoberta de uma visão antropológica e teológica, que se articulam em torno da vítima - traço muito característico que o levou a resignificar sua visão cristológica. A redescoberta do pensar cristológico de Jon Sobrino passa pelo encontro revelador com o rosto do pobre. Para Jon Sobrino, esse encontro se deve, em primeiro lugar, ao confronto com o mundo real dos pobres. Perceber, portanto, os traços fundamentais que caracterizam uma Ética Libertadora supõem conhecer a descoberta de uma nova imagem de Jesus, que muda a visão antropológica e teológica. No intuito de melhor entender a opção de Jon Sobrino, o olhar para sua história de

---

<sup>68</sup> Será tratada mais detalhadamente no segundo capítulo.

vida traz pistas de como o humano e o divino se entrecruzam a partir da experiência com os pobres.

Jon Sobrino nasceu em 1938, em Barcelona, na Espanha. Em 1957, mudou-se para El Salvador como noviço da Companhia de Jesus. Deste país, somente se ausentou para estudos. Cinco anos em St. Louis, estudando filosofia e engenharia, e sete em Frankfurt, estudando teologia. O mundo dos ricos, confessa Jon Sobrino, levava-o a desconhecer o mundo dos pobres, até seu regresso a El Salvador, em 1974<sup>69</sup>. Nos idos dos anos anteriores, admite Jon Sobrino, a vida dos pobres não significava muito para ele, pois reproduzia traços da cultura européia, a qual valorizava os sujeitos de destacada posição social e econômica. Como missionário, entendia sua meta voltada para ajudar a salvadorenha a mudar de religiosidade, considerada por Jon Sobrino de supersticiosa<sup>70</sup>.

Em confronto com a religiosidade popular, Jon Sobrino conheceu a Ilustração com E. Kant e F. Hegel, por meio de K. Marx e J. P. Sartre. Passou pela exegese crítica e a desmitologização de R. Bultmann. Foi levado a refazer a experiência do significado mais profundo de Cristo e da Igreja para uma fé e reflexão teológica. Tais estudos de filosofia e teologia despertaram Jon Sobrino do “sono dogmático”.

Nesse despertar do “sono” a figura de K. Rahner foi particularmente importante. A teologia rahneriana marcou o pensamento de Jon Sobrino, especialmente por causa de sua reflexão acerca do mistério de Deus. O Vaticano II deu-lhe nova luz e ânimo e sua tese de doutorado ajudou-o a descobrir outra face de Jesus de Nazaré. Jon Sobrino verificou que “Cristo não é outro senão Jesus, e que este viveu uma utopia na qual não pensara antes: o ideal do reino de Deus”<sup>71</sup>.

A conversão teoantropológica dava-se a partir do mistério, a mudança se operava no questionamento da realidade última das coisas: o mistério da realidade, do ser humano e de Deus. Com K. Rahner, havia aprendido que o “mistério permanece mistério”<sup>72</sup>. O mistério cristológico o levava a despertar do “sono dogmático”. O mais difícil ainda estava por vir: sair do sono de inumanidade e do egocentrismo. Jon Sobrino descobria que jesuítas, sacerdotes,

---

<sup>69</sup> Cf. SOBRINO, J. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 12.

<sup>70</sup> Cf. SOBRINO, *O princípio misericórdia*, p. 12-13.

<sup>71</sup> SOBRINO, *O princípio misericórdia*, p. 13.

<sup>72</sup> Cf. SOBRINO, J. *Teología desde la realidad*. In SUSIN, L. C. (org.). *O mar se abriu*. trinta anos de teologia na América Latina. São Paulo: Loyola/ Soter, 2000. p. 155-158.



religiosas, leigos, camponeses e estudantes, inclusive alguns bispos, no retorno à El Salvador debruçavam decididamente sobre a causa dos pobres. Passa a compreender que a verdade, a fé, o evangelho de Jesus e o conhecimento de Deus inexoravelmente passavam pelos pobres e pela justiça. O mistério ganhava contornos historicizáveis<sup>73</sup>.

Dois grandes cristãos e amigos enriqueceram a experiência de Jon Sobrino com relação aos pobres: I. Ellacuría e Oscar Romero. A partir daí, as perguntas e respostas fundamentais sobre a vida feitas por Jon Sobrino foram radicalmente transformados. Tratava-se de saber se os pobres são, ou não, pessoas humanas. A resposta brotou da alegria de perceber o outro como humano, passando a ter olhos e coração transformados para deixar-se mover pela compaixão e pela misericórdia.

A realidade não mais se colocava como um enigma a ser decifrado. A mudança existencial de Jon Sobrino mudava seu relacionamento com o mundo. Pensar e refletir para ele brotava, antes, de um acolhimento profundo de sua verdade fundamental da realidade como evento, o que, por sua vez, afetava sua sensibilidade. O primado do real levava a teologizar com o sentido da realidade<sup>74</sup>.

Em El Salvador, lugar primordial do acolhimento da realidade como fato hermenêutico, Jon Sobrino aprofundou o sentido da Carta de Paulo aos Romanos: “A ira de Deus se manifestou contra aqueles que mantêm a verdade prisioneira da injustiça” (Rm 1,18). Inspirado por Paulo, Jon Sobrino descobriu que o mais difícil não é superar a ignorância, mas conhecer a verdade sem subjugá-la. O mundo é injusto com milhões de inocentes e, por isso, estão morrendo, nos dizeres de I. Ellacuría, “povos inteiros crucificados”<sup>75</sup>. O pecado é entendido como aquilo que mata e, também, que matou o Filho de Deus.

Descobre-se com esse povo crucificado um mundo de graça e pecado. Apesar das injustiças, que é o encobrimento da verdade e gera mortos e famintos, transparece a verdade mais límpida frente à morte. Nesse continente há esperança e confiança de que Deus faz justiça às vítimas<sup>76</sup>.

Deixar-se afeccionar por essa realidade e acolhê-la como evento revelador significa assimilar a presença-ausência de Deus. Chegar a conhecer a Deus, manter a fé em

---

<sup>73</sup> Cf. SOBRINO, O princípio misericórdia, p. 14.

<sup>74</sup> Cf. SOBRINO, Teología desde la realidad, p. 154.

<sup>75</sup> ELLACURIA, I. El pueblo crucificado. Ensayo de Soteriológica Histórica. *Revista Latinoamericana de Teología*, n. 18, p. 305-333, 1989. Também em: Disernir “el signo” de los Tiempos. *Diakonía*, n.17, p. 58, 1981.

<sup>76</sup> Cf. SOBRINO, Teología desde la realidad, p. 18-19.

Deus, é o mistério último do ser humano. Em El Salvador, o desafio é maior ainda. Crer em Deus a partir desse lugar implica em acolher sua bondade concreta em favor das vítimas, identificando-se com elas. Nesse caso, Deus se revela na bondade e parcialidade para com os pobres<sup>77</sup>.

A América Latina é, por antonomásia, o lugar para se perguntar por Deus, a exemplo de Jesus na cruz. A impotência de Deus na cruz é o máximo de solidariedade com elas. Na cruz, o amor de Deus é impotente, mas é crível. A cruz é lugar também de confessá-lo como Deus da vida, que toma partido em favor de seu Filho<sup>78</sup>.

Em El Salvador aparece a verdade bíblica de que Deus está em confronto com os ídolos. No primeiro mandamento, são chamados de deuses rivais. Os ídolos desumanizam. A fé em Deus exige a renúncia aos ídolos. Sem levar isto a sério, a fé permanece abstrata e vazia. Pior, corre o risco de harmonizar crença e idolatria<sup>79</sup>.

O que move a ação de acolhimento da vítima é a misericórdia: o exercício fundamental da caridade que aparece na parábola do “bom samaritano” e do “Pai misericordioso”. Trata-se da estrutura fundamental de reação diante das vítimas. Por isso, se diz “princípio misericórdia”, pois diz do sofrimento de alguém que o internaliza e deflagra uma ação libertadora pelo descimento dos povos da cruz.

Dizendo de maneira concentrada, despertamos de um sonho de inumanidade para uma realidade de humanidade. Aprendemos a ver a Deus desde este mundo de vítimas e aprendemos a ver este mundo de vítimas a partir de Deus. Aprendemos a exercitar a misericórdia e a ter nisso alegria e sentido da vida<sup>80</sup>.

Jon Sobrino, como se percebe, almeja conversão do método exegético e da reflexão sistemática tradicionais. Ele espera despertar outros também do sono da inumanidade, da Criação ameaçada, do messianismo ideologizado e de uma santificação sem encarnação. Seu grande mérito está em articular o mistério da realidade, do ser humano e de Deus a partir da realidade de Jesus, o Cristo. No acolhimento do real da realidade, como fato revelado de Jesus ao Pai no Espírito, o fiel é lançado a viver e construir o Reino já iniciado, mas de um Reino que ainda divide espaço com o mundo dos ídolos.

Da realidade de onde se parte, um mundo de pré-compreensão, o sujeito se posiciona no mundo. Na afecção causada por esta realidade, brota do coração e mente

---

<sup>77</sup> Cf. SOBRINO, Teología desde la realidad, p. 160.

<sup>78</sup> Cf. SOBRINO, Teología desde la realidad, p. 23-24.

<sup>79</sup> Cf. SOBRINO, Teología desde la realidad, p. 165-167.

<sup>80</sup> Cf. SOBRINO, Teología desde la realidad, p. 28.

comovidos a misericórdia como princípio da ação engajada. Estando os cristãos em configuração com a vida de Jesus, então o projeto que os mobiliza para a ação se insere na opção de fidelidade ao Deus do Reino. A opção, portanto, não é neutra. Em um mundo injustiçado e que produz vítimas, o cristão assume, na condição do Servo Sofredor, o destino das vítimas.

Como se percebe, entre a realidade como pré-compreensão, o acolhimento da ação de Deus na história e o posicionamento diante da realidade, há uma circularidade hermenêutica. O fato cristão dá-se no humano de Jesus. Em sua história como evento revelador, manifesta-se o sentido de sua ação. O cristão, percorrendo esse caminho de configuração, descobre em suas ações o mesmo Caminho. A vida cristã, assim entendida, manifesta sua ética de seguimento do crucificado.

Em função da riqueza e da interpelação do pensamento sobriniano no próximo capítulo, procuraremos mostrar como a ética está subjacente à cristologia de Jon Sobrino. Devido à imagem de Jesus com a qual lida o teólogo e que provém especificamente de uma cristologia de corte ascendente, pensamos ser possível explicitar o que subjaz ao seu pensamento. Trata-se de uma ética que nasce da ação livre de Jesus em opção pelo Deus do Reino, que irmana todos aqueles com os quais partilha o seu destino.

## 2 Os elementos éticos basilares da cristologia de Jon Sobrino

*Se conhece a realidade quando, além de levar em consideração a realidade, momento noético, e de carregar a realidade, momento ético, a pessoa se encarrega da realidade, momento prático.*

*(Jon Sobrino)*

A Ética Teológica Cristã carece de uma produção sistemática libertadora. Esta tese foi demonstrada no primeiro capítulo com duas incidências centrais. A convicção de que há pouca produção nessa área e que a lacuna ocorre, sobretudo, em função da ausência de uma reflexão trinitária da revelação e a questão dos pobres que inspira a buscar luzes sobre o problema desde a fontalidade da fé. No intuito de responder a esta expectativa, o próximo passo deste trabalho propõe a aproximar-se o que definimos como uma ética implícita no pensamento de Jon Sobrino<sup>1</sup>. Entretanto, urge enfatizar o fato de que Jon Sobrino não elabora uma ética propriamente dita. Por outro lado, a ética implícita na sua cristologia parece fundamental para avançar na elaboração da Ética Teológica Libertadora. A ética implícita se justifica nesse sentido por uma dupla razão. Primeiramente porque a reflexão de Jon Sobrino parte do Jesus histórico e, depois, porque ela se formula em vista do Reino, compreendido na perspectiva de uma práxis transformadora. A partir da cristologia sobriniana, delinea-se uma definição embrionária de ética que posteriormente, no terceiro capítulo, será aprofundada.

A ética cristã se diz no modo de viver em Jesus, o Cristo, segundo o seu agir transformador no anúncio do Reino e no acolhimento misericordioso e libertador da vítima. Em vista de recuperar a ética implícita, e depois com a ajuda desta, proporemos uma Ética Teológica da Libertação sobriniana. Este trabalho se debruçará, sobretudo, sobre duas obras desse teólogo. Dada a sua vasta e rica produção, o objeto da pesquisa se concentrará em *Jesucristo Liberador* (1991) e *La fe en Jesucristo* (1999)<sup>2</sup>. Constitui-se, desta forma, uma cristologia cujo lugar da revelação é o rosto do pobre: cristologia que possibilita pensar a ética cristã a partir do lugar do pobre e do pobre como vítima.

De nossa parte, a escolha dessas obras dá-se por elas representarem a última elaboração sistemática cristológica do teólogo salvadorenho. Elas conduzem ao cerne de nossa reflexão ético-cristológica, como resultado da maturidade do pensamento de Jon

---

<sup>1</sup> No capítulo terceiro, nosso objetivo será dar algum contributo à produção ético-sistemática libertadora, a partir do que se perceber da ética implícita ao pensamento de Jon Sobrino.

<sup>2</sup> Em outro dito, uma única obra em dois volumes.

Sobrino, que conjuga ação pastoral, práxis e produção teológica. A obra cristológica de Jon Sobrino percorre um notável processo de amadurecimento a partir da publicação de *Cristología desde a América Latina* (1976). O auge de sua produção aparece com a publicação de *Jesucristo Liberador* e *La fe en Jesucristo*.

Mergulhando na cristologia de Jon Sobrino presente nessas obras, o que se deseja é coletar pistas preciosas para a Ética Cristã Libertadora. Para tanto, dentro do método Ver-Julgar-Agir, esta parte da pesquisa se deterá no *julgar*. A partir da obra de Sobrino, como perceber na revelação cristã a articulação da cristologia com a ética?

Neste capítulo, nossa meta primeira será conhecer o cerne da cristologia de Jon Sobrino, bem como apontar para os elementos éticos implícitos ao seu pensamento. Dois grandes momentos emolduram nossa reflexão. A primeira parte, dedicada à cristologia, é subdividida em duas seções: uma sobre o método e outra sobre o conteúdo. A segunda se debruçará sobre os elementos éticos implícitos na cristologia de Jon Sobrino.

Em ambos os casos, os fatos cristológicos e éticos se articularão de modo que um se diga no outro. Isto é possível porque, na cristologia sobriniana, o cristológico se situa na intercessão entre o teológico e o antropológico. A ética teológica cristã, implícita no pensamento de Jon Sobrino, consiste justamente na configuração com Cristo, a partir do modo como Deus se diz em Jesus vitimizado e no descimento das vítimas da cruz.

## 2.1 O método da cristologia de Jon Sobrino e suas obras

A cristologia elaborada por Jon Sobrino emerge em um contexto de ausência de uma reflexão própria para a América Latina<sup>3</sup>. Para suprir esta lacuna teológica, não basta importar uma cristologia européia ou mesmo assumir o discurso oficial eclesiástico sobre quem é Jesus. Será preciso uma cristologia com um método específico, capaz de associar a vida de Jesus aos dramas e esperanças que emanam do povo latino-americano.

Outrora foi apresentado a biografia do autor estudado e o motivo da escolha da cristologia de Jon Sobrino<sup>4</sup>. Agora trata-se de explicitar o método de sua cristologia e a justificativa das obras estudadas. Com ele será indicado o específico da cristologia de Jon

---

<sup>3</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesucristo liberador: lectura histórico-teológica de Jesús Nazaret*. Madrid: Trotta, 1991. p. 25.

<sup>4</sup> Cf. Item 1.4.

Sobrino. E, pela justificativa das obras escolhidas, pretende-se dar as razões que levam à delimitação da pesquisa em torno da relação entre ética teológica e cristologia.

É fundamental responder aqui que o método está para além de um instrumental de pesquisa. Segundo Rejón, o método, como acontece na Teologia da Libertação, desdobra-se no conteúdo de fé e na espiritualidade<sup>5</sup>. Neste sentido, o estatuto próprio do método da cristologia de Jon Sobrino configura os dados da fé tomando como base a história da revelação a partir dos pobres. Ele relê os conteúdos da Tradição a partir do modo como Deus se diz no mundo da vítima. Nesse caso, o conteúdo da fé emerge do acolhimento da presença de Deus na pessoa vitimada. Esta ação inspira-se na misericórdia de Jesus para com o sofredor e, portanto, sugere também a presença dos elementos éticos da revelação de Deus na ação de Jesus.

Da ação misericordiosa de Jesus, Jon Sobrino, em sua cristologia, propõe o descimento dos pobres da cruz. Ele articula, assim, um dizer da revelação a partir da América Latina; baseia-se na identidade de Jesus palestinese com o glorioso. Em outras palavras, afirma que à medida que os pobres são libertados, reconhecidos como manifestação do rosto de Jesus, o Cristo resplandece em sua glória na história das vítimas.

Três passos ajudarão a assimilar a revelação em sua densidade. A imagem da fé em Cristo, o lugar teológico e o “Jesus histórico” como ponto de partida da reflexão. Estes aspectos apresentam significados do descimento dos pobres da cruz, vistos na perspectiva teologal. Neste itinerário, o primeiro significado será o da imagem de Cristo.

### **2.1.1 Uma “nova imagem” da fé em Cristo**

Jon Sobrino visa formular uma nova imagem da fé em Cristo. Parte do pressuposto de que algumas imagens de Jesus não têm ajudado o pobre a se libertar de sua situação desumanizante. Essas imagens repercutem na fé e revelam a ausência da relação da vida de Jesus com sua ação de ressuscitado na história. Isso gera, do ponto de vista antropológico, a abstração da situação real do pobre. Assiste-se a uma universalização da fé sem levar em conta a parcialidade da opção pelos pobres ao evocar uma reconciliação da humanidade com Deus sem denúncia e luta contra os ídolos.

---

<sup>5</sup> Cf. REJÓN, Teologia Moral, p. 82-89.

De tal forma, se não se pode falar em produções cristológicas da libertação, ao menos se afirma com tranquilidade a existência de imagens de Cristo. O cenário eclesial no qual as imagens se configuram delineiam o tipo de fé vivida e pregada. Do ponto de vista de uma cristologia latino-americana, o discurso oficial eclesiástico tem reforçado uma imagem abstrata que não corresponde com a do crucificado, vítima e ressuscitado, com a qual os pobres se identificam. Essa soteriologia tem transcendido a cruz de Cristo, sem incluir nela os pecados históricos.

Nesse sentido, para Jon Sobrino, a teologia atual, por meio de uma imagem de Cristo sem Jesus<sup>6</sup>, separou o Ungido, o portador de esperanças messiânicas, da libertação dos oprimidos. A nomeação de Cristo, por si, é sublime, mas, sem a referência a Jesus de Nazaré, ela se contradiz. Um Cristo abstrato é bom em si, mas desconsidera a situação dos pobres, porque evoca um Deus insensível à dor e à morte. Sem compaixão pelo pobre não há misericórdia, pois esta depende acima de tudo da sensibilização com sua situação concreta, seus dramas e esperanças.

O discurso abstrato não toma corpo na história: situa-se em meio a oposições harmonizando-as. Nesse tipo de discurso, verdades de fé são assumidas pessoalmente sem dramas de consciência, mesmo que sejam contraditórias do ponto de vista estrutural. O risco consiste justamente em passar de uma afirmação limite e escatológica para uma histórica. É correto dizer, por exemplo, que Cristo reconciliou todos com Deus, mas será preciso dizer também que Jesus, a própria vítima, foi causa de reconciliação. Jesus se faz vítima com a vítima; a reconciliação universal exige uma parcialidade que lhe é intrínseca.

Diante de imagens que se mostram indiferentes à situação do sofredor, as verdades da fé se ideologizam em meio ao pecado. No entender de Jon Sobrino o amor sem justiça será causa fácil de alienação. O poder que não está para o serviço é opressor. A proclamação da reconciliação de todos, sem diferenciação da exigência específica para os opressores, mascara as necessidades reais de conversão. Enfim, nada mais ortodoxo que afirmar que Cristo é absoluto na relação com o Pai, pelo Espírito, na realização do Reino de Deus. Verdade que também deve ser afirmada historicamente, pois o Reino de Deus é do Deus do Reino<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 30.

<sup>7</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 31-32.

Os pobres não só têm se identificado com o Cristo sofredor, como se servem dessa imagem como meio de libertação. À nova imagem corresponde a uma forma de seguimento, inscrita na vida de tantos mártires. A imagem libertadora é soteriológica e neotestamentária, pois recupera Jesus de Nazaré enviado a libertar os pobres e os cativos (cf. Lc 4,18). O Cristo se encarna salvando a todos e esvaziando-se de si, se fazendo pobre. Em um continente de opressão, a identidade de Cristo e a totalidade da fé são recuperadas quando remetidas a Jesus palestinese<sup>8</sup>.

Com essas reflexões, introduz-se também o princípio da parcialidade. Os pobres tornam-se um divisor de águas no oceano da reflexão cristológica. A vida que padecem está em oposição aos seus dominadores. Optar, portanto, pelo pobre exige um descentramento, um princípio que norteie sua alteridade radical para os que não são pobres. Começar por aqui supõe ver o universal a partir dessa parcialidade. Dizer que Deus é o Senhor da vida para todos não atinge o real da realidade se não for pensada e experimentada a vida de Deus que chega aos pobres na existência de Jesus de Nazaré.

O princípio da parcialidade, no entanto, possibilita a leitura do universal a partir da opção pelo menor. Configura-se, assim, um sujeito concreto e um lugar social e eclesial de onde nasce a nova imagem da fé. A opção pelo pobre não é, portanto, mero capricho sociológico; ela se faz a partir de Jesus, que se encarna assumindo a condição humana e frágil do pobre neste mundo<sup>9</sup>.

### **2.1.2 O lugar social e eclesial de onde se reflete a fé**

A imagem libertadora de Cristo evoca o “real da realidade”, ou seja, sua verdade fenomenológica e teológica, sem mascaramentos. Por essa imagem, o transcendente de Deus aparece diretamente relacionado com a história. Desde a virada hermenêutica rahneriana, em sua formulação do “existencial sobrenatural”<sup>10</sup>, fala-se das condições de possibilidades históricas de acolhida da transcendência de Deus na história. A cristologia latino-americana dá um passo a mais. O que Rahner chamou de categorial histórico, Jon Sobrino formula em

---

<sup>8</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 25-27.

<sup>9</sup> Cf. SOBRINO, O princípio misericórdia, p. 56-63.

<sup>10</sup> “A tese que afirma que o homem como sujeito é evento da autocomunicação de Deus é – sem absolutamente prejudicar o que se trata de graça livre, gratuita e indevida, de portento do amor livre de Deus para com a criatura espiritual – afirmação que diz respeito a todos os homens, afirmação que expressa um existencial de toda e cada pessoa humana” (RANHER, Curso Fundamental, p. 158).



termos de graça revelada a partir da ação misericordiosa de Jesus em relação com a vítima na história.

Deste modo, a caridade em favor da vítima decorre da adesão às palavras e à ação de Jesus. No seguimento de Cristo, identificando-o com o desvalido, descobre-se uma nova imagem de Deus. O absolutamente transcendente se deixa descobrir no abandonado e injustiçado. Deus se diz em seu profundo amor por todos, mas o diz a partir de um lugar: o mundo dos pobres. A vida do pobre expressa o sentido eclesial e militante da imagem do Cristo libertador. O lugar, assim entendido, passa a ter importância singular na relação fé e libertação<sup>11</sup>.

O lugar ideal que expressa a presença de Cristo captará as fontes do passado e sua presença no presente. Na contramão dessa noção, está a visão de aplicação de verdades universais em que o lugar não se mostra relevante do ponto de vista teológico. Parece, nessa visão, que Cristo atuou na história, mas se desentendeu com ela e não mais se nota sua presença.

A mentalidade de aplicação das verdades da fé à realidade vem do Vaticano I<sup>12</sup>. Nessa visão, a vida do ressuscitado pouco importa como fato revelante: já é dado revelado independente do contexto. Essa perspectiva muda com a teologia dos “sinais dos tempos” do Vaticano II (cf. GS 4). A nova teologia conciliar acentua a necessidade de um lugar hermenêutico para a fé. Os acontecimentos que caracterizam uma época são vistos em sua densidade sacramental, na sua capacidade de manifestar Deus. A cristologia de Jon Sobrino ainda vai mais longe: passa da consideração histórico-pastoral à histórico-teológica. Não traz apenas sinais da manifestação de Deus, mas Deus mesmo se dizendo como fato revelante<sup>13</sup>.

A grande novidade da cristologia latino-americana, em relação aos “sinais dos tempos” evocados no Vaticano II, refere-se à fé real em Cristo, como sendo aquela que leva a sério as cruzes históricas. Os “sinais dos tempos” serão teológicos quando o povo que padece chegar a simbolizar a continuidade de sua vida na vida de Jesus na condição de Servo de YHWH. A cristologia de Jon Sobrino estabelece o modo como está se dando a presença de Cristo na realidade latino-americana<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> Cf. LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos*: tratado da fé. São Paulo: Loyola, 2000. p. 437-441.

<sup>12</sup> Cf. DENZINGER, H. Constituição Dei Filius (n. 3009). In: \_\_\_\_\_. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Trad., com base na 40ª ed. Alemã (2005) aos cuidados de Peter Hünermann, por+ José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Paulinas/ Loyola, 2007.

<sup>13</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 44.

<sup>14</sup> Cf. SOBRINO, O princípio misericórdia, p. 83-95.

Segundo J. B. Libanio, o texto da Escritura e a vida de fé se iluminam mutuamente. A fé no Cristo quer seja explicitada, verbalizada ou não, ao se dar no absoluto já está respondendo à realidade última da vida de Cristo. A pessoa que entrega na confiança o absoluto de sua vida ao Absoluto de Deus pelo outro, ainda que não verbalize o nome Cristo, configura-se ao seu modo de ser. De tal forma, o conteúdo concreto da fé realizada, *fides qua*, esclarece os conteúdos enunciados na revelação, *fides quae*<sup>15</sup>.

Se por um lado a Igreja é o lugar por excelência da leitura dos textos escriturísticos e garantidora da interpretação fiel, não o é exclusivamente. O horizonte maior da ação de Cristo no mundo interpela o fiel a descobrir a face reveladora de Deus. A auto-revelação de Deus em Jesus Cristo não pára nos limites da Igreja. No contexto latino-americano, fala-se em *primeira eclesialidade*. Trata-se da acolhida da fé e sua atuação no mundo, da epifania de Cristo para além das fronteiras da Igreja. No entanto, fala-se também de uma *segunda eclesialidade*: a comunidade, fiel depositária e lugar hermenêutico privilegiado de acolhida da fé.

A fé real e comunitária, como primeira eclesialidade, para Jon Sobrino, é entendida na relação com os pobres. Quando Igreja e pobres são vistos como centro da vida de fé, surge a Igreja dos pobres. A Igreja dos pobres se caracteriza pela participação no destino e na vida de Jesus, pois os pobres vivem um caminho martirial a exemplo do que viveu seu Mestre<sup>16</sup>.

Sendo os pobres os privilegiados de Deus, eles suscitam as perguntas fundamentais da fé. Colocam a comunidade em movimento e por isso ensinam o que é fundamental no seguimento do Cristo. Os pobres questionam a fé cristológica e lhe oferecem uma direção fundamental. Trata-se da Igreja dos pobres, que enfrenta o sofrimento e traz presente o Cristo crucificado e ressuscitado, por meio de sua práxis de esperança e libertadora<sup>17</sup>.

A exigência de partir dos pobres como lugar de compreensão da fé possibilita à teologia chegar ao objeto maior: a misericórdia para com as vítimas. A teologia, segundo Jon Sobrino, traduz-se em uma *cristopráxis* em que o *intellectus amoris* ilumina o *intellectus fidei*. “Existe um pensar imbuído de admiração e de esperança; mas também um pensar

---

<sup>15</sup> Cf. LIBANIO, Eu creio, nós cremos, p. 155-167.

<sup>16</sup> Cf. SOBRINO, O princípio misericórdia, p. 90-95.

<sup>17</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 51.

imbuído de sofrimento e misericórdia”<sup>18</sup>. Nesse sentido, a proposta de Jon Sobrino não é desconsiderar a tradição em torno ao *intellectus fidei*. Antes, almeja-se retomar a primazia do amor sobre todas as virtudes cristãs.

A determinação de um lugar em que se estabeleça a relação fé e caridade não é mera opção pastoral. A opção pelo pobre como ponto de partida da práxis está em vista do todo da revelação cristã enfocada a partir de uma parte. Os pobres suscitam as perguntas mais radicais da fé cristã em torno de quem se aproxima deles. Por meio dos pobres desabrocham questionamentos das situações inumanas, que desafiam a teologia, a Igreja e a sociedade em geral. A realidade dos pobres é melhor contemplada, quando se parte do Jesus da história<sup>19</sup>.

### **2.1.3 O “Jesus histórico” como ponto de partida para a compreensão da fé**

O primeiro passo do método sobriniano desvelou uma nova imagem de Cristo frente aos riscos de mascaramento da fé. A partir daí foi pensado o lugar específico e concreto de acolhimento da revelação e suas conseqüências. Do mesmo modo, Jon Sobrino indica o seguimento de Jesus historizando-o. É dessa história do seguimento que emana a fé experimentada pelos discípulos. Ela os levou a confessar Jesus, o Cristo, como o Filho de Deus.

O acesso a Jesus Cristo se dá na totalidade do evento da fé. Isso, porém, não exclui a necessidade de optar por um ponto. Seja qual for o princípio de abordagem da cristologia escolhido, a questão central será sempre a de confessar que Jesus de Nazaré é o Cristo. Eis o grande dom. O Cristo, todavia, encarna-se em um homem, o que permite partir de sua história.

A propósito dessa discussão, tornou-se clássico o debate entre a cristologia de cima e a de baixo, ou a cristologia descendente e a ascendente. Ambas têm o intuito de zelar pela totalidade da fé. Apostam, todavia, em pontos de partida diferentes. Ainda se diferenciam pelo acento: a primeira capricha nas cores da divindade, a segunda coloca o foco na humanidade de Jesus<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> Cf. SOBRINO, O princípio misericórdia, p. 74.

<sup>19</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 56.

<sup>20</sup> J. Galot demonstra muito bem esta distinção; nele nos inspiramos sobre este aspecto da cristologia. Cf. GALOT, J. Cristologia de cima ou de baixo. *Perspectiva Teológica*, São Leopoldo, n. 9, p. 137-155, 1973.

A cristologia “de cima” ressalta a ressurreição em sua descontinuidade histórica. O novo e inaudito de Deus não encontra nada igualável na história. Nessa visão, toda história deve ser interpretada a partir da glória de Cristo. A humanidade de Jesus aparece manifesta como um dado de reflexão a ser aplicado para a humanidade, tal qual se transpõe um modelo de um lugar para outro.

A cristologia “de baixo” também considera que a ressurreição é irrepetível e iluminadora de toda história. Em outro olhar, porém, ressalta a continuidade da fé. O ressuscitado continua a afeccionar a história em nossa humanidade. Será sempre o mesmo Cristo manifestado na glória da ressurreição, diferente, porém, no modo de se revelar. Assim, o *escatón* se faz acessível à nossa humanidade e nela se comunica a verdade da fé em linguagem própria para um novo contexto.

Em comum opinião com a cristologia ascendente, Jon Sobrino entende que o mistério da encarnação não é assimilável como idéia abstrata do Verbo Encarnado. Para ele, é preciso participar do “como” o prodígio do dom de Deus está se dando na história dos pobres. Mesmo que as afirmações sobre Jesus Cristo sejam limites e transcendentais, assimilá-las pressupõe passar pelo mesmo caminho. Na configuração com Jesus, dá-se a revelação do Ungido de Deus.

Em outras palavras, que exista um prodígio e dom de Deus é fé e nenhuma cristologia pode duvidar, pois vem de cima. Mas o que seja esse prodígio e esse dom é coisa a constatar, se encontra embaixo e, por ele, a cristologia, aceitando desde o princípio a totalidade de Jesus Cristo, pode também se empenhar por aí<sup>21</sup>.

O grande risco para a fé, diz Jon Sobrino, não está tanto em partir do Jesus histórico<sup>22</sup>, mas em não perceber como Deus se revela em Jesus. De um lado, a realização da promessa messiânica correspondia plenamente às expectativas judaicas (cf. 1Sm 2,7). Todos esperavam a restauração universal de Israel. De outro lado, há grande surpresa, uma novidade que vem do modo como Deus se revela, isto é, a partir da humanidade de Jesus<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 60.

<sup>22</sup> Ao contrário, nos parece este o caminho mais razoável.

<sup>23</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 59-63. B. Sesboüé reforça essa tese, ao dar primazia ao evento da ressurreição. Para ele, a auto-revelação de Deus inscreve-se na vida de Jesus e, conseqüentemente, na de seus discípulos. A partir da Escritura, percebe-se que, nos relatos pós-pascais, primeiramente os discípulos descobrem a humanidade de Jesus. Assim, as fórmulas de fé expressam essa ordem de importância: elas indicam que é o divino esvaziado no humano que salva. Cf. SESBOÛÉ, B.; WOLINKI, J. *O Deus da salvação: a tradição, a regra de fé e os Símbolos. A economia da salvação. O desenvolvimento dos dogmas trinitário e cristológico*. São Paulo: Loyola, 2002. v. 1, p. 48-66.

Algumas expressões teológicas optam por outro ponto de partida que não o Jesus da história. Para além do ponto de partida, está em jogo a reta relação do histórico de Jesus com o ressuscitado. Antes de passar ao específico da reflexão cristológica de Jon Sobrino, serão analisadas algumas correntes teológicas.

### **2.1.3.1 O Jesus histórico entre relevância e esquecimento**

Recorda Jon Sobrino que a teologia católica tradicional pauta sua reflexão na fórmula dogmática de Calcedônia. Isto é um sinal de comunhão com a Tradição. A verdade conciliar, por sua vez, não pode prescindir de seus pressupostos, entre eles, a base escriturística. Todo dogma tem como base a Escritura. As fórmulas de fé enunciam, mas não absorvem a irrupção de Deus. O que o discurso da teologia tradicional católica não deve esquecer é que a fórmula tem intenção salvífica, mas a verdade da fé não termina nos enunciados<sup>24</sup>.

Jon Sobrino também analisa o ponto de partida bíblico-dogmático. Este serve muito bem para uma linguagem mais pastoral. O grande limite desse ponto de referência está em partir de Jesus já teologizado, isto é, de uma reflexão sobre o fato revelante da fé. A partir da realidade única de Cristo, exploram-se os vários títulos a ele atribuídos. Entretanto há várias cristologias na Escritura que não podem ser ignoradas. Na busca de encontrar a unidade das diversas cristologias, o desafio maior assenta-se em priorizar uma em detrimento das outras. Partindo do Jesus histórico, o problema não está resolvido, todavia volta-se à fonte de onde originou a pluralidade de cristologias<sup>25</sup>.

Outra abordagem cristológica, bem analisada criticamente por González Faus, desenvolve a visão querigmática a partir de M. Kähler. Nela se distingue o Jesus histórico do Cristo da fé. Servindo-se desta distinção, R. Bultmann fez opção pelo que julgou preferível, o Cristo da fé. Acolheu a mensagem de Deus expressa no querigma como o mais importante, alegando a impossibilidade de acesso ao Jesus da história. As conseqüências foram inevitáveis: a vida do ressuscitado não expressava o modo de vida de Jesus<sup>26</sup>.

A cristologia de Jon Sobrino, por sua vez, ao assumir o Jesus histórico como ponto de partida, também não pretende fazer um levantamento biográfico do Nazareno. Por mais importante que seja, isso ainda não remete à origem original da fé. Importa saber como a

---

<sup>24</sup> SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 64.

<sup>25</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 66.

<sup>26</sup> Cf. GONZÁEZ FAUS, I. *Acceso a Jesus: ensayo de teologia narrativa*. 2. ed. Salamanca: Sigueme, 1979. p. 206-221.

vida de Jesus foi motivo de pré-compreensão da fé na ressurreição<sup>27</sup>. Tampouco, Jon Sobrino busca o que seja irrepetível e único na vida de Jesus. Nem mesmo o sentido último da vida, o que só se desvela com a ressurreição. Procura, antes, o sentido que provém da vida de Jesus, isto é, sua ação inspirada pelo Espírito<sup>28</sup>.

O processo de volta ao Jesus histórico não inova em si mesmo. A cristologia européia já o fizera na recuperação do Jesus histórico. No entanto, a intuição original de Jon Sobrino vem do fato de ele associar a vida de Jesus à libertação da vítima, descendo-a de sua cruz. O teólogo salvadorenho visa à libertação da realidade da vítima a partir da vida de Jesus, de forma a contemplar também a libertação do indivíduo.

### **2.1.3.2 A especificidade do Jesus histórico na obra sobriniana**

A cristologia sobriniana, ao eleger o Jesus histórico como ponto de partida, não julga inválidos os outros métodos teológicos. A intuição de Jon Sobrino passa pela exigência de pensar a cristologia a partir do Jesus histórico, pois, do contrário, a vida do Nazareno será olvidada. Jon Sobrino recorda a crítica de K. Rahner<sup>29</sup> a um tipo de cristologia que acaba reduzindo a vinda de Jesus a uma ocasional visita de Deus disfarçado de humano a este mundo. Fora da humanidade de Jesus, vã é a busca de Cristo e a realização da fé em Deus.

O acento na humanidade de Jesus não descaracteriza o evento da ressurreição. A cristologia de Jon Sobrino reconhece a descontinuidade da fé. Não nega a irrupção de Deus na história, todavia dá ênfase à continuidade histórica deste evento a fim de que a fé não seja arbitrária. Os cristãos na América Latina se perguntam: “Qual o sentido da tragédia da realidade, dentro da qual a vida pessoal encontrará sentido?” A maior urgência para a América Latina consiste em proclamar a imagem de Cristo libertador. Esta tem a vantagem de contemplar a partir do Jesus histórico os dramas e esperanças da vida.

A busca pelo histórico de Jesus mantém viva uma realidade desencadeada por Jesus. A pergunta pelo histórico delimita um ponto para falar do todo.

Por Jesus histórico entendemos a vida de Jesus de Nazaré, suas palavras e fatos, sua atividade e sua práxis, suas atitudes e seu espírito, a consequência de toda sua vida que culmina na cruz e ressurreição<sup>30</sup>.

---

<sup>27</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 73.

<sup>28</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 74.

<sup>29</sup> Cf. RAHNER, K. Para a teologia de la encarnación. In \_\_\_\_\_. *Escritos de teologia IV*. Madrid: Taurus, 1964. p. 139-157. *Apud* SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 79.

<sup>30</sup> SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 76.

Nesse sentido, a própria prática de Jesus desencadeia a pergunta pelo sentido de sua vida. Na ação de Jesus, atua o Espírito acompanhando-o, norteando suas opções e potencializando-as. A visada histórica desencadeia o seguimento de Jesus. Ao evocar, assim, o sentido da ação de Jesus, recupera-se a densidade de sua experiência salvífica.

Na fé não se confessa somente o Cristo como o Senhor ressuscitado e o Filho por antonomásia, descontinuidade. Nela se confessa também o primogênito da ressurreição dentre muitos irmãos e como irmão maior. O seguimento de Jesus é, pois, exigência ética do mesmo Jesus histórico, bem como princípio epistemológico da vida de Jesus. Da mesma forma que o conhecimento da realidade-limite suscita um conhecimento objetivo prévio da realidade, a realização pessoal da fé exige afinidade experiencial subjetiva. No caso da fé cristã, a realidade objetiva prévia é o Jesus histórico e a experiência subjetiva se traduz no seguimento<sup>31</sup>.

A volta hermenêutica ao Jesus histórico<sup>32</sup> é uma forma de acesso à pessoa de Jesus. Ao narrar a vida e o destino de Jesus, já se vive a boa-notícia como mensagem central destinada aos pobres. Nesta linha, a cristologia de Jon Sobrino teologiza Jesus historizando-o, bem ao estilo dos Evangelhos. O Jesus histórico, tomado como ponto de partida da compreensão da fé, permite afirmar duas teses centrais: não se pode teologizar a figura de Jesus sem historizá-la e não se historiza Jesus sem teologizá-lo como boa-notícia<sup>33</sup>.

Se Deus se diz na humanidade de Jesus, aparece manifesta na ressurreição a profunda união do teológico com o antropológico. Para Jon Sobrino, esta articulação é fundamental para a revelação de Deus. Do nosso ponto de vista, pensamos ser possível afirmar que nesse dizer de Deus, na história humana do Filho Jesus, aparece o caráter teológico da ética cristã no pensamento de Jon Sobrino.

## **2.2 A revelação de Deus na cristologia de Jon Sobrino**

A tese central do pensamento de Jon Sobrino articula-se em torno do horizonte histórico: o descimento dos pobres da cruz. Na história, o sujeito ganha características

---

<sup>31</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 81-82. Cf. SESBOÛE; WOLINKI, O Deus da salvação, p. 80-82.

<sup>32</sup> A “moderna questão do Jesus histórico” provocou uma nova forma de compreensão da figura de Jesus. Seu grande saldo foi, sobretudo, a valorização e redescoberta da humanidade de Jesus. Composta de cinco fases, conforme classificação de Theissen e Merz, houve tentativas de redescoberta da figura de Jesus que mais se assemelhavam a busca de arqueólogos, o que diz pouco enquanto mensagem salvífica. Para maiores aprofundamentos cf. THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico: um manual*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 19-33.

<sup>33</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 92.

concretas; não qualquer sujeito, mas o pobre que morre crucificado. A metodologia sobriniana parte da leitura histórica inspirada na ação do Jesus histórico. Assim, recupera como opção metodológica o sentido da práxis revelada na história de Jesus.

Apesar da ênfase que Jon Sobrino concede ao Jesus histórico, sua teologia está para além da fé pré-pascal. A opção por partir do Jesus histórico visa à fé nova brotada da ressurreição. Segue assim, em dupla formulação, a proposição da revelação de Deus na cristologia de Jon Sobrino. De um lado, se mostrará como Jon Sobrino justifica a possibilidade de experiências análogas à da ressurreição na história. De outro, o modo como se dá a historização da ressurreição.

Diferente da opção metodológica e teológica de Jon Sobrino, seguiremos outro caminho. Exporemos primeiro a reflexão sobre a ressurreição, conforme enunciado acima. Isto se justifica porque é na visada sobriniana da ressurreição que melhor aparece a forma como Deus se revela. Antes disso, será preciso apresentar os pressupostos da discussão em torno da ressurreição. Depois, retomaremos a tese fundamental para a ética, respondendo à questão de como a cristologia de Jon Sobrino articula o teológico e o antropológico.

Após esse percurso, quando tratarmos explicitamente do mistério pascal, será retomado o caminho elegido por Jon Sobrino. Essa opção também é proposital, pois se pretende mostrar como a ética está implícita à cristologia de Jon Sobrino. Como conclusão, será retomada a reflexão sobre a ressurreição. Em suma, a primeira abordagem da ressurreição visa expor a forma como Deus se revela. A outra se concentrará mais no conteúdo dessa revelação da ressurreição da vítima Jesus.

### **2.2.1 O status hermenêutico da ressurreição na contemporaneidade**

A ressurreição, recorda Jon Sobrino, é um evento escatológico. Diz da realidade última de Deus. Por isso, não pode ser imediatamente captada na história. Apesar de a ressurreição ser a experiência fundante da fé, até o Vaticano II, ela fora relegada ao caráter apologético. Com o Concílio, operou-se uma radical mudança de paradigma e a ressurreição retomou seu lugar central na fé. A abertura conciliar permitiu visualizar o avanço da reflexão moderna sobre a ressurreição.

Para que a ressurreição mantenha sua identidade e relevância, será preciso recuperar a novidade pós-conciliar. A ressurreição, assim, afeta eficazmente a história no seu



presente. Isto supõe viver como ressuscitados na história e ao mesmo tempo cria-se a possibilidade de refazer a experiência última implícita nas aparições do Ressuscitado. Vive-se analogamente o sentido das aparições, ou seja, assimila-se, de alguma forma, a irrupção de Deus no presente. No contexto da América Latina, é mais fundamental compreender a ressurreição em sua relação essencial com as vítimas, de modo que uma nova esperança se desencadeie para elas.

Jon Sobrino se apropria dessa intuição pós-conciliar ao tornar presente a relevância da ressurreição. Na sua reflexão, uma visão sobre a ressurreição que não leve em conta sua historização, embora remeta ao futuro da história, não parece dizer nada de importante sobre o presente. Jon Sobrino considera que a esperança redescoberta pela nova reflexão teológica acaba precipitadamente em uma afirmação universal, abstrata. Dessa forma, não se capta a parcialidade essencial que faz de Jesus esperança para as vítimas<sup>34</sup>.

Jon Sobrino sentiu-se inspirado por Ignacio Ellacuria ao relacionar o seguimento de Jesus com a vida de ressuscitados na história. Ao assumir o plenificante e o escatológico na história com o seguimento de Jesus, este se torna lugar de verificação da confissão de fé<sup>35</sup>.

Por óbvia que pareça a relação seguimento e escatologia, que em princípio deveria ser compreendida na sua articulação interna, apresenta algumas dificuldades. Os próprios relatos das aparições manifestam uma radical descontinuidade histórica. O escatológico irrompe como algo único. O novo e inaudito de Deus provoca ruptura no processo histórico, no entanto, de alguma forma, é possível a assimilação subjetiva da fé.

Por outro lado, na própria Escritura, sobretudo na obra lucana, acentua-se a continuidade. A efusão do Espírito configura a vida do Ressuscitado já no presente. Paulo, no entanto, chama a atenção para o risco do espiritualismo. O problema se apresenta quando não se historiza e concretiza adequadamente essa ação do Espírito. Trata-se portanto de assegurar a presença do Espírito que leva em conta a encarnação. Com atenção a essas observações, faz-se importante ressaltar os pressupostos hermenêuticos da ressurreição, tais como os entende Jon Sobrino.

---

<sup>34</sup> Cf. SOBRINO, J. *La fe en Jesucristo: ensayo desde las víctimas*. El Salvador: UCA editores, 1999. v. 24, p. 27-31.

<sup>35</sup> Cf. SOBRINO, *La fe en Jesucristo*, p. 30.

## 2.2.2 Os pressupostos teo-antropológicas do acesso à ressurreição

Os pressupostos hermenêuticos sobrinianos são evocados para falar da ressurreição a fim de que se supere a distância metafísica do ontem e hoje a respeito de como a Escritura trata da ressurreição. Jon Sobrino responde para o tempo hodierno como é possível captar a experiência escatológica expressa no texto bíblico frente à distância do tempo. Ele visa a mostrar que, além da descontinuidade entre cruz e ressurreição, só é possível um acesso à ressurreição a partir de continuidade histórica da assimilação desse evento. E insiste na continuidade para reforçar o real da ressurreição. Mais que aceitar sua existência é preciso tomar partido diante da ressurreição.

O relato das aparições manifesta, de alguma forma, como a ressurreição foi captada na experiência dos discípulos. As linguagens expressas – ressurreição, exaltação e vida – supõem que, se o evento escatológico em nada tocasse a humanidade, ficaria incomunicável. Na verdade, o inaudito, de alguma forma, deixa vestígios. Frente ao cuidado que se deve ter nesse acesso, é fundamental falar da ação escatológica de Deus, do limite da linguagem e de sua possibilidade, e da ação trinitária revelada.

Os textos do Novo Testamento manifestam claramente que Deus ressuscitou Jesus (cf. Rm 10,9). Com isto, revela-se a ação da realidade última de Deus confirmando a verdade da vida de Jesus. Sendo Jesus a vítima inocente, sua ressurreição exprime o posicionamento de Deus diante da morte e também em relação à injustiça que produz vítimas.

Para expressar a realidade da ressurreição, várias formas de linguagem foram necessárias na formulação da fé. Duas verdades decorrem: o limite da linguagem e a riqueza do fato. O limite da linguagem surge por se tratar de uma realidade última e, sobretudo, escatológica. Os discípulos se emudecem diante de um não-saber, provocado pelo inaudito do mistério último. Por outro lado, a variedade de linguagens manifesta a pluralidade de vozes que desejam expressar assintoticamente o que ocorreu a Jesus e a experiência pascal. O limite da linguagem, porém, não obstaculizou a expressão de que Jesus continua possuindo entidade própria no presente em realidade positiva, insuperável e definitiva.

A realidade limite e escatológica proclamada pelo Novo Testamento, segundo Jon Sobrino, não é somente uma novidade cristológica, mas plurivalente em três dimensões. Primeiro, o Deus que ressuscita Jesus se apresenta em nova imagem e em sua inaudita ação escatológica pelo que realizou em Jesus. Segundo, do acontecido a Jesus será proclamada sua

indissolúvel união com Deus. Por último, é derramado o Espírito que testemunha a missão da vida de Jesus e de seus seguidores. Esta tríplice realidade, ao apresentar um Deus novo que possibilita o homem novo, exige voltar à circularidade, a exigência do homem novo para conhecer Deus.

### **2.2.3 O que a ressurreição revela a partir da humanidade da vítima**

A ressurreição, no Novo Testamento, está relacionada com as dimensões antropológicas que expressam a totalidade do ser humano. Se a ressurreição, vista não de forma arbitrária, ilumina a experiência humana, o inverso também é verdade. Por isso, deseja-se analisar a pergunta fundamental que o ser humano, explícita ou implicitamente, se faz e que têm relação com a ressurreição de Jesus: Que esperança, práxis e conhecimento são necessários para se compreender que Jesus ressuscitou dos mortos?

#### **2.2.3.1 A esperança que triunfa sobre a morte**

O Novo Testamento, ao falar da ressurreição numa perspectiva antropológica, diz, sobretudo, da esperança que triunfa sobre a morte. Não se trata, contudo, de uma esperança genérica, e sim de algo que afeta a experiência humana e torna compreensíveis os textos sobre a ressurreição. A teologia que desemboca da Escritura neotestamentária assume alguns aspectos da tradição hebraica e outros ficam relegados. Uma retomada das raízes da fé cristã, portanto, torna-se importante.

A tradição israelita bem desenvolveu os questionamentos provindos da finitude frente ao drama da morte. Sem se deter diretamente no problema da morte, perguntava-se pela ação de Deus a partir dos sinais históricos. No crescente da consciência histórica, Israel se indagava sobre a injustiça que padecem os justos. A esperança, baseada na fidelidade e na confiança, garantia que Deus faria justiça às vítimas. Frente a esse desafio, a resposta veio da apocalíptica: a aniquilação deste mundo em prol de uma nova ordem. Nesse contexto de sofrimento, surge a teologia da ressurreição dos mortos, ressaltando, sobretudo, a soberania de Deus que faz justiça às vítimas<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 72-80.

Os textos que serviam de base para essa reflexão, Dn 12,2 e Is 65,17, não se realizaram historicamente. Na fé de Israel, embora não seja consenso, prevaleceu a esperança de um triunfo de Deus sobre este mundo de injustiças. Jesus, por sua vez, não formulou a ação escatológica de Deus em termos de ressurreição, mas de Reino de Deus, porque ele se encontra mais na linha profética. Os discípulos, no entanto, formularam a experiência pascal em termos de ressurreição. E, disso, decorrem duas importantes conseqüências para a hermenêutica: a esperança na ressurreição universal e pessoal, e a necessidade de fazer nossa a esperança das vítimas.

Retomar a apocalíptica no sentido da esperança na própria ressurreição é o pressuposto hermenêutico para compreender a ressurreição de Jesus. A esperança da ressurreição, contudo, não se refere apenas à vitória da vida sobre a morte, mas tem relação com a justiça. A esperança que se deve refazer hoje é a do poder de Deus contra a injustiça que produz vítimas. Isso suscita, segundo Jon Sobrino, a necessidade de assumir a esperança da ressurreição, em primeiro lugar, para os crucificados da história. Deus ressuscitou um crucificado, por isso há esperança para os crucificados da história, porque vêem em Jesus o primogênito, o irmão maior<sup>37</sup>.

O que Jon Sobrino quer dizer com esta afirmação cristológica é que hoje morrem muitos pela lenta crucificação, produto da injustiça estrutural. Muitos morrem também por causa da luta pela justiça. Este é o lugar da universalização da esperança e, a partir daí, a ressurreição se torna símbolo de esperança à medida que participa, analogamente, na vida e morte das vítimas<sup>38</sup>.

Na entrega por amor aos outros, na feição do pobre, do injustiçado, é possível afirmar a vida e morte de Jesus como entrega pela humanidade. Para que haja esperança na ressurreição de Jesus, é preciso participar de sua cruz. Daí se poderá universalizar a esperança da ressurreição e torná-la boa-notícia para todos.

Jon Sobrino tematiza em linguagem cristã que a esperança é contra toda esperança. Trata-se de uma esperança crucificada. A sobrevivência além da morte envolve a

---

<sup>37</sup> Nos dizeres de J. Moltmann, “o novo e escandaloso da mensagem cristã de Páscoa é que tenha ressuscitado antes de todos um condenado, crucificado e abandonado”. MOLTSMANN, J. *El Deus crucificado: la cruz de Cristo como base y critica de toda teologia cristiana*. Salamanca: Sigüeme, 1975. p. 224.

<sup>38</sup> Cf. SOBRINO, O princípio misericórdia, p. 16-19.

obscuridade da própria morte e a injustiça que causa morte não tem perspectiva de ser findada<sup>39</sup>.

Na lógica da ação dos seres humanos e da re-ação de Deus no destino de Jesus, o dizer “vós o matastes” não destaca a morte em si mesma. Refere-se, antes, ao assassinio do justo e à possibilidade de matá-lo. A ressurreição, entendida na lógica de Jon Sobrino, retarda a pergunta pela morte para o futuro e recorda o modo de lidar já com a morte injusta no presente. Sabe-se, pois, que a coragem cristã de esperar a própria ressurreição vive da coragem de superar o escândalo da cruz. Em linguagem teológica, pergunta-se se Deus pode fazer justiça às vítimas produzidas pelos seres humanos. Deseja-se insistir que existe já um imenso escândalo; enfrentá-lo é já uma forma de lidar também com a própria morte pessoal<sup>40</sup>.

Em suma, a esperança da ressurreição de Jesus se relaciona com a das vítimas. A esperança cristã, assim entendida, assume o clamor do vitimado e se faz solidária com a situação do outro. Para Jon Sobrino, mais que esperar um triunfo pessoal sobre a morte, a esperança para a vítima conclama à ação misericordiosa e à partilha do mesmo destino. Nesse sentido, a ressurreição evoca já o caráter ético visto a partir do máximo do Dom de Deus expresso na humanidade de Jesus e nossa à luz da fé na ressurreição.

### **2.2.3.2. A práxis de Jesus e a práxis de ressuscitar as vítimas**

A esperança é exigência necessária e urgente para compreender a ressurreição, mas isso não elimina que ela esteja aberta ao serviço. Mesmo que o correlato de esperança seja promessa, não há oposição com a práxis. Ao contrário, a ressurreição inclusive já é práxis e ação ética uma vez que toda esperança proveniente da ressurreição nasce da convicção de um amor possível. Depende de ter visto, palpado e realizado o amor. Se é verdade que nem toda vida é ocasião de esperança, com certeza a vida de Jesus o é, pois ele tomou sobre si com amor a cruz e a morte.

Nesse sentido, essa experiência da ressurreição bem como a práxis que nasce dela vêm atestada pelos relatos das aparições. Eles manifestam que, diante da ressurreição, os discípulos não ficaram imparciais. A fé que brotou da ressurreição despertou nos discípulos abertura e engajamento para testemunhar o seu Mestre. Em participação na vida do

---

<sup>39</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 85-86.

<sup>40</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 86.

Ressuscitado, os discípulos são enviados em missão (cf. Mt 28,19-20; Jo 20,23; 21.15.17; Mc 16,17-18).

Nunca é demais lembrar, segundo Jon Sobrino, que a ressurreição é um evento plenificante e total, revelado por sinais. O próprio Jesus terreno, ao manifestar o Reino, não o faz ainda em sua plenitude total, mas em sinais. Por isso, analogamente, acredita-se que seja possível falar em ressurreições parciais<sup>41</sup>.

A boa-notícia torna-se real para as vítimas quando, na história fragmentada, pode-se tocar o plenificante de Deus. Com base no que Deus fez a Jesus na cruz, torna-se factível o descimento dos povos da cruz. Emerge, assim, uma dupla tarefa: fazer justiça à vítima e lutar contra os ídolos deste mundo. “Esta práxis é também o lugar de verificar, de maneira histórica e parcialmente, o razoável de aceitar as verdades da ressurreição”<sup>42</sup>.

### **2.2.3.3. O estatuto epistemológico da ressurreição**

Para a pergunta sobre o “conhecimento” do ressuscitado uma palavra também é possível, pois a ressurreição, esse evento último, deixa marcas históricas ainda que as transcenda. A base desse argumento é a promessa. Não como mera abertura ao futuro, mas como um tomar posição diante do mistério último da realidade. A promessa é algo que vem de fora, inesperada e imerecidamente. A abordagem do conhecimento acerca da ressurreição, nos dizeres de Jon Sobrino, faz-se pela abertura à graça, à qual ele denomina de “castidade da inteligência”<sup>43</sup>. A promessa, por sua vez, impulsiona o agir ético revestido de esperança e confiança na ação de Deus em Jesus e na vida dos discípulos.

A realidade compreendida assim supõe abertura à graça. Esta atitude chama-se castidade da inteligência, pois aceita o limite como possibilidade de acolhimento da realidade, deixando-se impregnar pela graça. Aceitar que a realidade é mistério que se vai mostrando gratuitamente muda, pois, a comprovação histórica convencional. Se confessada como algo real, exige dupla atitude de fé: a possibilidade de Deus intervir na história e a compreensão da realidade que leva em si mesma o escatológico e o aponta já na práxis dos discípulos.

Na relação da ressurreição com a realidade, em nenhuma parte do Novo Testamento, a ressurreição é descrita em si mesma. O único acesso a ela é a experiência

---

<sup>41</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 93.

<sup>42</sup> SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 95.

<sup>43</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 102.

pascal dos discípulos. O significado das aparições diz que os discípulos foram agraciados com a iniciativa de Deus. A experiência deles é qualitativamente diferente da de outros seres humanos, porque a ressurreição é um acontecimento escatológico. No presente, a pergunta que deve ser feita é se se aceita essa iniciativa de Deus.

Para os cristãos hoje, a adesão da ressurreição dá-se por uma distância crono e kairológica em relação à fé dos primeiros discípulos. A fé destes últimos não só se baseia no crer, mas eles ouviram, viram, contemplaram e apalparam a Palavra da vida (cf. 1 Jo1,1). O fundamental, porém, vale para todos: a fé na ação escatológica, mais que fatos históricos comprováveis, significa aceitação da ação de Deus na vida do Ressuscitado e a cumplicidade na ação humana cristologicamente compreendida como práxis libertadora. Frente a esse primado, Jon Sobrino acena para a possibilidade de refazer hoje a experiência de fé semelhante a dos primeiros cristãos.

Como conclusão objetiva temos, pois, o seguinte: é histórica e real a fé dos discípulos na ressurreição de Jesus e é histórico e real que para eles não resta dúvida que essa fé subjetiva corresponde a uma realidade objetiva acontecida ao mesmo Jesus<sup>44</sup>.

Apesar de haver matizes diferentes, o seguimento de Jesus hoje é possível porque, em última instância, trata-se de uma experiência de fé em Deus que liberta e ressuscita as vítimas com a vítima que é o Filho. No mais, em termos concretos, a fé se sustenta em dados de credibilidade, dos quais serão destacados três aspectos. Primeiro, o escatológico na história nos confronta com perguntas cujas respostas se dão por pessoas honradas. Segundo, a experiência em nossa história acontece como “algo último”. Terceiro, a aceitação da fé no Ressuscitado gera maior humanização naquele que o acolhe, proporciona mais e melhor história, e funda a história. Estes critérios, todavia, dependem de cada pessoa na ação de dizer o razoável da fé a si mesmo.

Para Jon Sobrino, uma coisa é clara: existe algo irreptível na experiência da ressurreição dos primeiros discípulos. Se a experiência fundante, todavia, não originasse nada mais além da fé, seria pura origem originante. Mas, sendo a ressurreição não apenas um fato histórico, mas eminentemente fundante da história, então ela deixa de ser extrínseca aos interlocutores posteriores. A ressurreição não é só transmitida como oferta para ser acolhida, advinda da credibilidade dos discípulos. Ela é convite a uma nova experiência de maneira análoga. No mais, a fé encerra-se em Cristo e não no testemunho dos apóstolos. Se o pro-

---

<sup>44</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 127.

seguimento é possível ele revela a existência da experiência pascal análoga à realizada pelos discípulos<sup>45</sup>.

Segundo o teólogo salvadorenho, o caminho mais razoável para narrar as experiências pascais é o da irrupção do quase-escatológico em nossa realidade, por isso práxis e páscoa são inseparáveis. A realidade já estava ali; sendo sua própria mediação ela se desvela. Desvela-se a realidade em categorias históricas e em dimensão de ultimidade. A realidade se desvela como fundamento da verdade, boa, como dom. A partir da experiência nasce a decisão de viver e lutar pela coisa última em meio à obscuridade, mas como luz e convicção de que esse caminho é o melhor. Ora, como as experiências do ressuscitado são pessoais e comunitárias, a reação gera empatia por seus mediadores, os pobres, formando com eles comunidade. A vida que surge do Ressuscitado carrega um posicionamento contra a negatividade histórica e uma disposição de instaurar a justiça do Reino. “Viver assim é uma forma de viver adequadamente a condição criatural de acordo com o Criador”<sup>46</sup>.

Mesmo não evocando explicitamente as visões dos discípulos quanto à aparição do ressuscitado, isso não significa que a experiência de ultimidade careça da cristologia.

Dizer que “o amor é mais forte que a morte” traduz antropologicamente a realidade cristológica da páscoa: a cruz desemboca na ressurreição. E o referir-se a um Deus não só maior, mas também menor traduz teologicamente a realidade cristológica que o Ressuscitado é o Crucificado<sup>47</sup>.

Na história não se pode esperar que aconteçam experiências das aparições do Ressuscitado, como as narrados no Evangelho. Todavia, isso não impossibilita a afecção das “experiências de ultimidade como as descritas; [pois] apesar de tudo, há luz e esperança no povo crucificado; reagir com misericórdia e amor é a última coisa que o ser humano pode fazer, dar a própria vida para dar a vida a outros é viver”<sup>48</sup>.

Até aqui se tem abordado as bases antropológicas do como Deus se auto-revela e o impacto sobre a práxis dos seguidores. A pergunta de fundo a que se procurou responder é: qual a relevância da ressurreição para um mundo de vítimas? Na cristologia de J.Sobrino, todavia, Deus não somente comunica-se a uma vida recriada. Surge também uma nova imagem de Deus redescoberta pela fé na ressurreição e conseqüentemente uma nova ortopráxis a partir do Ressuscitado.

---

<sup>45</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 130-132.

<sup>46</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 137-141.

<sup>47</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 141.

<sup>48</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 142.



## 2.2.4 O Deus que se diz em Jesus e o que a ressurreição revela de Deus

A relação revelação e história contou com importantes contribuições teológicas na modernidade. A reflexão sobriniana leva em consideração essas obras, mas sua reflexão encaminha-se para a libertação da vítima. Já não se fala do homem, do mundo, da história e de Deus da mesma forma. A partir da vítima, descobrem-se outras notas da teologia ou, de como Deus se diz ao ouvir o clamor do seu povo (cf. Ex 3,7s).

O que Jon Sobrino procura responder é o que a ressurreição de Jesus revela de Deus. Por ser escatológica, a ressurreição revela uma totalidade que relaciona Deus, Jesus e o homem<sup>49</sup>. O que quer que se afirme levará em conta o fato da ressurreição, sem se desprender do contexto imediato da cruz. Importa, sobretudo, o que Deus fez na vida de Jesus e o que Jesus revela de Deus. A fé em Deus é fé na ressurreição, na ação de Deus que ressuscita Jesus<sup>50</sup>.

A revelação de Deus se manifesta por meio de sinais, nunca diretamente. Nos sinais há um apelo que interpela o ouvinte a responder com fé. Nos sinais se percebe a ação de Deus e é movido a agir como Deus em Cristo. O credo de Israel se baseia numa ação libertadora: “Eu sou Javé teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (Dt 5,6; cf. Ex 20,2; Dt 26,5-9). Essa ação vai se deslocando para uma perspectiva de futuro (cf. 1 Rs 20,13; 20,28; Ez 25,6.8) e cada vez mais ganha caráter universal<sup>51</sup>.

A base da confissão de fé, porém, não muda: a parcialidade constante de Deus revelada na ação libertadora. Deus se revela dialética e duelicamente contra outras divindades. No fato fundante da fé de Israel, a libertação do Egito acontece contra o Faraó. O primeiro mandamento dado ao povo proíbe a adoração de deuses rivais, e com isto mostra o plano teológico da luta contra os deuses<sup>52</sup>.

A forma de Deus se revelar permanece a mesma no Novo Testamento. A revelação acontece por meio de um evento fundante e definitivo, a ressurreição, que se torna o núcleo central do credo. Deus ressuscita Jesus, faz justiça a uma vítima e a livra da morte e opressão. A partir dessa ação concreta e parcial, universaliza-se a formulação da realidade de

---

<sup>49</sup> A antropologia, conforme já apareceu na reflexão sobre a ressurreição de Jesus a partir da humanidade da vítima (cf. 2.2.3), terá agora apenas algumas menções.

<sup>50</sup> Cf. 1Ts 10; Gl 1,1; 1Cor 6,14; 15,15; 2Cor 4,14; Rm 4,24; 8,11; 10,7.9; Cl 2,12s; Ef 2,5; Hb 11,19; At 2,24.32; 13,33-34; 17,31.

<sup>51</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 155.

<sup>52</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 156.

Deus. Essa ação aponta para o futuro: a ressurreição dos mortos em que “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,28). Por último, na ressurreição torna-se explícita a luta dos deuses: “Vós o matastes, mas Deus o ressuscitou” (At 2,23s)<sup>53</sup>.

Apesar das semelhanças, o Novo Testamento apresenta características próprias e incomparáveis. A ressurreição de Jesus é uma ação definitiva e escatológica; na história não se poderá ir além dela. Outro ponto muda a perspectiva dada no AT: a in-ação de Deus na cruz. O próprio Deus se revela de duas formas diferentes e até contrárias que estabelecem uma dialética intrínseca à revelação. Deus é afetado e reage não só na dialética do já e ainda não, mas é afetado pelo que a história tem de cruz e esperança de ressurreição. Em certo sentido, é possível afirmar que Deus se mostra como pura positividade na ambigüidade da história.

A revelação de Deus em seu evento fundante é re-ação diante do sofrimento da vítima. Os dois relatos basilares do credo de Israel traduzem, para Jon Sobrino, esta experiência. O texto javista narra: “Vi a aflição do meu povo no Egito, e escutei o clamor que lhe arrancam seus capatazes; pois já conheço seus sofrimentos. Desci para libertá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra boa e vasta” (Ex 3,7s). E o texto da tradição eloísta relata: “O clamor dos filhos de Israel subiu até mim e vi também a opressão com que os egípcios os oprimem. Agora, pois, vai eu te envio ao Faraó, para que tires meu povo, os filhos de Israel, do Egito” (Ex 3,9s).

Jon Sobrino, com base nessas duas tradições bíblicas, insere uma intuição chave de seu pensamento sobre o princípio da ação de Deus. Se de um ponto de vista transcendente-absoluto, é preciso dizer “no princípio era a palavra” (Gn 1,1s); de um ponto de vista histórico-salvífico, deve-se dizer que “no princípio era a misericórdia para com as vítimas, a libertação” (Ex 3,7). Por princípio, entende-se uma ação que principia as outras e permanece atuante durante o processo dando rumo e conteúdos centrais às realidades importantes e duradouras<sup>54</sup>.

No Novo Testamento, aparece outra vez uma relação semelhante. A ressurreição de Jesus é também uma ação libertadora, pois faz justiça a uma vítima. É certo que a compreensão desse fato se universalizou como destino de todo ser humano. O risco é não perceber o que Deus diz de si e o da vítima ressuscitada.

---

<sup>53</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 156-157.

<sup>54</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 157-160.

Nos Atos dos Apóstolos, o ser humano assassinado é identificado com “o santo”, “o justo”, “o autor da vida” (cf. At 3,14s). Deus ressuscitou a Jesus de Nazaré que, pela forma de viver – no anúncio do Reino aos pobres, na denúncia dos poderosos, na radical fidelidade e confiança na vontade de Deus –, justificou o inocente e fez justiça a uma vítima. A ressurreição revela não tanto a onipotência de Deus, mas que ele fez justiça à vida de Jesus, a vítima inocente e fiel<sup>55</sup>.

A estrutura da ação de Deus é teologal duélica. Os ídolos ofuscam a força do Reino pelas mortes que causam, por isso estão em oposição a Deus. Não podem passar em branco, segundo Jon Sobrino, uma ação crítica e uma tomada de posição. O evento da morte e ressurreição mostra que Deus toma partido da vítima. No Livro dos Atos, aparece uma série de textos<sup>56</sup> expressando um esquema dialético-antagônico. Tais textos são apresentados como re-ação de Deus diante da ação humana. A estrutura excludente e duélica presente na história revela um Deus a favor da vida e contra a morte<sup>57</sup>.

O triunfo da ressurreição sobre a morte permanece como tarefa histórica. A ressurreição divide espaço com uma realidade de ídolos que gera vítimas. Por isso estão em oposição a Deus e ao ser humano. A vida de ressuscitados, no nível histórico-teologal, coloca o cristão em responsabilização a favor da vítima e em luta com os ídolos diante da indiferença pós-moderna.

A luta de Deus com os ídolos que se desdobra do evento da ressurreição mostra-se em sua totalidade. Deus mesmo revela a dialética do Deus maior e do Deus menor, não sintetizável na história<sup>58</sup>.

A ação de Deus na cruz diante da vítima Jesus não deve passar sem considerar a in-ação na cruz. É certo que o Novo Testamento proclame a unidade indissolúvel entre cruz e ressurreição; dito cristologicamente, o ressuscitado aparece com as chagas do crucificado. Isto, porém, não elimina o silêncio de Deus. A fraqueza de Deus diante da cruz protela para o fim dos tempos a plenificação em que “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,28).

O século XX foi tão brutal quanto outros, porém, em medidas diferentes. Constatou-se neste período histórico bárbaries, tais como ocorridas em Auschwitz, Hiroshima, Gulag, El Mozote, Bósnia, Ruanda... A partir da cruz, da in-ação de Deus, não é

---

<sup>55</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 162.

<sup>56</sup> Cf. At 2,23s; 3,14s; 4,10; 5,30s; 10,39s; 13,28.30.

<sup>57</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 164.

<sup>58</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 165-166.

masoquismo, mas, honestidade levar a sério esta situação e tomá-la como exigência de resposta da fé. É o caráter ético que aparece imediatamente associado à fé no crucificado e ressuscitado o qual se mantém associado às vítimas da história.

Ao se considerar essa realidade, não há como tornar-se apático às cruzes do mundo. A relação cruz e ressurreição revelam Deus, todavia, sem polarizar opostamente estes aspectos, nem mesmo pela sobreposição de um pelo outro. É evidente que a cruz por si só não revela nada. Mas, ao se fazer solidário na cruz com Jesus, Deus participa em comunhão com o destino das vítimas. Além disso, a vitória de Cristo manifestada em sua ressurreição é, igualmente, partilhada por aqueles que possuem o mesmo destino. Assim, Deus se faz um outro na história com as vítimas e com A Vítima: Jesus. Com a proximidade de Deus, as vítimas podem crer realmente que seu poder é boa-notícia.

Caso me seja permitido a expressão, na cruz Deus passou na prova do amor. Quando se captou a presença amorosa de Deus na cruz de Jesus, então a sua presença na ressurreição deixa de ser puro poder sem amor, alteridade sem afinidade, distância sem proximidade. E com isso o poder de Deus se torna crível<sup>59</sup>.

As reflexões que se desenvolveram sobre a ressurreição de Jesus não pretendem esgotar o mistério. Ao contrário, visa à ortodoxa articulação do *fides qua* com o *fides quae*. “Não está em jogo uma nova formulação da fides quae, mas um novo exercício da fides qua”<sup>60</sup>, o que Jon Sobrino julga indispensável. Se a ressurreição, a princípio, pode ser descrita como um evento histórico, também pode ser dita querigmática - por ser atribuída a Deus. Ela tem seu fim na doxologia, enquanto afirma Deus, em si mesmo, o ressuscitador, o Deus das vítimas.

A ressurreição de Jesus não diz algo somente sobre Deus, mas também sobre o próprio Jesus. Os primeiros discípulos descobriram uma plenitude em Jesus que os levaram à primeira formulação cristológica. O dinamismo da relação dos discípulos com Jesus supõe duas realidades essenciais para a fé: o crido, fato objetivo, e a disponibilidade e confiança da entrega da vida dos discípulos a Jesus, fato subjetivo.

O evento pascal é, sem dúvida, a plenificante manifestação da fé aberta pela ressurreição. Dele, conforme se destacou, há uma profunda relação entre cruz e ressurreição. Como mostram os textos do Novo Testamento, a passagem do medo para a coragem de anunciar a boa-nova evoca uma descontinuidade entre a vida de Jesus e a realidade pós-

---

<sup>59</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 168.

<sup>60</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 181.

pascal. A pergunta que fica é: O evento pré-pascal despertou fé nos discípulos e que tipo de fé?

A resposta a essa pergunta depende de uma sistematização sobre o tipo de fé da qual se fala. Jon Sobrino aborda a noção de fé como abertura, disponibilidade a algo visto como realidade última. Daí organizou os dados evangélicos que apresentam a ultimidade de Jesus, relacionando ele mesmo com o “último”.

A relação de ultimidade de Jesus no tocante ao Reino de Deus faz coincidir suas palavras e ações com a chegada do Reino. Jesus tem extrema liberdade diante da lei. Fala com autoridade e convicção da realização do Reino. Exige seguimento radical em adesão ao Caminho. O último aparece intimamente relacionado com Jesus. O Jesus pré-pascal está convencido da proximidade do Reino e ele se inicia em sua proclamação: nisto se dá a fé em Jesus.

Na relação com o Pai, Jesus expressa total confiança e disponibilidade. Não só se dirige ao Pai, mas expressa intimidade e proximidade inaudita, usando o termo *abba*. Nos sinóticos, distingue claramente quando fala de seu Pai ou, ao referir-se a outros, de vosso Pai (cf. Mc 11,25 par.). O modo diferente de se relacionar com o Pai coloca a pergunta pela realidade última em sua forma de relacionar com os discípulos e com outros seres humanos.

Enfim, Jesus despertou expectativa, esperança e entusiasmo naqueles que conviviam com ele. Mesmo que ainda não se afirme que essa fé seja do tipo pós-pascal, única e inaudita, algo suscitou que possibilitasse o despertar para o novo da ressurreição. Seria uma contradição dizer que Deus estava de forma privilegiada em Jesus, se isto não se fizesse notar de algum modo.

A fé pré-pascal parece razoável de ser afirmada. Que os discípulos tenham aceitado, com maior ou menor radicalidade, o messianismo de Jesus e o tenham tornado atuante em uma práxis é passível de consenso. A dúvida fica sobre a dimensão teológica da fé. Uma coisa é a aceitação de Jesus como Messias; outra a compreensão de que ele fosse princípio de ultimidade.

Importante, também, ao se perguntar pela fé pré-pascal é saber que papel desempenha a cruz de Jesus. Seria ela mais uma cruz na história ou um evento decisivo e revelador? Para a fé primeira - pré-pascal -, não é possível afirmar mais que uma fé em Deus que se apresenta nas expectativas messiânicas. A cruz, porém, subverte todo conceito de Deus

e aparece como evento revelador. A cruz, assim, tem sentido em sua integração no evento da ressurreição. Para Jon Sobrino, o evento pré-pascal é relevante<sup>61</sup>.

O maior interesse ao falar da fé volta-se, contudo, para o evento pós-pascal. Jon Sobrino está consciente disso. São possíveis duas abordagens. A primeira, a via teórica – a formulação da fé e a expressão dessa verdade no dogma. A segunda, a vida da práxis, que diz como os primeiros cristãos confessaram a vida do ressuscitado. E esse fato é decisivo para perceber a ética implícita a cristologia de Jon Sobrino.

A vida da práxis tem primazia sobre a teórica. Antes mesmo de poderem formular a fé, os cristãos viviam e testemunhavam as palavras e ações de Jesus. Os discípulos confessavam a ultimidade da vida de Jesus em suas vidas. Os seguidores se deixaram afetar por seu Mestre e orientaram sua vida a partir do seguimento. Na vida real, testemunhavam algo único, último e radical. É esse o foco maior de interesse de Jon Sobrino<sup>62</sup>.

Os cristãos formularam o que transparecia na vida deles. A verdadeira vida consistia em viver ao modo de Jesus. Aquele que fora difamado, injustiçado, agora é o exaltado vitorioso. Jesus olha para Deus como quem depositou nele a sua confiança e que agora recebe a confirmação da verdadeira vida. E aqueles que se configuram ao Crucificado descobrem suas vidas marcadas pelo mesmo destino.

Por meio de Jesus, desvela-se a revelação da fé no Pai criador; descobre-se no Nazareno o Cristo salvador e, por ele, o Pai, envia o Espírito santificador. Para Jon Sobrino, tudo que se diz da fé trinitária é afirmado de alguma forma a respeito da humanidade, ou seja, há uma relação teo-antropológica. Verifica-se, portanto, na humanidade de Jesus – a vítima injustiçada e justificada – como se configura a ação ética. Não de qualquer lugar, é claro, mas a partir do acontecimento do mistério pascal.

### **2.3 Mistério pascal e suas incidências teológicas na vida da vítima**

O mistério pascal prima pela unidade entre morte e ressurreição. No bojo deste acontecimento único, segue, no entanto, a necessária distinção dos momentos revelantes na cruz. De um lado, o silêncio de Deus na morte de Jesus não pode incorrer em uma rápida

---

<sup>61</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 194-199.

<sup>62</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 167-170.

resposta ressurrecionista. De outro, a vitória da ressurreição não prescinde da vida do crucificado. A unidade entre morte e ressurreição exige distinção dos fatos sem subjugar um pelo o outro.

A lógica da páscoa de Jesus segue a ordem dos fatos morte e ressurreição. Com a cruz, caem as expectativas messiânicas; tudo se silencia diante do fracasso. Nesse sentido, a maior prova de solidariedade de Deus consiste em fazer-se vítima com a vítima. Deus não só se coloca do lado do injustiçado, mas proclama a vitória sobre os ídolos de morte ao ressuscitar a vítima Jesus. Desse mistério do Crucificado-ressuscitado, a partir da vítima, ilumina-se a ação ética em favor dos vitimizados na história.

### **2.3.1 A parcialidade de Deus e a esperança da vítima**

O alcance da salvação universalizou-se com a ressurreição. Por ser um evento escatológico, a ressurreição expressa o máximo do Dom de Deus, kenoticamente manifesto na pessoa de Jesus e no Reino. A universalização da fé, no entanto, acontece a partir de um lugar: o mundo da vítima. Em favor dos crucificados, Deus manifesta sua parcialidade.

Para recuperar a parcialidade de Deus, torna-se necessária uma volta hermenêutica a Jesus de Nazaré. Esse retorno faz relacionar o Messias com o Crucificado, pois assim culminou a vida de Jesus, o Cristo. “O verdadeiro Messias, defensor da esperança dos pobres, acaba em uma cruz<sup>63</sup>”. A cruz aparece como consequência da atuação de um Messias que anuncia a esperança aos pobres e denuncia os opressores.

O caráter revelador da cruz de Jesus se mostra porque ele assumiu em toda sua vida o amor e a fidelidade a Deus. E, assim, diante da crueldade histórica, deparou-se com a cruz. Esse evento tem como consequência a boa-notícia. Por Jesus abre-se o caminho para o homem verdadeiro, mais que o verdadeiro homem. A expressão máxima neotestamentária revela que, na vida e cruz de Jesus, Deus se expressa em amor pela humanidade.

Deus ressuscitou Jesus de Nazaré, que por sua forma de viver – no anúncio do Reino aos pobres, na denúncia dos poderosos, na radical fidelidade e confiança na vontade de Deus – se faz vítima com as vítimas, e justificou o inocente. A ressurreição revela não tanto a onipotência de Deus, mas que ele fez justiça à vida de Jesus, a vítima inocente e fiel<sup>64</sup>.

---

<sup>63</sup> SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 280.

<sup>64</sup> SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 162.

Para Jon Sobrino, o mais específico da ressurreição de Jesus não é o que Deus fez a um cadáver, mas sim à vítima Jesus. A ressurreição mostra o triunfo da justiça; não simplesmente o triunfo da onipotência de Deus sobre a morte. A ressurreição de Jesus se converte em boa-notícia para a vítima na certeza de que a injustiça não triunfará<sup>65</sup>.

Da mesma forma que se faz necessário esclarecer os destinatários da boa-notícia para evidenciar seu conteúdo, o mesmo deve acontecer com a ressurreição. Nesse sentido, o Deus ressuscitante e Jesus ressuscitado se esclarecem mutuamente. Daí surge a óbvia e insistente busca de identificar quem Deus ressuscitou. O Ressuscitado não é apenas o Filho, o que por si já é escandaloso, mas a vítima Jesus de Nazaré.

O fundamental, para Jon Sobrino, é que o Filho de Deus se fez irmão solidário da humanidade. Ele não se envergonha de chamar de irmãos os crucificados na história (cf. Hb 2,11). Na América Latina, em função da abordagem primigênia, não se fala em teologia depois de Auschwitz, mas durante.

Como falar de Deus depois de Auschwitz?, perguntam os outros. Neste mesmo sentido, do outro lado do mar, os companheiros se perguntam: Como falar de Deus em Auschwitz, carregados de razão, dor e sangue em meio a morte de milhões?<sup>66</sup>

A demonstração real da solidariedade de Deus com a humanidade se dá na entrega de Jesus na cruz. Deus, ao participar da cruz como opção primigênia, assume a história com amor sem manipulá-la. Deus não fala a Jesus para comunicar aos homens seu desígnio de vida. Deus é afetado na cruz. Isto só é compreensível ao perceber Deus presente na estrutura histórica da revelação na realidade. O lugar de onde Deus se manifesta torna mediação de sua própria realidade<sup>67</sup>.

Deus participa da cruz e este é o seu modo de se fazer solidário. Uma solidariedade somente se faz verdadeira se há encarnação. Em um mundo de vítimas, a atitude real de solidariedade é se fazer vítima com as vítimas. Partilhar o mesmo destino dos crucificados da história é o que Deus faz: esta é a tarefa ético-cristã que emerge desse mistério.

Descer os povos da cruz irrompe como exigência fundamental mediante a parcialidade de Deus. Inspirados na ação de Jesus, o Cristo, o cristão, ao sentir-se afeccionado

---

<sup>65</sup> Cf. SOBRINO, J. La pascua de Jesús u la revelación de Dios desde la perspectiva de las víctimas. *Sal Terrae*, Santander, v. 83, n. 977, p. 206-207, 1995.

<sup>66</sup> CASALDÁLIGA, P. *Apud*, SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 320.

<sup>67</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 308-311.



pela vítima, é conclamado a agir com misericórdia. Na solidariedade cristã com o esquecido, a opção por ele nasce pela misericórdia como algo co-natural.

A misericórdia lança o fiel no lugar da vítima. Faz com que um e outro partilhem o mesmo destino. Movidos na esperança da ressurreição que triunfa sobre a injustiça, lutam por libertação. O nível pessoal da libertação desvela uma urgência maior: a libertação estrutural. O povo não apenas sofre as injustiças, mas morre por causa delas. A lenta crucificação do povo é um atentado à verdade da boa-nova. Como diz Paulo: “do céu se revela a ira de Deus contra todo tipo de homens ímpios e injustos que coíbem a verdade com a injustiça” (Rm 1,18).

Desmascarar as injustiças que desfiguram a Criação de Deus revela uma dupla libertação. A vítima que alcança uma graça sai da situação de esquecimento e exclusão, assumindo uma posição central: a abandonada agora é a amada. Também aquele que se propõe à libertação, pois supera uma ingenuidade individualista da fé. Sabe, ao libertar a vítima, que o advento do Reino convoca à tarefa de torná-lo verdade histórica em meio ao pecado.

O último desafio cristão não só faz referência ao Reino de Deus, mas ao Deus do Reino. Um Deus, como diz Jon Sobrino, em quem não só se pode descansar, mas aquele que não deixa descansar. O triunfo da justiça sobre os verdugos já é realidade escatológica em Cristo. Para os cristãos, permanece o desafio parcial em favor do excluído, até que “Deus seja tudo em todos” (1Cor 15,28).

### **2.3.2 A oposição de Deus aos deuses e a práxis anti-idolátrica**

Crer em um Deus imparcial e viver a fé de forma neutra são atitudes impensáveis para o cristianismo da América Latina, que bebeu nas fontes da Teologia da Libertação. Neste continente aprendeu-se a professar a fé a partir da opção pelos pobres em Medellín. Isto implica em assumir que a decisão de fé tem um lugar e, neste, um ponto de partida. Dá-se aí um horizonte de pré-compreensão que marca decisivamente o modo de acolher a revelação.

Para a fé professada no contexto da América Latina, urge o maior desafio: superar a idolatria. Os ídolos se arvoram não só no nível dos males éticos, mas também no nível teologal. Eles geram os demais males. Por eles se configura uma sociedade injusta produtora de milhões de vítimas.

Ao Deus da vida, segundo Jon Sobrino, não basta a confissão de fé positiva. Crer no Deus que se revela em Jesus exige renúncia e postura de vida contrária aos ídolos. O próprio evento da morte e ressurreição de Jesus não é imparcial, mas manifesta o posicionamento de Deus. Nos Atos lê-se: “A este, entregue segundo o plano previsto por Deus, vós crucificastes pela mão de gente sem lei, e o matastes. Mas Deus, libertando-os dos rigores de morte, o ressuscitou, pois a morte não podia retê-lo” (2,23-24). Fica manifesta a reação de Deus diante da ação humana. A estrutura excludente e duélica presente na história revela um Deus a favor da vida e contra a morte.

Na cruz, a luta dos deuses chega a seu termo. Nela revela-se a impotência de Deus, seu fracasso diante dos deuses. Na ressurreição, sua vitória será manifesta. Se os ídolos triunfam na cruz, na ressurreição Deus se sobrepõe a eles. Se na cruz Jesus é vítima gerada pelos ídolos, na ressurreição Deus está a favor das vítimas e devolve a vida à vítima Jesus<sup>68</sup>.

Para o teólogo salvadorenho, o transcendente de Deus se mostra não só no que está além do criatural. Manifesta-se também contra todo criatural absolutizado como ídolo. Assim, a ressurreição elucida, a partir do triunfo, o que a cruz aponta no fracasso: a luta dos deuses. Na ressurreição se evidencia que Deus vence os ídolos e seus deuses<sup>69</sup>.

A certeza da vitória de Deus sobre os ídolos inspira um modo de acolher a salvação. Marcada na graça a responder no Espírito a voz do seu criador, a Criação é recriada em Cristo. Não é mais o desejo de se absolutizar, ou de absolutizar algo criado, que move as pessoas. No mistério maior do Pai, descobre-se em Cristo um caminho que passa pelo pequeno. Para a vida cristã segue o desafio de acolher um único Senhor, afinal “ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6,24a).

Por outro lado, a decisão de assumir o caminho com o Deus da vida se opõe aos ídolos de morte. Não há conciliação possível. E ainda mais! Emerge da ação do Cristo a denúncia da inversão de valores do religioso e político judaico-romano. O cristão, movido pelo Espírito de Cristo, encontra na vítima o favor de Deus e se põe a transformar o mundo dos verdugos conforme a imagem e semelhança de Deus.

A mentira toma conta do mundo. Hoje se tem muita informação sobre a pobreza e a opressão, mas jamais as coisas são apresentadas como realidade central. Falta para os tempos hodiernos honestidade com o real, acolhimento da verdade objetiva como mediação

---

<sup>68</sup> Cf. SOBRINO, La pascua de Jesús, p. 209.

<sup>69</sup> Cf. SOBRINO, La pascua de Jesús, p. 209.

para a atitude teologal da verdade. Somente a cruz superou a aberração da mentira. A verdade se sobreporá à mentira pela ação engajada e responsável em favor do povo crucificado “e então se captará melhor a revelação de Deus”<sup>70</sup>.

### **2.3.3 A alteridade e afinidade de Deus com a vítima**

O Deus revelado no Novo Testamento não é mais um Deus distante e separado. Ele aproximou-se dos seres humanos como condição de possibilidade de sua manifestação e conteúdo de sua própria realidade. O acercamento de Deus marca essencialmente o ser de Deus: um “Deus conosco”. O Deus transcendente se aproximou da humanidade em Jesus.

Segundo Jon Sobrino, Deus em sua bondade se aproxima e se manifesta. O seu chegar já é sinal de salvação, de benevolência primigênia. Deus cura o pecado com o perdão, cura o coração, humaniza e plenifica. A aproximação de Deus se dá segundo algumas características. Ocorre na liberdade e gratuidade, independente da vontade dos seres humanos. Uma aproximação que permanece independente da resposta do ser humano sendo, assim, irrevogável. Deus se manifesta na parcialidade em favor dos fracos deste mundo. O âmbito da aproximação de Deus é esta vida. Nela se dá a salvação em humanização e revigoração<sup>71</sup>.

Jon Sobrino entende o pecado em oposição a Deus. Deus, todavia, não retribui este *mysterium iniquitatis* segundo suas próprias leis. Ao contrário, assume o mundo de pecado com suas conseqüências até a cruz. Na cruz se evidencia oposição mortal do pecado para com Deus, mas revela-se também o amor incondicional de Deus. Deus oferece a si mesmo como causa de salvação. O Deus que se aproxima continua sendo o Deus santo e transcendente. Sua santidade não é, porém, distanciamento, mas o máximo de proximidade para que os humanos cheguem à plenitude. E sua transcendência não consiste somente em um estar além da história, mas ativa atração da história para si<sup>72</sup>.

O abaixamento de Deus ao ser humano passa pela cruz. Nela se revela o modo específico da auto-revelação de Deus. Segundo o teólogo salvadorenho, acostumou-se a falar da transcendência de Deus como algo grandioso, distinto. Deus, todavia, precisa ser visto no menos: na cruz, no pequeno, no sofrimento. Tudo isso afeta Deus e o revela<sup>73</sup>.

---

<sup>70</sup> SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 384.

<sup>71</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 237-238.

<sup>72</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 238-239.

<sup>73</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 314.

Na cruz aparece em primeiro lugar o silêncio de Deus, a in-ação, e a partir daí a impotência e a inoperatividade de Deus. Essa atitude passiva de Deus nada gera de esperança. Por ela não se encontram sinais de libertação. É na intercessão da cruz com a manifestação de Deus na ressurreição que se encontra a razão para crer no poder de Deus<sup>74</sup>.

A razão dessa impotência de Deus se expressa na absoluta proximidade com as vítimas. Deus partilha com elas o destino de sua vida até o final. Ele participou da cruz de Jesus e compartilha com a vítima os horrores da história. Tudo está consumado na proximidade de Deus com os humanos. Então, baseando-se a ressurreição da possibilidade intrínseca de Deus agir, sua ação se torna crível à vítima, pois nasce do menos para o mais<sup>75</sup>.

Para Jon Sobrino, a solidariedade de Deus em Jesus tem recebido pouco peso na cristologia. Isso se deve ao fato de o termo *irmão*, atribuído a Jesus, receber um tratamento pouco equivalente ao do título *Filho*. O termo irmão ressalta mais a solidariedade de Cristo com os seus. Cristo se diferencia dos outros irmãos por ser o primogênito, mas se iguala por não ter sido poupado de passar pela fé. Enquanto irmão primogênito, Cristo constitui uma alteridade, mas isso não deve levar ao esquecimento sua afinidade fundamental de ser irmão<sup>76</sup>.

O que se diz da alteridade e afinidade de Deus com a vítima na economia da salvação também será afirmado sobre a transcendência. De um ponto de vista transcendente-absoluto, Von Balthasar<sup>77</sup> situa a alteridade e afinidade na relação intradivina. Para ele, o Pai ama o Filho eternamente. O Filho Dom do Pai responde a esse amor amando o Pai. Na afinidade da relação está o Espírito, o Outro da relação.

Do ponto de vista histórico-teológico, de alguma forma, acontece algo semelhante. O Dom de Deus possibilita a relação humana. Na aposta do sentido último da vida em favor da vítima, responde-se ao Amor doado. No sentir-se amado nesse Amor, a pessoa é lançada ao encontro com a vítima; pela misericórdia reage à situação sofrida da vítima. A atitude de responsabilização pela vítima pervade a relação de libertação da vítima.

Para o nosso teólogo, as vítimas encontram no Deus crucificado, no irmanar-se de Jesus, a superação da orfandade. O Deus, a não-vítima por antonomásia, aproxima-se e participa da condição das vítimas. Isso é visto pela vítima como algo positivo e salvífico, como algo que inclui as lutas e trabalhos, traz ânimo e esperança. O Deus crucificado é

---

<sup>74</sup> Cf. SOBRINO, La pascua de Jesús, p. 212.

<sup>75</sup> Cf. SOBRINO, La pascua de Jesús, p. 212.

<sup>76</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 257-258.

<sup>77</sup> Cf. BALTHASAR, H. U. V. *Saggi teologici*. Morcelliana: Brescia, 1979. v. 4, p. 23-32.

experimentado também como salvação porque expressa a experiência de comunhão com ele. A ressurreição revelará pela vitória a solidariedade de Deus com as vítimas e também a boa-notícia de libertação<sup>78</sup>.

#### **2.3.4 A reserva escatológica como tempo da “tarefa cristã”**

No evento da ressurreição, irrompe o futuro escatológico. Na Criação do futuro, Deus mostra seu poder divino e se mostra no seu modo de ser Deus. A fé que brota desse evento é acolhida no modo como Deus se diz em Jesus. Pela vida do Nazareno, os discípulos aprendem a caminhar na história. No evento da manifestação do Ressuscitado, assimilam o sentido último de sua existência. O caminho do discípulo se faz na perspectiva da parusia.

Jon Sobrino entende que o futuro que se abre pelo mistério pascal não deve ser visto apenas a partir da ressurreição. De um lado, é correto afirmar que a totalidade do mistério pascal somente se revelará quando “Deus for tudo em todos” (1Cor 15, 28). Isso significa que a verdade da ressurreição será evidente na consumação plena dos tempos. O obscurecimento da verdade se faz na perspectiva do “tempo” de Deus. Jon Sobrino insiste, sobretudo, na necessidade de considerar a cruz que permanece na história<sup>79</sup>.

Na perspectiva das vítimas, a cruz da história permanece ainda massiva e aguarda o momento em que os inimigos serão derrotados. A consumação escatológica, portanto, além de compreender a totalidade do mistério de Deus, o que evoca a perspectiva do futuro, também compreende a vitória da ressurreição sobre os males históricos.

O caminho continua a se fazer na história. Na resposta ao apelo de Deus, descobre-se um Deus em quem se pode descansar, mas ele não deixa descansar. O discípulo se sente acolhido por Deus que o sustenta na fé e ao mesmo tempo se comove com Deus diante do sofredor. No encontro com a vítima, desvela-se para o discípulo a face do Cristo sofredor, mas também as marcas da esperança e alegria. O padecimento por que passa a vítima eleva o tom da motivação de descê-los da cruz.

As vítimas deste mundo se identificam profundamente com uma fé a caminho. Elas trazem a teimosia da esperança contra toda esperança; suscitam a práxis do descimento

---

<sup>78</sup> Cf. SOBRINO, La pascua de Jesús, p. 212-13.

<sup>79</sup> Cf. SOBRINO, La pascua de Jesús, p. 215-17.

dos pobres da cruz. As vítimas medeiam o mistério da graça; estão na intercessão entre a protologia e a escatologia.

A fé em Deus é processo que, ao nosso entender, deve incluir os seguintes elementos: 1) a esperança de ressurreição, mas em presença das cruzes da história; 2) a humildade do caminhar, sem pretender sintetizar na história o que só é sintetizável no fim, sublinhando que se trata de uma humildade específica exigida não só pela pequenez da criatura diante do seu Deus, mas pela própria manifestação de Deus, dialética, feita de silêncio e palavra, de ação e inação; 3) um caminhar prático – agir com justiça, construir o reino – não só uma esperança apenas expectante, pois se trata de que Deus “seja” tudo em tudo<sup>80</sup>.

Pelo rosto do pobre, Jesus revela o mistério de Deus de forma parcial, dialética e a caminho. Sob o acolhimento da fé, sente-se movido em favor dos pobres e contra os opressores. Persistência amorosa pela verdade que continuamente se vê ameaçada pelos ídolos de morte. Jesus, portanto, não é apenas sacramento do Pai, mas também caminho para o Pai. Se de um lado, a fé descende do Cristo como Filho, caminho para o Pai, de forma semelhante, o Cristo é caminho ascendente que leva ao Pai<sup>81</sup>.

A opção cristológica de Jon Sobrino pelo caminho ascendente da fé é a mesma que aqui se deseja para a ética. O escatológico, desta forma, não se traduz como verdades a serem imitadas na vida cristã ou mesmo no assumir a vida de Cristo como exemplo a seguir. Trata-se antes de uma ética da configuração com Cristo, Dom de Deus acolhido em meio às cruzes do mundo.

Um caminho que se faz no caminhar. O sentido do mistério revelado do Pai encontra-se no dizer de Deus, no como ele continua a ser na história ação e in-ação, silêncio e palavra. A dialética revelada na ressurreição a partir da cruz de Jesus segue como caminho da vida cristã configurada na dialética tarefa e dom.

Se isso procede, a esperança do Ressuscitado vai além da atitude de espera da consumação do Reino. A práxis da edificação do Reino torna-se não só aceitável, mas um apelo. No seguimento do Cristo, o Espírito aponta para o Reino. Não se trata de um voluntarismo transformista da fé. O cristão é inspirado a acolher o Reino, vivenciar os seus valores em oposição ao anti-reino.

Em síntese, na práxis de descimento da cruz das vítimas desse mundo, a teologia é *intellectus amoris*. No caminhar esperançoso de que Deus faça justiça às vítimas, a teologia é *intellectus spei*. E, enquanto a fé é movida por um caminhar, em que algo move o caminheiro,

---

<sup>80</sup> SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 178.

<sup>81</sup> Cf. SOBRINO, La pascua de Jesús, p. 218.

a teologia é *intellectus fidei*. Fatores todos estes de suma importância para a identidade cristã, segundo Jon Sobrino<sup>82</sup>, e, ainda poderíamos acrescentar, para a ética teológica cristã.

## 2.4 Elementos éticos da cristologia de Sobrino

Como dissemos no início deste capítulo e mostramos ao longo dos passos anteriores, Jon Sobrino não elabora uma reflexão sistemática sobre ética cristã. O teólogo salvadorenho trata do povo crucificado do ponto de vista teológico a partir da cristologia. Para ele, a situação das vítimas é iluminada pela ação do Deus misericordioso, que se deixa afecionar pelo drama de seu povo. Jon Sobrino entende a ação misericordiosa de Jesus como eixo estruturante de sua vida, em favor da vítima.

Por outro lado, percorrendo o caminho teológico da cristologia sobriniana dá-se conta do caráter prático ou ético implícito à revelação e a fé no crucificado e ressuscitado. Nesse sentido, a ética implícita, visada a partir do pensamento de Jon Sobrino, ilumina a vida cristã e jorra da fontalidade da fé. É fundamental recordar que o fato ético cristão já se dá no evento Cristo. Não decorre como consequência de onde se tira conclusões para o agir. Assim o mistério cristológico é o evento no qual se dá verdadeiramente o *modus vivendi* do cristão. No emergir da fé em Cristo, o cristão configura sua vida ética no seguimento de Cristo identificado como Servo Sofredor e ressuscitado como vítima com e pelas vítimas da humanidade. Algumas categorias cristológicas traduzem bem como se dá essa relação de interface entre cristologia e ética.

### 2.4.1 O Reino de Deus e o Deus do Reino

A categoria central do pensamento de Jon Sobrino é *Reino de Deus*. O Pai, a quem Jesus volta toda sua vida em orientação, revela-se como o Deus do Reino. O próprio Jesus anuncia o Reino como conteúdo de sua mensagem. Pelo Espírito, o Reino se faz presente na história. Assim, se é verdade que o cristão se define por sua referência à Trindade<sup>83</sup>, em Jon Sobrino, o Reino surge como relação fundamental dessa mesma fé.

---

<sup>82</sup> SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 498-500.

<sup>83</sup> Cf. BALTHASAR, Saggi, p. 23-32.

Para Jon Sobrino, o caminho dos seguidores de Jesus se decide pela centralidade do Reino. No entanto, nota o teólogo salvadorenho que a partir da segunda geração cristã esse referencial foi sendo perdido de vista. Com o tempo, esqueceu-se de vincular a ação de Jesus a suas raízes históricas e teológicas. Com isso, duas conseqüências se fazem notar: “uma é que se deu prioridade ao mediador sobre a mediação, a Cristo sobre o Reino de Deus; e outra, relacionada com a anterior, é que se foi compreendendo o mediador mais segundo o modelo de Filho de Deus do que com o modelo do Messias”<sup>84</sup>. A pessoa do Filho de Deus recebe mais acento que a vontade de Deus e o seu Reino.

O messianismo real de Jesus é um valor a ser resgatado em sua relação com o Reino e com os pobres. Para tanto, Jon Sobrino realça a necessidade de mediações concretas para o mundo dos empobrecidos. Com isso, deseja-se evitar um messianismo sem Reino, puramente espiritual, universal, sem parcialidade com os pobres, sem misericórdia eficaz para com as vítimas e sem exigência de justiça para com os opressores<sup>85</sup>. O que Jon Sobrino deseja, sobretudo, é recuperar a imagem do Messias que traz esperança para os pobres. Segue, desta forma, a orientação dos Sinóticos, ao relacionar Jesus com o Reino de Deus. A cristologia da libertação almejou recuperar a centralidade do Messias, dedicando a ele o título de libertador. O que “significa recolher e manter o essencial: ter diante dos olhos a opressão e a esperança dos pobres, e dar-lhes uma resposta”<sup>86</sup>.

Para recuperar o messianismo de Cristo, é necessário voltar a Jesus de Nazaré, conforme propõe Jon Sobrino. Esse retorno se faz ao relacionar o Messias com o crucificado, pois assim culminou a vida de Jesus. A cruz aparece como conseqüência da atuação de um Messias que anuncia a esperança aos pobres e denuncia os opressores.

Quando a compreensão do messias recai sobre a mediação, o Reino transparece em sua densidade. Essa é a novidade mais própria de Jon Sobrino acerca deste tema. Importa para a ética de cunho sobriniano retomar a centralidade do Reino, na perspectiva de um Messias que aponta para o Reino.

Quando o horizonte do seguimento é o Reino, a adesão da fé pessoal em Cristo abre-se ao outro e às relações de justiça: instaura-se a Ética da Libertação. Esta se caracteriza pelo encontro com o desvalido e pela superação da sua situação de exclusão. Por meio dele, configura-se nas palavras e ações de Jesus o que é o Reino. Jesus age no anúncio do Reino

---

<sup>84</sup> SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 270.

<sup>85</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 275-276.

<sup>86</sup> SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 278.



transformando a realidade, o que permite afirmar que o Reino não está em contraposição à ação.

O cristão tem diante de seus olhos o mesmo horizonte de Cristo. Na configuração com o Cristo, age com misericórdia. A partir da opção pela vítima, o seguidor de Jesus é chamado a deixar-se moldar pela experiência do encontro desvelador do descentramento de Deus.

A sensibilização com a situação da vítima deflagra uma reação de combate ao mal e mundo de pecado que faz vítimas humanas. Os responsáveis do mal são os ídolos que consomem a vida de inocentes. No Espírito se descobre que os ídolos mataram o Filho de Deus e ameaçam o protagonismo da fé na emancipação do Reino. O cristão em atitude de escuta descobre na experiência de crucificação um Deus que faz justiça à vítima Jesus e às vítimas.

O Deus que ressuscita Jesus na cruz vence os ídolos de morte. A esperança que emana desse acontecimento lembra que os verdugos não triunfaram sobre as vítimas. Esse evento revelador manifesta que, no Reino, Deus permanece com sua palavra de vida. É o Deus do Reino. O advento escatológico revela que a vítima encontrou graça diante de Deus e que a proteção divina é perpetuada.

Assim, ao contemplar a ressurreição, o cristão se sente já vitorioso. As forças que se opunham ao Reino foram vencidas. No encontro com a vítima, no entanto, o seguidor de Jesus faz memória da cruz. Nos passos do Mestre descobre um mundo de crucificados e a urgência de tornar verdade histórica o acontecido escatológico. Não se trata de voluntarismo, mas de acolher o Ressuscitado-crucificado em sua verdade total. Trata-se de agir segundo o Espírito de Jesus.

O cristianismo introduz na história o que Jesus anunciou e a boa-notícia da mesa compartilhada. Ambas se compreendem e remetem-se uma à outra. O modo como se dá essa relação é o que sempre fez a diferença na história. Essa é a forma de apresentar Jesus como boa-notícia. Conforme diz Jon Sobrino: “É a tradução social da boa-notícia pessoal que é Jesus”<sup>87</sup>. Cristo deixa em nossas mãos o continuar sendo *eu-aggelion*: a construção da mesa compartilhada.

---

<sup>87</sup> SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 399.

## 2.4.2 O pobre como alteridade

Com o desaparecimento do Reino como mediação, a identidade cristã fica ameaçada. Ao contrário, se assumida a opção pelo Reino como mediação da fé, aparece como central em seu conteúdo os pobres e a correspondente luta contra o anti-reino. O grave risco dessa perda de referência é que os elementos da constelação do Reino – pobres, libertação, pecado estrutural – correm o risco de não alcançar o estatuto teo-legal de serem os “privilegiados de Deus”.

Para Jon Sobrino, a realidade do Reino é universal, mas, de direito, ela pertence aos pobres, por isso pode ser dita parcial. Jesus compreende sua missão dirigida aos pobres (cf. Lc 4,18). A eles é anunciada a boa-notícia (cf. Lc 7,22; Mt 11,5). Os pobres são aqueles para quem a vida não oferece horizonte de possibilidades. Sua situação por si mesma interpela Deus a agir com misericórdia em seu favor<sup>88</sup>.

Entender os pobres como destinatários primeiros do Reino condiciona o conteúdo da boa-nova de Jesus. Os pobres se tornam a porta-estreita pela qual devem passar os seguidores de Jesus, o critério de definição que indica quem pertence ou não do Reino. As vítimas orientam, portanto, o fundamental no seguimento do Cristo.

No apequenado mundo da vítima, percebe-se melhor o mistério da *Kénosis*. Pelo rosto do pobre, Deus não só fala à humanidade, mas se autocomunica a si mesmo (cf. *Dei Verbum* 1). Na encarnação, o Cristo se despoja de todo poder, realeza e domínio. Ele escolhe o caminho do pequeno com o pequeno, na entrega de sua vida ao Pai em confiança no Espírito.

O pobre medeia a graça do acolhimento da presença de Deus, pois o Cristo continua a se dizer nos novos nazarenos da história, os filhos de Deus que terminam sua vida na cruz. Descê-los da cruz é uma urgência ética, mas sobretudo teológica. Deus se compadece de seu povo; ouve o seu clamor (cf. Ex 3,7s.). No rosto do pobre, descortina-se o apelo: “salva-me”<sup>89</sup>!

O padecimento do pobre escancara sua situação de vítima. De um lado, provoca descentramento em quem entra na dinâmica da misericórdia, de outro, exige que os opressores mudem de vida. No Reino, de fato, convivem joio e trigo, mas não como aceitação passiva de Deus. Todo campo há de se transformar em trigo.

---

<sup>88</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 114-115.

<sup>89</sup> Cf. LEVINAS, E. *Difficile liberté*. Essais sur le judaïsme. Paris: Le Livre de Poche, 1990. p. 13-23.

### 2.4.3 Prosseguimento no Espírito para o Pai

O seguimento ocupa no pensamento sobriniano um lugar central. “Seguimento significa caminhar, ser e fazer atualizadamente o que foi e fez Jesus e como Jesus o fez”<sup>90</sup>. Nele se define o caráter último da fé. Toda confissão de fé deve passar pelo seguimento a fim de que seja um reconhecimento autêntico da vida cristã. Muito se fala da ausência de uma Pneumatologia na reflexão teológica atual - e isto é verdade. Para Jon Sobrino, no entanto, falta recuperar a ação do Espírito de Jesus de Nazaré.

A vida de Jesus está carregada do Espírito; por ele Jesus se deixa conduzir. Na cena das tentações, Jesus se põe diante de Deus e apresenta sua vida a ele a fim de discernir o modo de ser Messias. Jesus dialoga com seu verdadeiro interlocutor, o próprio Deus, que é capaz de dizer o que é central na sua vida<sup>91</sup>. Na ação de Jesus, emana a presença do Espírito na entrega confiante ao Pai.

O mesmo Espírito que se revela na ação de Jesus é doado em Pentecostes. A acolhida do Espírito ocorre no paradoxo da experiência presença-ausência de Jesus. “Para vós convém que eu vá. Se eu não for, o Valedor não virá para vós: se eu for, vo-lo enviarei” (Jo 16,7). A verdade de Deus se fez presente neste mundo e precisa ser completada. Isso significa que a perspectiva da historicidade é possível e necessária no entender de nosso teólogo<sup>92</sup>.

O seguimento do Cristo manifesta o que é vida de Jesus para os novos tempos. O que se conhece na relação de Jesus com Deus se vislumbra quando se refaz a experiência de confiança e disponibilidade a Deus. O que significado genuíno de anunciar e iniciar o Reino se dá na compaixão e acolhida do marginalizado. O ser de Jesus se conhece em profundidade pela configuração com o seu modo de ser<sup>93</sup>.

Teo-logalmente, o cristão no seguimento de Jesus confia em Deus que é Pai. Um Deus em quem se pode descansar, na disponibilidade diante de um Deus Pai, que sendo Deus não deixar descansar. No deixar Deus ser Deus-Pai, o seguimento de Jesus se converte no humilde caminhar na história. A partir da fé, esse movimento é um caminhar para Deus. Este é o elemento central da mistagogia cristã. Pneumatologicamente, no seguimento de Jesus, realiza-se em ato o deixar-se levar pelo Espírito. O discernimento se faz Tateando historicamente o que humaniza ou não as pessoas. Isto se expressa no que o Espírito tem de força, conflito, perseguição,

---

<sup>90</sup> SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 583.

<sup>91</sup> Cf. SOBRINO, J. Luz que penetra las almas. Espíritu de Dios y seguimiento lúcido de Jesús. *Sal Terrae*, Santander, n. 1, v. 88, p. 6, 1998.

<sup>92</sup> Cf. SOBRINO. Luz que penetra, p. 12.

<sup>93</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 583.

martírio e o que o Espírito tem de liberdade sem deixar que nada seja obstáculo para fazer o bem e nada escravize o mundo pelo pecado<sup>94</sup>.

Seguimento e Espírito para Jon Sobrino, como se percebe, não coexistem de forma justaposta. São realidades convergentes que correspondem a diferentes âmbitos da realidade. “O seguimento é a estrutura de vida, o canal marcado por Jesus para caminhar, e o Espírito é a força que capacita para caminhar real e atualizadamente por esse canal ao longo da história”<sup>95</sup>.

Assim entendido, Jon Sobrino não fala apenas em seguimento, mas pro-seguimento. O “seguimento” remete ao canal da vida real configurado pela vida de Jesus. O “com espírito” diz da força para o caminhar real. Já o “pro” enfoca a necessidade perene de atualização e abertura ao futuro. O Espírito não inventa a estrutura do seguimento ao longo da história, mas remete a estrutura fundamental da vida de Jesus para tempos novos e o futuro<sup>96</sup>.

A vida de Jesus, em suma, move-se pela ação do Espírito. O seguimento de Jesus se faz, portanto, no ser e falar no e com o Espírito. Viver assim remete à estrutura da vida de Jesus, o significado de toda a sua vida. Pôr-se diante da vida e práxis de Jesus implica acolher o modo da ação do Espírito em sua vida, da forma como se comunicam os novos sinais dos tempos histórico-teológicos<sup>97</sup>.

O seguimento é a melhor categoria para definir a missão de Jesus, da mesma forma que o Reino dá o horizonte e o conteúdo do seguimento. No seguimento verifica-se o modo correto de viver a fé na ressurreição – ortopatía –, o que implica passar pela relação seguimento de Jesus e ressuscitados na história: assumir o plenificante no seguimento histórico.

O seguimento de Jesus tem seu princípio e cume na práxis de Jesus. “O seguimento consiste em refazer a vida e a práxis de Jesus<sup>98</sup>”. Já a práxis de Jesus gera o seguimento que retorna a uma práxis. “Um caminho prático não é outra coisa senão o seguimento de Jesus: refazer na história a estrutura de sua vida, práxis e destino<sup>99</sup>”. Em torno a uma linha muito tênue, articulam-se seguimento e práxis. Mais do que falar em distinção,

---

<sup>94</sup> SOBRINO, Teología desde la realidad, p. 164-165.

<sup>95</sup> SOBRINO, Luz que penetra, p. 8-9.

<sup>96</sup> Cf. SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 590.

<sup>97</sup> Cf. SOBRINO, Luz que penetra, p. 8.

<sup>98</sup> SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 583.

<sup>99</sup> SOBRINO, La fe en Jesucristo, p. 582.

preferimos ressaltar a relação entre seguimento e práxis dada em uma circularidade hermenêutica.

Segundo Jon Sobrino, é possível falar em práxis, porque Jesus, ao anunciar o Reino, faz seu anúncio transformando a realidade. Jesus não só anuncia obras, mas realiza as mesmas como sinais e realização do Reino. Fala-se em práxis no sentido messiânico, advento do Reino, e também no sentido profético, denúncia do anti-reino<sup>100</sup>. A práxis de Jesus manifesta a norma do seguimento, pois o Espírito que se manifesta na ação de Jesus é o mesmo Espírito que atualiza a vida de Jesus.

Do ponto de vista da ética, a categoria de práxis se coaduna melhor com o objeto desta pesquisa do que a de seguimento. Uma dupla razão justifica nossa opção. Na práxis de Jesus tem se revelado a face do Deus misericordioso. A atitude de fé neste Deus exige um seguimento no Espírito de Jesus, que culmina na práxis dos discípulos. A ética cristã é assim o modo de viver em Cristo, segundo o seu agir transformador no anúncio do Reino, no acolhimento misericordioso e libertador da vítima.

A práxis de Jesus revela um Deus parcial, em favor dos pobres, que está a favor da vida e contra os ídolos de morte. Como se percebe, a práxis de Jesus dá unidade ao que se revela de sua ação. Os elementos éticos supracitados reúnem-se aqui em uma perfeita síntese.

Em suma, na cristologia, articula-se a face reveladora de Deus, pela práxis de Jesus, no Espírito, até a cruz. No amor crucificado-ressuscitante, Deus justifica a vida de Jesus não só como o homem verdadeiro, mas também como o modo de ser verdadeiramente humano. Na intercessão do humano com o divino, manifesta-se o específico do agir ético cristão. O seguimento acontece na configuração com Cristo, segundo a estrutura fundamental da vida de Jesus; por seu Espírito, o discípulo é movido à compaixão com as vítimas.

---

<sup>100</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo liberador, p. 212.

### 3 Elaboração sistemática Ético-Teológica da Libertação

*Homem, eu já te expliquei o que é bom,  
o que o Senhor deseja de ti:  
que defendas o direito e ames a lealdade,  
e que sejas humilde com teu Deus.  
Quão acertado é respeitares a ti mesmo!*  
(Mq 6,8)

No primeiro capítulo já foi mostrada a escassez da produção sistemática da Ética Teológica da Libertação, a partir do advento da reflexão ético-teológica do pós-Vaticano. No sentido de superar essa ausência, este trabalho tomou a cristologia de Jon Sobrino como base. Sem uma preocupação de sistematizar a reflexão ética, procurou-se, no capítulo anterior, em mostrar como isso já é implícito ao pensamento de Jon Sobrino. Agora se propõe contribuir com o avanço da Ética Teológica da Libertação. A articulação de fundo é sempre a mesma: do teológico com o antropológico a partir do cristológico em vista da Ética Teológica da Libertação.

O objetivo a que agora se presta é de avançar na produção sistemática da Ética Teológica da Libertação. Implícita à cristologia de Jon Sobrino, extraiu-se elementos para sistematizar uma definição de Ética Teológica da Libertação. Formulamos a Ética Teológica da Libertação como configuração com Cristo ao modo como Deus se diz em Jesus vitimizado e no descimento das vítimas da cruz. Esta compreensão da ética perpassará o percurso a ser realizado.

Graças à perspectiva da vítima, a cristologia de Jon Sobrino parece fundamental para o propósito de uma Ética Teológica da Libertação. O seu grande contributo se dá em pensar uma cristologia para a práxis a partir do Jesus histórico. Em termos cristológicos, Jon Sobrino articula, em vista da práxis, seu pensamento em dois eixos estruturantes: o seguimento e o Reino. Uma cristologia em função da práxis desemboca necessariamente em uma ética. A Ética Teológica da Libertação, por sua vez, se propõe a refletir sobre o agir em Cristo pela libertação da vítima.

Neste capítulo se enfocará o “Agir”, a perspectiva mais ética, do método utilizado neste trabalho. O agir ético ilumina-se a partir de como Deus se diz, pelo Espírito, no agir transformador de Jesus da realidade da vítima. Essa perspectiva trinitária da Ética Teológica da Libertação se fará em três momentos, que estarão relacionados: ao Pai, pela Lei ofertada na Criação – Lei aqui entendida como evento da ação misericordiosa de Deus em Jesus que

remete ao mais original da experiência com Deus –; ao Filho, no messianismo em vista do Reino – sabe-se que o Reino para Jon Sobrino é sinal de libertação de um povo oprimido –; e ao Espírito, em concretização do seguimento que se traduz na práxis do Reino, que é sinal de libertação para a vítima.

Como conclusão, em forma de tese, em cada item, serão retomados os desafios que propusemos para a elaboração de uma Ética Teológica Libertadora sistemática. Ela que se alimenta na fonte do evento fundante da fé e, por isso, tem sua base na cristologia. Trata-se de uma Ética Teológica da Libertação que tem o pobre como lugar teológico de acolhimento da revelação em face reveladora do agir em Cristo. Uma ética em que a Trindade é a fonte e o cume da vida cristã.

Por ora, a reflexão sobre a Ética Teológica da Libertação de cunho trinitário iniciará a formulação sistemática sob o prisma da categoria ética da Lei. O Pai cria e conclama a Criação para a relação de Aliança libertadora, que se rege por uma orientação fundamental que aqui se denomina Lei. Tudo que se sabe e é acolhido pelo Pai realiza-se por meio de Jesus no Espírito.

### **3.1 A Lei reinterpretada a partir da perspectiva da Criação**

Na elaboração da Ética Teológica da Libertação, procuramos sempre seus fundamentos na revelação do Deus Trindade. Esta relação é retomada sob o princípio da “comunicação de idiomas” e da relação do teológico com o antropológico. Assim, emerge da ressurreição o que estava em Deus desde o princípio, na Criação.

A categoria de Aliança perpassa a Escritura, especialmente o Primeiro Testamento, como expressão do horizonte onde se configura a Lei. De importância fundamental na teologia da Criação, a categoria da Aliança evoca Deus e o humano como aqueles que se fazem parceiros na história salvífica. O criador suscita co-criadores para lapidarem sua obra de comunhão e libertação. A resposta humana ao chamado do criador se dá na liberdade, protegida pela Lei. Fala-se da função protetora da Lei porque a fé em Deus se faz pelo paradoxo finito e infinito, absoluto e relativo. Enfim, somente o interdito da Lei permite o humano se aceitar como humano e acolher Deus como Deus. Caso contrário, o humano correria o risco de absolutizar sua vida, o que o levaria à idolatria.

A Lei a partir da categoria de Aliança conjuga ruptura e relação no sentido aqui adotado. Por um lado, mostra que entre criador e criatura não há mera continuidade. Deus se oferta na liberdade para ser acolhido na liberdade. Ao criar, oferta-se a si mesmo como dom de amor, o que possibilita que ele seja encontrado. A resposta humana para a relação passa pelo sentir-se cativado e encontrar em Deus o autor da vida. A Lei, portanto, é fruto do dom de Deus, ofertada na ruptura do ser humano com o criador – o interdito, e no reconhecimento da relação amorosa – resposta confiante de fé<sup>1</sup>.

A Ética Teológica da Libertação segue o mesmo sentido. O realce do sentido da Lei recai em seu sentido humanizador e de denúncia das idolatrias. Para a Ética Teológica da Libertação, a relação do humano com seu criador se dá a partir da perspectiva da libertação. Esta forma de compreensão introduz um novo princípio para a Lei, interpretada aqui por E. Dussel.

A questão das normas, leis, virtudes, valores e mesmo fins deve ser situada *já “dentro”* da problemática das *duas* terras (totalidade/ exterioridade; sistema vigente/ utopia; capitalismo dependente/ alternativas, etc.). Por isso a questão de uma ética *da libertação* (genitivo objetivo) é como se pode ser “bom” (justo, salvo) não no Egito nem na monarquia sob Davi, mas na “passagem” da transição de uma ordem “velha” para a “nova” ordem *ainda-não* vigente. Os heróis e santos não pautam sua conduta pelas normas “vigentes”<sup>2</sup>.

Uma leitura sobriniana da Lei a partir da Criação possibilitará outras chaves de leitura da Ética Teológica da Libertação. O sentido da Lei para a Criação, na visão de Jon Sobrino, emerge da ação de Jesus, pelo Espírito, que inspira a historizar o seguimento com Cristo na realização do Reino. O Reino é o lugar de concretização da Lei, bem como manifesta o seu conteúdo. No Reino, a Lei ganha corpo na história e, pela encarnação do Cristo, hermeneuta do Pai, descobre-se em Cristo o sentido da Lei a partir do princípio. É isto que agora se verificará a partir do modo de Deus se dizer na Revelação expressa na Lei.

### **3.1.1 A Lei como evento do dom-misericórdia**

O sentido da Lei provindo da Ética Teológica da Libertação sobriniana visa a uma circularidade hermenêutica. Na Revelação de Deus em Jesus, aparece a face misericordiosa do Senhor, ofertada em favor da vítima. No reconhecimento por parte da vítima do dom que a

---

<sup>1</sup> Para maiores aprofundamentos sobre o sentido da Lei, sua relação com a Criação e com Cristo, a nova Lei, indicamos a obra *A Lei de Deus*. Cf. BEAUCHAMP, P. *A Lei de Deus: de uma montanha a outra*. São Leopoldo: Unisinos, 2002 (Coleção Theologia Publica 4).

<sup>2</sup> DUSSEL, Ética, p. 221. Destaques do autor.



liberta da injustiça que lhe foi inflingida, manifestam-se para a vítima os sinais de ressurreição. O sujeito que se configura do modo como Deus se diz na vítima, interpelado pelo “rosto”<sup>3</sup> do Servo Sofredor, sente-se inspirado a agir pelo bem da vítima de forma transformadora.

Na cristologia de Jon Sobrino, a circularidade hermenêutica se articula a partir dos eventos fundantes: o êxodo e a ressurreição. Ambos os acontecimentos evocam um Deus parcial, em favor da vítima e contra os opressores. Nos dois casos, proclama-se a vitória de Deus sobre os deuses representados por seus ídolos. Jon Sobrino aborda os eventos em perspectiva histórico-salvífica, segundo a mensagem da Escritura. Nesta linha, Jon Sobrino não busca a essência de Deus, mas o modo de experimentar Deus na efetivação de seu Reino<sup>4</sup>. A teologia de Antoine Vergote corrobora esta visão de Jon Sobrino.

A novidade da mensagem de Jesus é não apresentar uma idéia de paternidade divina, mas sim sua efetivação... [O termo *Abba*]<sup>5</sup> exprime a consciência de uma eleição e de um destino messiânico... A paternidade divina é um acontecimento, um mistério originário do termo: o advento efetivo de Deus, como Pai, ao homem. A moral cristã, como práxis da fé, está vinculada a este acontecimento<sup>6</sup>.

Ao evocar os principais eventos fundantes da fé na perspectiva da vítima, Jon Sobrino o faz em termos de libertação. Para ele, Deus não só doa a vida nova, mas combate os ídolos. Jon Sobrino apresenta as possibilidades de a ressurreição se dar no “hoje” da história, como experiência possível. Ele usa os termos “quase-escatológico” e “ultimidade” para manifestar como a realidade plena de Deus pode ser experienciada na história. Se isto é possível, o escatológico remete ao protológico. Em outros termos, o sentido último da Criação, a ação misericordiosa, revela que Deus é antes de tudo misericórdia.

A Lei na perspectiva da Criação se caracteriza, pois, pelo evento dom-misericórdia. Nela se inscreve a norma do acolhimento da ação salvífica de Deus, normatividade que se encarna na pessoa de Jesus. A saber, em Jesus se cumpriu o plenificante do “princípio misericórdia”. A Lei aqui, já de antemão, não significa um “código jurídico”. Apesar de o jurídico não poder se separar do ético, deseja-se antes perceber o espírito da Lei dada a partir da Criação.

Não basta, contudo, evocar sem mais a teologia da Criação. Por um tempo, uma visão tradicional não conseguiu estabelecer relação da Criação com a Revelação. A Criação

---

<sup>3</sup> Cf. LEVINAS, *Difficile liberte*, p. 13-23.

<sup>4</sup> Cf. SOBRINO, J. *Resurrección de la verdadera Iglesia*. Sal Terra: Santander, 1981. p. 45.

<sup>5</sup> Adaptação ao texto de A. Vergote.

<sup>6</sup> VERGOTE, A. Deus Nosso Pai. *Concilium*, Petrópolis, n. 130, p. 1164, 1977.

era pensada como ato primeiro de Deus e não como algo que continua – processo. Mais do que um ato, é próprio de Deus ser criador. O grande limite da visão tradicional consistia em ver de forma independente os tratados teológicos.

A Criação aparece, para Jon Sobrino, relacionada com o evento da Palavra. O Deus que age em favor de seu povo se revela como o Deus misericordioso. A experiência do acolhimento salvífico-misericordioso manifesta Deus em sua condição absoluta. Para Jon Sobrino, se do ponto de vista transcendente-absoluto é preciso dizer “no princípio era a palavra” (Gn 1,1), do ponto de vista histórico-salvífico diz-se que “no princípio era a misericórdia para com as vítimas, a libertação” (Ex 3)<sup>7</sup>.

A misericórdia encarnada expressa a Palavra que habitou no mundo. Pela encarnação, a Lei toma corpo e traz consigo o seu sentido primeiro. Com a Palavra, revela-se que a unidade de Jesus com Deus desde sempre: preexiste nesta unidade a misericórdia com a vítima. No revelar de Deus, na encarnação, Jesus em tudo o que diz e faz revela o Pai<sup>8</sup>. Esta unidade do Filho com o Pai, pelo Espírito, fica evidente na oração sacerdotal de Jesus, que pede ao Pai que todos sejam um como ele e o Pai são um (cf. Jo 17).

Jesus relaciona a unidade com o Pai àqueles que Deus lhe confiou. A comunhão plena com Deus se faz, portanto, na comunhão com sua Criação. Visto na perspectiva da vítima, a comunhão se dá em termos de libertação. A Lei, nessa lógica, emana da consciência da pessoa auto-implicada com a vítima. A vítima, no caso, inspira a agir segundo o bom samaritano, aquele que não passa indiferente à situação do marginalizado. A Lei assim entendida manifesta-se como dom-misericórdia.

Pela aceitação da lei como dom, pela promessa que remete a perfeição para além da história terrestre e pelo amor que, não julgando de forma alguma, perdoa e conserva a fé no homem, a moral humana tem oportunidade de se purificar, de se realimentar e de se renovar inventivamente. Lastimamos as vezes que a moral cristã não tenha diretivas a propor para as grandes questões da vida social. Mas não compete aos cristãos inventar as melhores regras *humanas*<sup>9</sup> para os problemas da coletividade? O que o Pai quer é que, pela lei dada, os filhos atinjam a autonomia e assumam a responsabilidade de seu mundo<sup>10</sup>.

A Ética Teológica da Libertação sobriniana partilha o sentido da Lei como dom e capacidade inventiva no Espírito de responder aos desafios da vida social. Esta ética difere, no entanto, da Moral Renovada quanto à preocupação com a autonomia. Na leitura sobriniana da

---

<sup>7</sup> Cf. SOBRINO, La fe, p. 157-160.

<sup>8</sup> Cf. SOBRINO, La fe, p. 353.

<sup>9</sup> Destaque do autor.

<sup>10</sup> VERGOTE, A. Deus Nosso Pai, p. 1173.

Ética Teológica da Libertação trata-se, ao contrário, de libertar aquele de quem foi diminuída a liberdade.

Na humanização do vitimizado, Jon Sobrino recorda que em Jesus, sua história e ação, revela-se o modo verdadeiro de ser humano. A ação livre de Jesus se faz por orientação no Espírito. Ele estruturou a sua vida, pelo Espírito, em obediência e acolhimento do mistério maior do Pai. Nele se cumpriu a verdadeira Lei, que mostra a face misericordiosa de Deus, do Deus que liberta seu povo da opressão<sup>11</sup>.

A Lei do dom-misericórdia se configura no seguimento com Jesus, o Cristo vitimizado-ressuscitado. Por Jesus, Deus se oferta como misericórdia e se diz a partir da vítima em seu modo de *ser Deus*. No rosto da vítima, inscreve-se a Lei amorosa de Deus, que se desvela à medida que a vítima é libertada. A Lei do dom-misericórdia remete ao mais original da Criação, pois lança seus interlocutores ao coração de Deus que é misericórdia.

Com tudo isto, procurou-se mostrar o sentido ontológico da Lei na perspectiva da Criação. O passo que se deseja agora é ver a Lei na ordem fenomenológica<sup>12</sup>. Isto quer dizer que o realce se dará no modo como a Lei se apresenta do ponto de vista da economia salvífica. Após esta análise, procuraremos sintetizar tudo o que foi dito em forma de teses. Por ora, será abordada a análise fenomenológica seguindo a mesma lógica da circularidade hermenêutica antes referida.

### **3.1.2 A Lei como expressão da Criação**

A norma do agir é entendida como sendo intrínseca à Criação. Seu fundamento já está dado na Criação, pelo Pai. Deste modo, a hermenêutica da Criação ocorre em Jesus pelo Espírito. No prólogo do Evangelho de João se apresenta a Palavra, em sua relação com a Lei, como reveladora de Deus. A Palavra expressa que o Filho único, que está junto do Pai, deu-nos a conhecer seu mistério (cf. Jo 1,18). Ela é Revelação porque viu o mistério do Pai, o que está escondido para todos os outros. “A vida de Jesus é, pois, a Palavra de Deus. E a Palavra

---

<sup>11</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo, p. 179-208.

<sup>12</sup> O ontológico, bem como o fenomenológico, é pensado já articulado com o ético. Em termos teológicos, o ontológico expressa o modo como Deus se diz na lei da Criação. O fenomenológico realça o aspecto da acolhida da revelação de Deus.

de Deus não é outra coisa senão a vida de Jesus”<sup>13</sup>. Por Jesus, o Cristo, tem-se acesso ao Pai, no Espírito e, portanto, à Lei dada na Criação.

A Lei não cai do céu como um imperativo a cumprir. É evento do dom-misericórdia. Na ação de Jesus, percebe-se o sentido da configuração da vida em Deus a partir da vítima. Na compaixão de uns pelos outros, a Lei perpassa as relações permeada de clamores e angústias, alegrias e esperanças. Emerge o grito do fraco, como diz E. Levinas, em um “rosto desnudo” que clama: “não matarás”<sup>14</sup>. A Lei surge como sinal de libertação, pois no acolhimento da vítima, na sua indignação, ela não é julgada de fora, por valores alheios à sua vida.

A lei é anterior às suas explicitações e formulações históricas. Suas esclarecimentos, tradicionalmente conhecidas sobre igualdade, liberdade, fraternidade e justiça sempre procuraram expressar um “senso” universalista. O crivo das consciências particulares abdica-se consensualmente do direito privado em torno destas esclarecimentos em nome de um bem maior. Toda a tradição ocidental, com variações, percorreu, ao longo da história, esse caminho.

O sentido da Lei para a Ética Teológica da Libertação inverte o ponto de partida. Para ela, as formulações não são critério decisivo de julgamento da Lei. A Ética Teológica da Libertação aponta, por sua vez, para um universal sempre em potencial em sua historicidade<sup>15</sup>. O sentido da Lei se revela a partir do modo como Deus se diz, como misericórdia a este mundo de crucificados: da parcialidade com a vítima à universalização da salvação.

A vítima, na visão de Jon Sobrino, encontra-se no coração da Criação. Desvela-se de seu rosto a Lei pelo *não matar* em um mundo de vítimas, onde se morre a lenta morte da crucificação. Milhões de pessoas são vítimas de ídolos, que exigem suas vidas como sacrifício. Esta situação se opõe à verdade da ressurreição por meio da qual Deus faz justiça à vítima Jesus e aos crucificados da história.

A Criação está desfigurada, segundo Jon Sobrino. O mundo de injustiças oculta a verdade da ressurreição e o fato de que nela Deus faz justiça às vítimas. Deixar-se interpelar pela vítima significa acolher o próprio Deus expresso em sua vida como dom-misericórdia. O apelo do rosto da vítima lança-nos ao real da história, em sua realidade mais dramática. Por

---

<sup>13</sup> SOBRINO, La fe, p. 365.

<sup>14</sup> LEVINAS, Difficile, p. 13-23.

<sup>15</sup> Cf. RICOUER. P. Ética e moral. In \_\_\_\_\_. *Em torno ao Político*. São Paulo: Loyola, 1995. p. 169-173.

outro lado, emerge daí o sentido mais profundo do “quase-escatológico”. As experiências mais densas da fé nascem da entrega pelo outro vitimizado. No grito do crucificado, Deus se mostra em profunda solidariedade e afinidade com a vítima.

O teólogo salvadorenho entende que o pecado estrutural nega a possibilidade de acolhimento da verdade salvífica. Para isso, indica o caminho do seguimento, a partir do Jesus histórico. Por ele se descobre, no horizonte do Reino, um mundo de injustiças, do anti-reino, que não basta ser negado, mas também superado. Jon Sobrino chama a atenção para a vítima, como forma de lutar por sua libertação.

Dizendo de maneira concentrada, despertamos de um sonho de inumanidade para uma realidade de humanidade. Aprendemos a ver Deus a partir deste mundo de vítimas e aprendemos a ver este mundo de vítimas a partir de Deus. Aprendemos a exercitar a misericórdia e a ter nisso alegria e sentido da vida<sup>16</sup>.

O mundo de vítimas não só denuncia o anti-reino, bem como evoca o sentido da ressurreição. Jon Sobrino estabelece a relação do mundo dos pobres com a ressurreição a partir da ressurreição da vítima Jesus. Para ele, na compaixão com as vítimas, descobre-se um “plus”, um sentido de vida e alegria, que remete à ressurreição. Segundo Jon Sobrino, a ressurreição se caracteriza pela irrupção de Deus na história, provocando-lhe uma mudança radical. De forma semelhante, no acolhimento *kenótico* de Jesus, nos pobres, na experiência de libertação, será vivida a profundidade da experiência de ressuscitados na história.

Na lógica de que o último, o escatológico, remete ao primeiro, o protológico, é possível perceber a relação entre ressurreição e Criação. A ressurreição da vítima-Jesus culmina na ação misericordiosa de Deus. A Lei é orientada nesta dinâmica da misericórdia por expressar o máximo de vida. A saber, na Criação, Deus transborda de amor, doando-se como dom de vida, parafraseando H. U. V. Balthasar<sup>17</sup>. Na ressurreição, Deus salva a vítima Jesus, dando-lhe vida no Espírito. Viver, pois, como co-criadores, como ressuscitados, significa acolher a vida em sua plenitude (cf. Jo 10,10). Significa orientar-se pela inspiração em Jesus vitimizado a partir do rosto da vítima, da forma como Deus clama pela libertação da opressão.

Certa compreensão farisaica subverteu o sentido da Lei. Em nome das prescrições religiosas, abandonou-se o clamor do pobre, da viúva, do excluído. Jon Sobrino manifesta, ao contrário desta visão, que Deus ouve o clamor de seu povo e desce para libertá-lo (cf. Ex

---

<sup>16</sup> Cf. SOBRINO, Teología desde la realidad, p. 28.

<sup>17</sup> BALTHASAR, *Saggi*, p. 23-32

3,27). A Ética Teológica da Libertação sobriniana insiste no fato de pensar a ética a partir dos pobres. É isto que difere a Ética da Libertação da Moral Renovada<sup>18</sup>.

Enquanto o modelo renovado responde às inquietações de uma minoria de homens bem situados, o modelo libertador responde às interpelações de uma absoluta maioria de homens expropriados. Enquanto o modelo renovado parte da representação apagada de Deus, o modelo libertador parte da representação que os empobrecidos, inspirados na Palavra de Deus, fazem de Deus<sup>19</sup>.

A Lei acolhida a partir do pobre encontra-se encarnada em sua situação de miséria. Por esse caminho, assimila-se melhor a densidade do significado da ressurreição, a saber: Deus ressuscita Jesus, a vítima em toda sua história. Nele, a Palavra encarnada traduz o que em Deus já estava desde o princípio. E mais, revela-se pelo Espírito a partir da vítima o modo de Jesus viver e anunciar o Reino: Reino de esperança e libertação para o oprimido, conforme rezam as expectativas messiânicas da visão profética e apocalíptica.

A experiência de libertação da vítima revela, portanto, o advento do Reino, sua chegada e promessa escatológica. Pelo dom-misericórdia, transparece o mais próprio da Lei da Criação. Pela “figura” da Criação, mostra-se como a Lei da verdade e da vida está desfigurada e clama por justiça. Todas estas questões, sejam ontológicas ou fenomenológicas, evocam o fundamento da Lei. Como conclusão desses passos, serão vistas algumas teses sintetizando o percurso em termos de concretizações históricas da Lei.

### **3.1.3 Do Fundamento da Lei às suas concretizações históricas**

A reinterpretação da Lei a partir da perspectiva da Criação ocupou a atenção até aqui. Essa leitura situa-se no conjunto maior da obra de produção da Ética Teológica da Libertação sobriniana. Uma das perspectivas centrais adotadas interpreta como a Trindade se diz na Ética Teológica Libertadora a partir da visão de Jon Sobrino. Para a leitura sobre o Pai, o criador, adotou-se como categoria ética a Lei. Tal opção se justifica por esta categoria facilmente relacionar Criação e libertação. Outras formas de ler a Criação, em perspectiva Ética Teológica Libertadora, seriam certamente possíveis.

Procuraremos agora conjugar outros atributos relativos à Lei, que emanam da perspectiva da teologia da Criação. O objetivo desta análise, porém, difere da realizada. Agora

---

<sup>18</sup> Cf. MOSER. A representação de Deus, p. 202.

<sup>19</sup> MOSER, A representação de Deus, p. 203.

se definirá com indicações mais concretas o significado de uma Ética Teológica da Libertação sobriniana.

### 3.1.3.1 Lei e amor

Existe um pensar teológico que considera a realidade enquanto sofrimento em massa e, ao mesmo tempo, de esperança de salvação das vítimas do mundo. Esse tipo de leitura pensa erradicar o sofrimento e transformá-lo em alegria, erradicar a morte e promover a vida: um pensar imbuído de admiração e esperança, mas também de sofrimento e misericórdia. Jon Sobrino assim se expressa ao falar da teologia da libertação:

Tudo o que foi dito significa que a teologia da libertação é, antes de tudo, um *intellectus amoris*, inteligência da realização do amor histórico pelos pobres deste mundo e do amor que nos torna afins à realidade do Deus revelado, a qual consiste, definitivamente, em mostrar amor pelos seres humanos<sup>20</sup>.

Do ponto de vista da Ética Teológica da Libertação sobriniana, a Lei emana da práxis do amor e nela culmina. Seu critério, sentido maior, passa pela forma como ela se expressa em termos de libertação. A Lei será tão verdadeira, não tanto pela sua formulação, mas quanto conseguir expressar na práxis o mandamento maior. A Lei como amor pede, por sua vez, a práxis da justiça.

### 3.1.3.2 Lei e justiça

A concretização do amor se dá na práxis. O sinônimo desta concreção denomina-se justiça. Há, portanto, uma inteligência no agir que o torna efetivo. O amor não é só declaração de algo bom, mas sua realização. Segundo Jon Sobrino esse amor se dá no compadecimento com a vítima e na justiça que a ela é feita.

É absolutamente racional que uma teologia que surge como resposta ao sofrimento ingente no Terceiro Mundo se conceba a si mesma como *intellectus amoris*, o que é uma universalização em terminologia bíblica do *intellectus misericordiae*, e exhibe, por sua vez, uma concreção histórica como *intellectus iustitiae*<sup>21</sup>.

Na Criação desfigurada, a vítima grita em sua indignação. Clama por salvação e nesta expressa o desejo de personalização, de esperança de ser descida da cruz. Em um mundo de ídolos que matam, a Lei passará pela prova do amor na concretização da justiça aos oprimidos. Esta práxis do amor passa pelo amor gratuito de Deus, por seu dom-misericórdia.

---

<sup>20</sup> SOBRINO, Princípio, p. 71.

<sup>21</sup> SOBRINO, Princípio, p. 75.

### 3.1.3.3 Lei e graça

O destinatário do *intellectus amoris* se converte em dom e graça. Para a teologia, trata-se da inteligência de uma boa notícia que foi dada. Estabelece-se assim a dialética entre a inteligência que pretende dar a salvação aos outros e a que recebe dos outros. Em outros termos, a dialética se faz entre o agraciar as vítimas e ser agraciado por elas, libertá-las e por elas sentir-se amado. Viver a existência cristã assim é, para Jon Sobrino, uma verdadeira experiência mistagógica.

Algo bom e positivo apareceu; e, além disso, irrompeu. Pode-se dizer, então, que essa irrupção tem a estrutura de uma boa notícia, a estrutura da graça: algo bom nos foi dado inesperada e imerecidamente. Para o *intellectus fidei* é importante a lembrança de que o que deve esclarecer não é só algo registrado como verdadeiro e agora retido, mas algo formalmente dado gratuitamente; e que por isso é racional buscar mediações históricas que expressem a gratuidade com que se comunicou a verdade. Para uma teologia que se baseia nessa irrupção isto significa que deve assumir ativamente em sua própria atividade a dimensão da gratuidade, e que uma teologia baseada nessa irrupção tem de ser também *intellectus gratiae*, tem de ser reflexão sobre o que foi dado enquanto dado<sup>22</sup>.

Deus acolhe o pobre em sua situação de miséria simplesmente porque se compadece dele. A Lei inscrita no rosto das vítimas expressa a condescendência do Deus de Jesus vitimizado. Esta Lei tem um ponto de partida, o mundo do pobre. Neste lugar configura-se sua parcialidade com a vítima.

*Intellectus amoris* e *intellectus gratiae* são as duas formas específicas nas quais se configura a Ética Teológica como sinal dos tempos e irrupção do mundo dos pobres. É assim, para o teólogo salvadorenho, uma forma de evitar “uma prática do amor sem gratuidade ou uma gratuidade sem prática do amor<sup>23</sup>”. A Lei, nesse sentido, é marcada tanto pela característica do dom quanto da práxis. Nesse eixo teológico da Criação, a vida cristã se regula pelo modo de Deus ser Deus. “Crer no Pai significa entrega confiante e obediente ao mistério absoluto de Deus, origem e futuro bem-aventurado<sup>24</sup>”.

Uma vez que a fé no Deus criador configura a Ética Teológica Libertadora, trata-se agora de mostrar outras contribuições tendo presente o mistério da Revelação a partir do Filho de Deus. O título em que se concentrará será o de Messias, por causa de sua relação com o Reino que traz a esperança aos pobres.

---

<sup>22</sup> SOBRINO, Princípio, p. 79-80.

<sup>23</sup> SOBRINO, Princípio, p. 80.

<sup>24</sup> SOBRINO, Teologia, p. 161.



### 3.2 Reinado messiânico em prol da libertação das vítimas

A Palavra, como mediadora da Criação, possibilita conhecer Deus e o caminho para chegar a conhecê-lo. Deus se manifesta no Cristo que é Jesus. Na carne de Jesus, Deus se faz presente na história. “Jesus é o mediador por antonomásia para conhecer a Deus e o caminho para ir a Deus”<sup>25</sup>. Por meio da mediação de Jesus, o próprio Deus em sua alteridade aproxima-se em profunda afinidade do ser humano. No ser de Jesus de Nazaré, o que acontece em sua vida realiza-se também em Deus. Trata-se da “comunicação de idiomas” entre a humanidade e a divindade de Jesus, o Cristo.

Na relação com Deus, Jesus revela um rosto novo do Pai, a quem chama de *Abba*. O Pai se manifesta no Filho, que acolhe a experiência de fé em intimidade e confiança<sup>26</sup>. O Filho de Deus se caracteriza, dentre outras qualificações, como Messias. Se a filiação ressalta a relação pessoal com o Pai, o título Messias acentua sua vida e anúncio para o Reino e esperança de libertação dos pobres. Jon Sobrino recupera, assim, o horizonte do título Messias, advindo da Aliança Hebraica. Nesta visão de cunho profética e apocalíptica, o Reino é sinal de transformação total da realidade como única realidade absoluta<sup>27</sup>.

Também hoje é urgente a recuperação do título messias, tanto para não cair – formalmente – na anômala situação de que “messias” (Cristo) continue sendo hoje o termo mais usado para referir-se a Jesus sem dizer nada em concreto, como para que – materialmente – os pobres deste mundo não sejam privados de esperança<sup>28</sup>.

A relação Messias e Reino evidencia a vítima como destinatária central da boa-nova proclamada por Jesus. O Messias anuncia o Reino de libertação e nele se cumprem suas palavras. A mensagem do Reino não se extrai, contudo, da imitação das palavras e ações de Jesus. O mais coerente da acolhida da mensagem do Reino apresenta o fundamental da relação de Jesus com o Deus do Reino. Na visão sobriniana, outras dimensões da Revelação se destacariam. Primeiro, Deus se revela como único absoluto, contrário, portanto, aos ídolos. Segundo, Deus não só anuncia o Reino por Jesus, mas reina em Jesus e, por isso, clama por justiça ao desvalido. Terceiro, o Reino é sinal de esperança para os pobres, o que Jon Sobrino entende como anúncio real da boa-nova. Tudo isto provém de um Deus que ama de forma misericordiosa.

---

<sup>25</sup> SOBRINO, La fe, p. 369.

<sup>26</sup> Cf. SOBRINO, Jesucristo, p. 192-193.

<sup>27</sup> Cf. SOBRINO, La fe, p. 274-275.

<sup>28</sup> SOBRINO, J. Messias e messianismos. Reflexões a partir de El Salvador. *Concilium*, Petrópolis, n. 245, p. 141, 1993.

Para a Ética Teológica da Libertação, sob a ótica do reinado messiânico, será recolhido o fundamental da relação de Jesus, o Messias, com o Deus do Reino. Em primeiro lugar, o Reino produz gozo e alegria, sinal efetivo da boa-notícia; segundo, nele se concretiza a história pela libertação da vítima. Após estes passos se retomará o percurso realizado em forma de tese.

### 3.2.1 Um Reino que seja boa-notícia para a vítima

A Ética Teológica da Libertação sobriniana visa à realização do Reino. O Reino, assim, não é só promessa de realização dos bens messiânicos, mas o acontecer de Deus em Jesus que liberta a vítima. Pelo evento da ação de Deus que acolhe a vítima Jesus, os vitimizados da história descobrem a esperança contra toda esperança. O Reino para eles é factível, esperança de um céu já aqui. Desta forma, a vítima reconhece que o anúncio do Reino é boa-nova.

Assim, o “reino<sup>29</sup>” não é compreendido só como objeto de conhecimento e esperança, e em sua formalidade escatológica como objeto só de esperança e só de gratidão, mas também como objeto de uma práxis, como aquilo que deve ser feito contra o anti-reino – o mundo sofredor –, cuja direção e caminhos devem ser iluminados pela teologia; e como aquilo que deve ser feito com um determinado espírito tanto para se manter nessa difícil tarefa como para não sucumbir à tentação de introduzir os valores do anti-reino na própria construção do reino<sup>30</sup>.

Novamente se insiste que o realce dado ao acontecimento histórico não é em detrimento do acolhimento do plenificante de Deus. Ao contrário, deseja-se mostrar como, a partir do histórico, irrompe o escatológico. Esta é a forma mais adequada, segundo Jon Sobrino, de comunicar a um mundo de crucificados que Deus ressuscitou e desce as vítimas da cruz. A ação do Messias justapõe Reino e pobres. Relaciona o acontecer do Reino com seus destinatários.

Melhor e mais frutífero seria afirmar que “o conteúdo concreto do reino surge do ministério e atividade, considerados como um todo<sup>31</sup>”. E desta forma a relação de Jesus com os pobres e marginalizados recobra fundamental importância<sup>32</sup>.

Com o Messias Jesus, a salvação se concretiza. Em linguagem antropológico-cristã, dá-se a humanização da humanidade com a vítima. Em linguagem Ético Teológico Libertadora, o agir é configurado para realização humana da vítima com Cristo. Por Jesus, o

---

<sup>29</sup> Destaque do autor.

<sup>30</sup> SOBRINO, Princípio, p. 70.

<sup>31</sup> SOBRINO, J. Jesús y el Reino de Dios. *Sal Terrae*, Local, p. 350, 1978. *Apud* SOBRINO, Relação, p. 1193.

<sup>32</sup> SOBRINO, Relação, p. 1193.

Reino anunciado é sinal de libertação da vítima. Jon Sobrino esclarece que o anúncio e a realização da salvação em Jesus ocorrem no horizonte do Reino. Jesus não apenas anunciou a si mesmo, mas seu anúncio volta-se para o Reino. Da mesma forma não só falou de Deus, mas de seu Reino<sup>33</sup>. Em ambas perspectivas a ação de Jesus é relacional, aponta para o Reino (cf. Mt 13).

O Reino que Jesus anuncia é descentrado de si mesmo. A vida de Jesus manifesta que sua relação fundamental se orienta para o Pai. Esta concretização, todavia, passa por outra relação: com aqueles a quem Deus atrai para si. O “se fazer”, assim entendido, só se dá na relação com o outro. Nas palavras de E. Dussel, a relação se dá com o outro, o pobre, como emergência ao sistema como totalidade.

“Para além” (*Jenseits*), transcendental (ontologicamente transcendental) ao horizonte do sistema (da carne, totalidade), “o Outro” se mostra ou aparece (como “epifania”, não como mero “fenômeno”) como quem “pro-voca” (chama, em latim “vocare”; diante de: *pro*, em latim) e exige justiça. O “Outro” (“a viúva, o órfão e o estrangeiro” dos profetas; concretizações particulares do universal, “o pobre”) diante do sistema é a *realidade*<sup>34</sup> metafísica além do *ser* ontológico deste sistema. Por isso, é “exterioridade”, o mais alheio ao sistema totalizado: transcendentalidade interior é o nome que lhe da F. Hinkelammer. É o “lugar” da epifania de Deus: *o pobre*<sup>35</sup>.

O Reino e a boa-notícia vistos na perspectiva do pobre estão para Jon Sobrino em íntima relação. Jesus não só anuncia o Reino, mas o faz de modo que produza gozo<sup>36</sup>, de tal forma que seja sinal da boa-notícia. A ação do Jesus histórico, segundo Jon Sobrino, é razão concreta de esperança para os pobres. O Reino é sua efetivação histórica e abertura para o futuro. Este futuro, do ponto de vista da ressurreição, indica aquilo que foi realizado em Jesus e se manifestará posteriormente na história dos discípulos. Esse anúncio, Jon Sobrino entende como boa-nova.

A boa-nova, para Jon Sobrino, é primeiramente o que Jesus anuncia e inicia. Trata-se do Reino de Deus, ao qual corresponde uma ortopraxis. E, em segundo lugar, é a páscoa de Jesus, sua morte e ressurreição, a que corresponde a ortodoxia. Além destas acepções de boa-notícia, uma terceira aparece intralinearmente, a de ortopatía<sup>37</sup>. Estas formas

---

<sup>33</sup> Cf. SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*. Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 61. Cf. também SOBRINO, *Jesucristo*, p. 95.

<sup>34</sup> Destaque do autor, bem como os que seguem em itálico.

<sup>35</sup> DUSSEL, E. *Ética da Libertação. Concilium*, Petrópolis, n. 192, p. 218-219, 1984.

<sup>36</sup> Cf. SOBRINO, *Jesucristo*, p. 112.

<sup>37</sup> A ortopatía é entendida como o modo de Jesus viver sua relação com o Reino e com o Pai no acolhimento da vítima. Este modo como Jesus vive a relação com o Reino e com o Pai é critério de verificação do conteúdo da fé assimilada no seguimento.

de compreender a boa-nova contribuem para uma Ética Teológica da Libertação porque relacionam o conteúdo da fé com sua práxis e a ortopatia.

O modo de Jesus mediar o Reino já é boa-notícia. Na afirmação de que Deus é amor emerge a exigência de precisá-la a partir de um “como”. No modo de ser de Jesus aparece como Deus ama e é em si mesmo boa-notícia, particularmente para a vítima. O messianismo de Jesus se faz na solidariedade com a vítima ao se tornar ele mesmo vítima. Da mesma forma que Jesus não se anuncia, mas proclama o Reino, ele não fala da libertação da vítima, mas livra a vítima da escravidão, entregando sua própria vida.

Esta visão cristológica desdobra-se em uma Ética Teológica da Libertação. Para esta última, a boa-nova traz esperança para a vítima como sinônimo de libertação. A libertação acontece na configuração com o Cristo a partir de sua vitimização e solidariedade com as vítimas. Como dom do Pai, Jesus, pelo Espírito, entrega sua vida como sinal de salvação em favor do oprimido. O conteúdo dessa entrega a Deus – único absoluto – em Jesus vitimizado remete à ortopatia. O Reino, nessa compreensão, ganha visibilidade na configuração com Jesus – o Cristo – a partir das vítimas, descendo-as da cruz. A vítima aparece como “sinal teologal dos tempos”<sup>38</sup>.

Para Jon Sobrino, o que faz de Jesus boa-notícia é, sem dúvida, o impacto que ele causou a partir de seu modo de ser e realizar o Reino. Atraídos pela mensagem de esperança, que emanava das atividades libertadoras de Jesus – milagres, expulsão de demônios, etc –, os marginalizados recorriam a ele. A sua práxis de denúncia e desmascaramento dos poderosos manifestava os sinais do Reino de Deus, da libertação integral do povo frente ao jugo que sobre ele recai. Jesus torna-se mediador porque praticou a justiça e amou com ternura até a morte<sup>39</sup>.

O anúncio positivo da boa-nova tem, por um lado, o caráter de proclamação enquanto é expressão da Revelação do mistério gratuito de Deus e é expressão [...] da supremacia do amor de Deus sobre seu juízo e da parcialidade desse amor. Mas tem também o caráter de práxis por induzir à tomada de consciência histórica dos pobres e marginalizados e também por ser, de fato, veículo de luta ideológica ao proclamar polemicamente a parcialidade de Deus<sup>40</sup>.

---

<sup>38</sup> O destaque à expressão é para lembrar a mudança de sentido operada por Jon Sobrino do termo “sinal dos tempos”. O autor, a saber, vai além de uma compreensão pastoral. Visa um *status* teologal para o termo compreendido a partir dos pobres.

<sup>39</sup> Cf. SOBRINO, La fe, p. 388-390.

<sup>40</sup> SOBRINO, J. Relação de Jesus com os pobres e marginalizados. Importância para a Moral Fundamental. *Concilium*, Petrópolis, n. 150, p. 1195, 1979.

Já tendo insistido no caráter de boa-nova do Reino, o que se deseja aqui é realçar mais o aspecto prático do Reino. Isto é sumamente importante, pois o Reino não se configura como tábula rasa. O mundo é conflitivo e seus ídolos matam milhões de inocentes. A vida ameaçada, excluída, vitimizada está em contradição com o Reino. A Ética Teológica da Libertação, neste cenário, é de fundamental importância, pois a vida é dom de Deus; cuidar dela é tarefa ética.

### **3.2.2 Um Reino efetivo “já” na história**

O acolhimento da Revelação de Deus não ocorre somente na sua positividade. Para Jon Sobrino, na América Latina, o pecado afeta profundamente a realidade. “Pecado é o que matou o Filho de Deus e é o que continua matando os filhos e filhas de Deus”<sup>41</sup>. No Reino já presente na história, divide espaço com ele uma realidade que lhe é contrária.

O Reino, como realidade central da Revelação de Deus, é anúncio da proclamação de seu mistério gratuito. Sua concretização, por sua vez, acontece em um mundo de pessoas privadas de vida. Por isso, o acesso ao conteúdo do Reino supõe participação na vida do excluído.

Desta forma, a palavra é proclamação pela qual o mistério de Deus é expresso e é também práxis enquanto opera sobre a realidade social circundante<sup>42</sup>.

O Reino posto em relação com os pobres vincula ao seu conteúdo o posicionamento contra o anti-reino. Neste caso, a Ética Teológica da Libertação se configurará para além da relação “eu-tu”. Ela irá às causas do empobrecimento do excluído para libertá-lo a partir das raízes opressoras. O âmbito da ação é o Reino, que é oposto ao pecado real e objetivo, de modo que a ética se configura no assemelhar-se à vítima no intuito de devolver-lhe a dignidade.

Nas ações configuradas com o Cristo vitimizado, no descimento dos pobres da cruz, a boa-nova do Reino se evidencia. Não que o Reino dependa de ações para se manifestar. A práxis do Reino, contudo, recupera a sua densidade histórica porque por ela capta como Deus mesmo está se dizendo no “rosto” da vítima. Nisto, a Ética Teológica da Libertação sobriniana conclama a necessidade de realizar o Reino no “já” da história.

---

<sup>41</sup> SOBRINO, Teologia, p. 165-166.

<sup>42</sup> SOBRINO, Relação, p. 1195.

O serviço concreto de Jesus para o reino de Deus mostra que este reino consiste na libertação dos pobres e marginalizados. E que esta libertação deve ser proclamada, não apenas como a vontade de Deus para este mundo, mas deve concretizar-se na história, deve ser realizada<sup>43</sup>.

Uma visão do Reino que acentua a sua continuidade histórica pede concreções no acolhimento da vida do Messias. Uma primeira concreção frisa a compaixão de Jesus diante das fraquezas humanas (cf. Hb 2,17; 4,15). Jesus participa da fraqueza e a conhece. A segunda diz respeito à fidelidade de Jesus a Deus. Em sua fraqueza, Jesus assume a condição real de fidelidade teologal. A terceira e essencial concreção retrata a entrega da vida de Jesus. A vida de Jesus está entregue como expressão da vontade de Deus (cf. Hb 10,5s) em substituição aos ritos antigos (cf. Hb 9,12. 25)<sup>44</sup>.

A responsabilidade para com a vítima emana da configuração com Cristo, que gera compaixão por ela. A libertação da vítima passa pela escuta fiel do clamor de Jesus em seu “rosto”, “salva-me”, segundo E. Levinas. A libertação se dará de forma integral na entrega da vida por ela, assumindo sua condição de vítima.

O caminho do acontecer do Reino passa da não-realidade à realidade, da não-pessoa à pessoa. Jesus se torna vítima com a vítima, e assim se cumpre o messianismo do Reino. Deus ressuscita não apenas o seu Filho, mas uma vítima. Nele se realiza o encontro perfeito do divino com o humano. Como diz L. Boff: “humano assim como Jesus, só Deus mesmo”<sup>45</sup>. A realização do dom de Deus na vida de Jesus evoca o modo humano de ser livre: liberdade libertada da violência que faz vítimas. Pelo Espírito se configura a vida de Jesus em fusão de horizonte com o agir do cristão.

A Ética Teológica da Libertação, na proclamação do Reino, visa à humanização da humanidade a partir da vítima. Isto só se dá descendo ao mundo do excluído, fazendo-se solidário com aquele que sofre e na partilha do destino de sua vida: o destino dos crucificados da história. A participação na cruz se dá na esperança da ressurreição, sinal de triunfo sobre os verdugos.

A relação *in actu* de Jesus com os pobres e marginalizados faz-nos descobrir o *bonum* da moral fundamental cristã como a realização do reino de Deus para os pobres e a modalidade fundamental dessa realização sob a forma de empobrecimento solidário<sup>46</sup>.

---

<sup>43</sup> SOBRINO, Relação, p. 1196.

<sup>44</sup> Cf. SOBRINO, La fe, p. 255-256.

<sup>45</sup> BOFF, L. Cristologia a partir do Nazareno. In VIGIL, M. J. (org.) *Descer da cruz os pobres: Cristologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 32 (Comissão Teológica Internacional da Associação Ecumênica de Teólogos/as do Terceiro Mundo).

<sup>46</sup> SOBRINO, Relação, p. 1198.

O messianismo de Jesus se faz em um modo muito próprio. Para Jon Sobrino, do ponto de vista da fé “crer em Jesus significa crer que em Jesus nos foi dado o acesso ao Pai, que o mistério do Pai é realmente amor, na escandalosa dialética de amor ressuscitante e crucificado, que no seguimento de Jesus, e não fora dele, se dá a estrutura do acesso ao Pai”<sup>47</sup>.

A Ética Teológica da Libertação pretende fazer do mundo um lugar mais irmão, humanizado segundo o coração de Deus que ama e liberta a vítima. É tornar as mesas verdadeiros espaços de comunhão de fé e partilha de vida. É fazer dos configurados com cristos verdadeiros messias do Reino de liberdade e paz, inclusive na erradicação de seus males históricos. Em forma de síntese, em seguida, será feita breve retomada do percurso realizado.

### **3.2.3 O significado fundamental do messianismo em vista do Reino**

Jon Sobrino aborda o sentido do messianismo em vista do Reino, em especial relação com o Jesus histórico. Desta forma, se recupera o horizonte do profetismo e da apocalíptica referente às esperanças messiânicas de Israel. O Reino pensado a partir do Jesus histórico realça o caráter transformador da realidade em termos de libertação.

A Ética Teológica da Libertação sobriniana entende-se a partir dessa chave de leitura: um Reino messiânico libertador. Na configuração com o Cristo vitimizado, a partir da vítima, realiza-se o Reino de esperança e, como tal, de boa-notícia. O conteúdo desta boa-nova se relaciona diretamente com os pobres. Estes clamam por libertação e acolhem com realismo um Reino que se manifeste desde o “já” da história. Assim, a Ética Teológica da Libertação consiste na realização do Reino a partir da vítima, pela presença de Jesus vitimizado. Na configuração com seu rosto, o interlocutor se desperta para a práxis de libertação do anti-reino. Dá-se assim a contemplação de um Reino de bondade, que emerge nos sinais de esperança de tantos vitimizados. Estes, uma vez acolhidos em seu sofrimento e libertados, passam a gozar dos bens messiânicos do Reino: paz, reconciliação, justiça, salvação, libertação.

---

<sup>47</sup> SOBRINO, Teología, p. 161.

### **3.2.3.1 Um Reino messiânico com a vítima**

O messianismo de Jesus se volta não somente para o Pai, mas para o “Deus do Reino”. O Pai realça a relação pessoal de Jesus. O Deus do Reino envolve a totalidade de suas ações<sup>48</sup>. Insiste o teólogo salvadorenho nesta distinção. Jesus não só proclama o advento do Reino, mas abre a perspectiva da práxis do Reino. Assim Jesus anuncia o Reino e realiza sinais concretos do mesmo.

Nas vítimas percebe-se um mundo de crucificados e o apelo de descê-los da cruz. O Deus de Jesus, que liberta a vítima Jesus da cruz, é solidário com os crucificados da história. Com as vítimas, emana a exigência de um caminhar humilde na história com o Deus de Jesus. No apelo de seu rosto, o Cristo inspira a agir por um Reino que se traduza em sinais concretos de libertação.

### **3.2.3.2 Um Reino messiânico para a vítima**

O Reino anunciado por Jesus tem as vítimas como destinatárias centrais, segundo Jon Sobrino. É um Reino parcial. Para elas somente o anúncio do Reino que produz gozo e alegria encontra acolhida efetiva. Esse Reino, ao se concretizar, por meio de sinais e ação libertadora, evoca a esperança contra toda esperança, luz sobre a situação nebulosa da vítima<sup>49</sup>.

A Ética Teológica da Libertação expressa os sinais do Reino em termos de esperança, de boa-notícia. Sua máxima passa pela configuração da vítima em Cristo. O amor se vive nessa lógica da entrega da vida. Ainda que haja um mundo de injustiças, o fiel se configura com o Messias do Reino a partir da vítima. Em seu rosto desfigurado, encontram-se sinais de esperança. Para a vítima, a superação de sua situação, acolhida como sinal de salvação, é antecipação do Reino celeste.

### **3.2.3.3 Um Reino messiânico por meio da vítima**

Na fragmentação da história, Deus mostrou sua realeza. No abaixamento do Filho, de sua condição divina, Deus curvou-se à situação dos vitimizados. Sua solidariedade para com eles se manifestou em última instância na cruz. O próprio Filho de Deus se fez vítima. Este é o maior escândalo da cruz. Nos dizeres de J. Moltmann, “o novo e escandaloso da

---

<sup>48</sup> SOBRINO, Jesucristo, p. 95.

<sup>49</sup> SOBRINO, Jesucristo, p. 109-117.



mensagem cristã de Páscoa é que Deus tenha ressuscitado antes de todos um condenado, crucificado e abandonado”<sup>50</sup>. A ressurreição está intimamente associada à história das vítimas e isso é determinante para o sentido de ressurreição que assume o pensamento de Jon Sobrino.

No triunfo de Jesus, as vítimas esperam sair vitoriosas sobre os verdugos. Por meio das vítimas, em oposição aos ídolos, descobre-se, no mínimo de vida, o máximo do dom de Deus. No pequeno excluído, vitimizado e em oposição aos ídolos, revela-se que só Deus é absoluto.

A Ética Teológica da Libertação proclama o acontecimento do Reino a partir da solidariedade com a vítima, libertando-a de todas as suas amarras. Ela tem a ousadia de dizer que, no rosto da vítima, é Cristo vitimizado que se revela. E mais. Por este caminho, melhor se recupera a acolhida do plenificante de Deus, o evento da ressurreição. Sobre todos os ídolos, Deus triunfa; só ele é absoluto em seu Reino.

### **3.3 Pro-seguimento no Espírito, por um Reino de libertação**

Reino e pro-seguimento, além de serem categorias centrais na cristologia de Jon Sobrino, interpretam-se mutuamente como categorias éticas. Sabe-se que o Reino acontece quando se acolhe o Cristo, ou seja, na configuração com Cristo. O pro-seguimento acontece na realização do Reino. Desta relação, chega-se ao pro-seguimento, sem perder de vista o horizonte do Reino. Não é demais lembrar que Jon Sobrino fala em pro-seguimento e não simplesmente em seguimento. O termo “pro” indica a ação do Espírito.

O seguimento é a causa marcada por Jesus para caminhar, e o espírito é a força que nos capacita para caminhar real e atualizadamente por essa causa ao longo da história<sup>51</sup>.

Revela-se, a partir da categoria de pro-seguimento, a contribuição de Jon Sobrino para a Ética Teológica da Libertação. Nesta deseja-se conjugar leveza e engajamento, compromisso e contemplação. De tal forma, o caminho em direção à cruz se decide em uma vida trazida pelo Espírito: este é o horizonte do acontecimento do pro-seguimento. Levada às últimas conseqüências, a cruz se traduz em uma vida martirial. Realizado esse percurso, o fundamental do pro-seguimento será retomado de forma sintética.

---

<sup>50</sup> MOLTSMANN, El Deus crucificado, p. 224.

<sup>51</sup> SOBRINO, Luz, p. 9.

### 3.3.1 O horizonte do pro-seguimento

Seguir Jesus implica tornar suas atitudes presentes na vida do cristão, movido pelo Espírito a partir da perspectiva da vítima. A opção por caminhar com Jesus se dá na inspiração pelo Espírito que revela a verdade total do Cristo. A assimilação da fé em Jesus, o Cristo, supõe acolhê-lo desde seus primeiros passos em Nazaré – o Jesus histórico – até o caminho de plenificação na ressurreição. Com isso, o pro-seguimento acontece mediante nuances diferenciadas. Se antes o pro-seguimento era de caráter messiânico, agora assume outra perspectiva: Jesus pede aos discípulos que caminhem com ele até a cruz<sup>52</sup>.

No caminho com Jesus, os discípulos, pelo rosto da vítima, se sentem interpelados a realizarem o Reino de Deus, que é símbolo de um novo mundo, pleno e definitivo. A irrupção desta realidade nova clama por conversão radical. Frente ao pecado, emana a indicação da reconciliação universal a partir de sua parcialidade. Mediante os desvalidos, brota o clamor de fazer justiça. O Reino, assim compreendido, não está doado sem mais. Como dom de Deus que irrompe na realidade, o Reino se configura na ação com o Cristo, vítima entre as vítimas.

O Reino não somente é dom, mas tarefa. Seus traços ganham contornos na realidade por meio do pro-seguimento. O primeiro princípio para compreender a totalidade do pro-seguimento é situar-se com parcialidade, conforme a opção de Jesus pelos pobres. O segundo princípio é a realização da justiça: fazer o bem e não só evitar o mal, mas eliminar o mal. O terceiro é o a conversão, adesão e entrega a Jesus no pro-seguimento que o Reino exige, pois, diante de situações conflitivas. Desse modo, esses são os três passos fundamentais de Jon Sobrino no que tange ao pro-seguimento: parcialidade, realização da justiça e conversão<sup>53</sup>.

Em relação aos pobres, o caminho cristão se configura com eles, por meio de Cristo, no empobrecimento e participação solidária. A libertação é mais do que uma opção de estar ao lado do pobre. O caminho se configura, pelo Espírito, no fazer-se um com eles. Na “cons-piração” das vidas entrelaçadas pela mútua entrega, manifesta-se o entorno vital da existência concreta da vítima.

---

<sup>52</sup> Cf. SOBRINO, *Cristologia*, p. 136-137. O aspecto de decisão da cruz, que muda a nuance do seguimento será desenvolvido no próximo tópico.

<sup>53</sup> Cf. SOBRINO, *Cristologia*, p. 142-146.

A relação de Jesus com os pobres e marginalizados mostra operativamente o reino de Deus, mas mostra também em que consiste a modalidade específica da construção do reino. Esta modalidade pode resumir-se na necessidade de empobrecimento e de marginalização solidários<sup>54</sup>.

A relação de estima com a vítima se desdobra na desigualdade assimétrica do encontro com o outro. A visada do bem em favor da vítima solicita no pro-seguimento com Cristo a realização da justiça. O termo justiça acrescenta ao viver bem, ao ser bom, a exigência de concretização da verdade. Em Jon Sobrino, percebe-se que a verdade não é vista como uma teoria. A verdade se revela como evento do dom de Deus, por seu Espírito; realidade encarnada no rosto do pobre. No confronto com a situação da vítima, quem se configura com Cristo é lançado por inteiro na realidade nua e crua em vista de sua libertação. A verdade transparece entre luzes e trevas inscritas na vida da vítima. Torná-la perceptível supõe engajamento no movimento da misericórdia.

O seguimento “lúcido” de Jesus é, pois, trazido de luz para ver mais a realidade e para desmascarar a mentira do mundo. Quando isto ocorre, não podemos duvidar que está aí o Espírito de Deus<sup>55</sup>.

Na configuração com Cristo, no engajamento libertador da vítima, emerge do rosto o apelo por instituições justas. Nesse sentido, o âmbito interpessoal do encontro com o outro se situa no contexto da sociedade. A Ética Teológica da Libertação sobriniana evoca uma noção de justiça que contemple a realidade da vítima. Nessa compreensão, o princípio da justiça social acontece pelo aumento do número de favorecidos, o que acontece proporcional à diminuição das desvantagens dos menos favorecidos<sup>56</sup>.

O terceiro passo elencado pela cristologia de Jon Sobrino evoca a conversão. Nesta realidade com o pobre, realidade de parcialidade, de engajamento pela verdade, não há como ser o mesmo, levando a cabo a radicalização evangélica do chamado a ser criatura nova. O dom de Deus é assumido em sua integridade e integralidade. Sabe-se assim que o encontro com um rosto vitimizado, que apela para o acolhimento de sua situação, manifesta a verdade revelada de Jesus vitimizado, transformando toda realidade da pessoa. Não há como ficar indiferente.

Para Jon Sobrino, quando o Reino é visto nessa perspectiva do pro-seguimento libertador, fica definido o seu conteúdo como “a vida justa e digna dos pobres, aberta sempre

---

<sup>54</sup> SOBRINO, Relação, p. 1196.

<sup>55</sup> SOBRINO, Luz, p. 15.

<sup>56</sup> Cf. RICOUER, Ética, p. 161-173.

a um mais”<sup>57</sup>. A entrega absoluta da vida de Jesus pela vítima é o máximo do dom de Deus historizado. Isso significa que, a partir do histórico, vive-se a experiência do acontecimento escatológico.

A historização do pro-seguimento na ótica escatológica passa pela decisão a favor do absoluto do Reino. Assumir o Reino e transformar o mundo atual que podem ser formulados em diversas maneiras: expressão teológica – Deus ou o dinheiro, expressão cristológica – quem não está comigo está contra mim, e expressão antropológica – quem ganha sua vida a perde e quem a perde a ganha<sup>58</sup>.

A Ética Teológica da Libertação acentua a historização do pro-seguimento libertador da vítima. O enfoque se justifica devido ao fato de o Reino ser acolhido em uma realidade de fortes sinais do anti-reino. A Ética Teológica da Libertação, contudo, mantém a saudável tensão escatológica entre o “já” e o “ainda não”. Isso se mostra pelo fato de a Ética Teológica da Libertação associar a práxis do Reino nascida do rosto ao rosto da vítima. A partir da situação da vítima, lugar histórico-transcendente, descobre-se o pleno de Deus.

Assumida a exigência radical pelo Reino, o desafio que segue é o de manter-se fiel até a sua consumação plena: viver em discernimento frente às opções não evidentes e conflitivas em adesão ao pro-seguimento concreto de Jesus que se doa na vítima, e optar pelo bem e praticá-lo, mais que evitar a vitimização. A adesão a Jesus no pro-seguimento por si mesmo já é uma realidade conflitiva. Visto na lógica da Ética Teológica da Libertação, o pro-seguimento adjetiva a cruz com o termo martírio.

### **3.3.2 O pro-seguimento culmina na cruz – caminho de uma ética martirial**

Segundo Jon Sobrino, à semelhança de Jesus, os mártires de hoje dão a vida por amor a Deus e para defender o pobre. “Os mártires jesuânicos, ao descer os povos crucificados da cruz, não são mártires da Igreja, mas são mártires na Igreja”<sup>59</sup>. Além dessa relação dos mártires com o mártir Jesus, que morre na cruz, Jon Sobrino, à luz de M. Romero

---

<sup>57</sup> SOBRINO, J. De uma teologia da libertação a uma teologia do martírio. In \_\_\_\_\_. COMBLIN, J.; GONZALEZ FAUS, J. I. *Cambio social y pensamiento cristiano en América Latina*. Madrid: Trotta, 1993. p. 110.

<sup>58</sup> Cf. SOBRINO, *Cristologia*, p. 146-147.

<sup>59</sup> SOBRINO, *Teologia*, p. 168.

e I. Ellacuría, vê no povo crucificado a atual figura do Servo de YHWH. Em ambos os casos, o pro-seguimento é visto em relação à cruz e ao martírio.

A cruz sempre foi para a fé cristã o lugar por excelência da irrupção de Deus. “A mensagem da cruz é loucura para os que se perdem; para os que se salvam é força de Deus” (1Cor 1,18). Na cruz anuncia-se não só o fim trágico dos profetas, mas do próprio Filho de Deus.

Porque os judeus pedem sinais, os gregos procuram sabedoria, ao passo que nós anunciamos o Messias crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os pagãos (1Cor 1,22).

Jon Sobrino redescobre a centralidade do Reino ao relacioná-lo com a cruz de Jesus. Reino e cruz, na perspectiva do pro-seguimento, compreendem-se mutuamente. Com o Reino se relaciona a libertação; com a cruz, o martírio<sup>60</sup>. Em Jesus, revela-se a ação de irrupção do Reino de libertação dos pobres e, em consequência de toda sua vida, ele termina na cruz, como mártir.

A cruz e o martírio significam para o discípulo de Jesus a entrega maior de sua vida a ele. No caminho da cruz, passam povos inteiros crucificados e mártires que lutam por sua libertação. Os mártires são verdadeiros profetas dos tempos hodiernos.

Os profetas que desmascaram [o sistema macroeconômico<sup>61</sup>] são cooptados, suas palavras enterradas no oceano de um silêncio maior, ou, quando a verdade estorva, são liquidados<sup>62</sup>.

A cruz de Jesus e o martírio se interpretam mutuamente. Nessa relação, percebe-se o real sentido do pro-seguimento. O teólogo salvadorenho tem insistido que não basta falar de ressurreição sem mais para esclarecer a fé cristã. É preciso dizer a sua relação com o Jesus histórico, com a cruz e com os crucificados da história. Por isso, insiste em notar como o Espírito leva a reconhecer Cristo, por sua cruz, nos mártires e povos crucificados.

Os atuais martírios esclarecem a cruz de Jesus, mas, por sua vez, a cruz ilumina os martírios atuais em um ponto decisivo: os mártires atuais são, como Jesus, mártires do Reino de Deus, com o qual se des-ecclesializa a concepção de martírio, por um lado, e se cristologiza e teologiza por outro<sup>63</sup>.

A relação cristológica sobriniana entre a cruz e o martírio culmina na realização do Reino em oposição ao anti-reino. O sentido do martírio de Jesus está associado à oposição ao poder escravizante e à libertação do pobre, e, por fim, à construção do Reino a favor da

---

<sup>60</sup> SOBRINO, Una Teologia, p. 109.

<sup>61</sup> Acréscimo meu.

<sup>62</sup> SOBRINO, Luz, p. 14.

<sup>63</sup> SOBRINO, Una Teologia, p. 111.

vítima e contra os verdugos<sup>64</sup>. Trata-se, pois, de apresentar o sentido global e as conseqüências do martírio para a Ética Teológica da Libertação.

O martírio é uma questão limite. Ele se realiza por meio de consciências ativas no processo e por meio de outras consciências anônimas. Segundo Jon Sobrino, as consciências ativas indicam a entrega radical, livre e lúcida no amor a Deus, por Jesus nos pobres. As outras tratam do povo anônimo, não lembrado nos livros de história. As consciências anônimas se caracterizam por persistirem na teimosia da fé martirial e por morrerem indefesos e injustamente no dia-a-dia ou nos grandes massacres<sup>65</sup>. Esta realidade do martírio será resignificada na relação com a “opção fundamental”.

A tradição ética renovada se desenvolveu em torno do teorema da “opção fundamental” a fim de responder as condições de possibilidade de salvação dos não-crentes bem como as condições da liberdade fundamental. Tratava-se de pensar o critério de julgamento da liberdade e da responsabilidade humana<sup>66</sup>. Algumas perguntas ajudam a compreender o seu horizonte de significado. Quando o sujeito é livre e responsável por seus atos? Quais os condicionamentos que permitem ou impedem caracterizar sua ação como humana? Em situações de maior condicionamento, é possível falar em ação ética? Estas perguntas situam a compreensão da “opção fundamental”<sup>67</sup>.

A tradição moderna da reflexão ética se pautou na questão da “opção fundamental” e se debruçou intensamente sobre ela. Entretanto, falta a essa análise o confronto com a realidade de sofrimento e vitimização dos pobres. Nesse sentido, a Ética Teológica da Libertação situa a “opção fundamental” em função do martírio, entendido como consciência ativa e anônima.

Os mártires que morrem pela luta em defesa do fraco e oprimido identificam-se com Jesus, consciente das conseqüências de sua opção e sua ação. “Ninguém a tira [a vida]<sup>68</sup>”

---

<sup>64</sup> Cf. SOBRINO, Una Teologia, p. 112-113.

<sup>65</sup> Cf. SOBRINO, Una Teologia, p. 111.

<sup>66</sup> Cf. AZPITARTE, E. L. *Hacia*, p. 270-293.

<sup>67</sup> De forma mais precisa ainda é a definição que E. L. Azpitarte desenvolve. Se a liberdade é antes de tudo paixão e preferência pelo bem, prévia ao exercício das múltiplas eleições pequenas e ordinárias de cada dia, tem que haver outra opção suprema que a justifique e a estimule. Os atos concretos sem nenhuma vinculação com este fim carecem de sentido humano, assemelham-se a um robô, um insensato. A pessoa tem de decidir o significado último e definitivo que quer dar à sua vida e em função da qual nascerá um estilo determinado de sua conduta. A autodeterminação livre de ser humano se realiza, primária e principalmente, e, nesta capacidade, para eleger seu próprio projeto e destino. É o que se chama, há muito tempo, de “opção fundamental”: aquele valor, ideologia ou pessoa que, por considerar-se o mais absoluto e importante de todos, se converte em ponto de referência para as demais decisões. Cf. AZPITARTE, *Hacia*, p. 278.

<sup>68</sup> Adaptação minha.

de mim; eu a dou voluntariamente. Tenho poder para dá-la e recuperá-la depois. Este é o encargo que recebi do Pai” (Jo 10,18). A entrega da vida é expressão máxima de confiança em Deus, da confiança de quem se sente imbuído da presença de seu Espírito. O mártir acolhe como dom a oferta gratuita da presença de Deus em sua vida. Sabe que o sentido da sua vida não está mais em si mesmo, mas na entrega a Deus como oferta oblativa, ao modo de Jesus, pela libertação da vítima.

O projeto último do mártir é marcado por essa experiência de liberdade total frente à situação de violência e opressão extremas. Eis o verdadeiro reconhecimento de que Deus é o Senhor da vida. O fim último da entrega ativa do mártir leva a pensar em libertação no plural. Em outros termos, a ressurreição é vivida em experiências concretas de libertação da vítima. A entrega e as ações que levam ao martírio estão marcadas e impulsionadas pelo horizonte da “opção fundamental libertadora”.

Por outro lado, Jesus não somente age em libertação da vítima, mas se faz vítima. Na cruz, aparece Jesus no anonimato. Aparece à mercê dos verdugos e aparentemente esquecido pelo Pai. A entrega de sua vida, seu igualar-se à condição da vítima, deu-se em confiança e obediência ao Pai, em quem reconhece o dom de toda sua existência. As vítimas deste mundo fazem experiência semelhante.

Na centroamérica, no entanto, a realidade é em muitos casos uma ajuda positiva para compreender os textos bíblicos. Isto ocorre certamente no que toca a morte de Jesus. Qualquer campesino salvadorenho, pelo mínimo de consciência social que tenha, e por poucas letras, sabe perfeitamente bem por que mataram Jesus: assassinaram Jesus pela mesma razão pela qual assassinaram o M. Romero e muitíssimos outros<sup>69</sup>.

O que acontece a Jesus e às vítimas converge para o único horizonte teológico. Neste horizonte, sabe-se que Deus ama seu Filho e seus filhos, pois Deus participa do destino deles. O seu dom de amor se manifesta em sua solidariedade na cruz com Jesus. Onde a vida parece não ter mais sentido, irrompe o evento da ressurreição. As vítimas associadas a Jesus vitimizadas são sinal de salvação por manifestarem hoje a face do Servo Sofredor.

As vítimas morrem privadas de liberdade. O seu projeto existencial está condicionado pela situação que padecem. Suas ações cotidianas talvez não expressem os seus verdadeiros desejos: suas escolhas e sua realização humana. Ainda assim, essas vítimas-mártires revelam-se como inspiração do dom de Deus e de seu Espírito. Onde parece somente haver trevas, as vítimas encontram luz. Quando o individualismo toma conta de nossos tempos, as vítimas se fazem solidárias. Na medida em que morrem as utopias, a vítima

---

<sup>69</sup> SOBRINO, Una Teología, p. 111.

continua a sonhar. A vítima traz consigo a “opção fundamental” pelo Deus libertador e, por ele, é sinal e caminho de santificação.

Há muito é sabido que a morte mais excelsa e a morte cristã por antonomásia é o martírio, com o qual aqueles que padecem participam da excelcitude da vida cristã, a saber, a santidade<sup>70</sup>.

Santificados e santificadores se fazem os mártires ao entregarem-se e serem acolhidos no máximo do dom da vida em Deus. O martírio é, por isso, sinal de radicalização do pró-seguimento. Outrora, falou-se de três passos prévios do pró-seguimento, a saber: a opção pelos pobres, a realização da justiça e a conversão para assumir o Reino. O martírio coroa estes aspectos, pois representa a adesão plena pelo Reino. Em seguida, o caminho percorrido será retomado e formulado de maneira sintética, a fim de apresentar uma reflexão sistemática da Ética Teológica da Libertação trinitária, marcada especialmente por seu caráter pneumático.

### **3.3.3 Características fundamentais do pro-seguimento para a Ética Teológica da Libertação**

Os traços fundamentais da Ética Teológica da Libertação se fazem na configuração com Cristo vitimizado que se doa nas vítimas e inspira, por seu Espírito, a descê-las da cruz. As características do pró-seguimento aparecem na realização do Reino, caminho paradigmático para todo cristão. Segundo Jon Sobrino, “se Jesus viveu originalmente a fé, deve existir algo original e originante em seu caminho que deve ser incorporado a todo caminho que seja cristão”<sup>71</sup>. A configuração com Cristo vitimizado se faz a partir da vida toda de Jesus hermeneuticamente interpretada em um contexto histórico contemporâneo.

Assumir esse ideal no contexto em que atualmente vivem os cristãos denuncia o moralismo. Ao contrário de uma imposição de fora, Jesus entrega aos cristãos seu Espírito e com ele recupera o sentido da Lei para ser assumida na liberdade e criatividade da configuração sempre nova com o Servo Sofredor. Portanto, “crer no Espírito significa a realização em ato da entrega ao Pai e o pró-seguimento de Jesus”<sup>72</sup>. No pró-seguimento

---

<sup>70</sup> SOBRINO, Una Teología, p. 111.

<sup>71</sup> SOBRINO, Cristologia, p. 150.

<sup>72</sup> SOBRINO, Teologia, p. 162.



configurado a partir de Jesus vitimizado, revela-se no mínimo de vida, o máximo do dom da vida.

### **3.3.3.1 Encarregar-se da realidade**

A missão cristã vivida no pro-seguimento acontece no Espírito. O discernimento da ação por meio do Espírito recolhe a densidade histórica reveladora de Deus quando vivida pela via ascendente. Assim, deseja-se perceber a partir da realidade histórica a epifania do dom de Deus. Na historização da encarnação, o Espírito se diz a partir das vítimas. Nelas se revela a maior prova de amor e solidariedade, pois Jesus se faz vítima.

A Ética Teológica da Libertação proclama nas vítimas a face reveladora de Jesus vitimizado. A partir delas, o Espírito inspira a acolher a verdade e a fazer-lhes justiça. Do mesmo modo que Deus ressuscita Jesus, a vítima, a libertação da vítima se manifesta como sinal da verdade de Deus sobre este mundo injusto.

### **3.3.3.2 Carregar a realidade**

A verdade da Revelação salvífica encontra na cruz o seu critério de decisão maior. No último e escandaloso abandono, no de Jesus ao Pai, ele se entrega obediente e confiante pelo Espírito. Aquele que era só justo morre pelos injustos. Ao proclamar a luz de Deus sobre os povos, as trevas não suportaram tanta luminosidade.

No rosto da vítima, transparece um mundo de luzes e trevas. A vítima surge como “sinal teologal dos tempos” de anúncio e denúncia profética. Anúncio de esperança que aguarda a libertação. Denúncia de um mundo opressor. A vítima clama: “salva-me!”. Em seu rosto, acontece o evento Cristo, dom da páscoa, sinais de morte e ressurreição. Na configuração com Cristo vitimizado, o rosto da vítima desinstala o cristão. Arranca a pessoa de seu em-si-mesmamento<sup>73</sup>, impulsionando-a ao movimento do “princípio misericórdia”.

### **3.3.3.3 Deixar-se carregar pela realidade**

O movimento do dom de Deus se dá em uma circularidade hermenêutica. Na configuração com o Cristo vitimizado, o dom irrompe revelando a verdade de Deus sobre o mundo. Na dinâmica desse movimento, o fiel é lançado ao coração da realidade, em sua

---

<sup>73</sup> De seu mundo que se desdobra somente sobre si mesmo.

verdade nua e crua. Se se percebe a força do anti-reino, mais ainda a graça utopizante do Reino. O Reino acolhido a partir da vítima leva a tomar partido diante de sua situação. A vida configurada com Cristo vitimizado e com a vítima se entrelaça em um mesmo destino. No dom expreso na vítima, inicia-se um movimento de descentramento e acolhimento da verdade. Nesse mesmo espírito, acontece um retorno à situação da vítima, responsabilizando-se por ela e libertando-a da situação social de injustiça.

A vítima inspira quem se configura a Cristo vitimizado a ser “um com ela”. O caminho do empobrecimento solidário emerge como a realidade mais densa da *Kénosis*. A vítima-mártir manifesta por excelência a adesão maior pelo Reino. O martírio consciente é conseqüência de uma vida prene do dom da vida. O martírio anônimo revela a assemelhação primorosa com Jesus na cruz mediante o silêncio de Deus. A Ética Teológica da Libertação proclama no Cristo vitimizado, a partir da vítima, o descimento das vítimas da cruz, o caminho privilegiado do pro-seguimento e da realização do Reino.

## Conclusão

A busca de uma reflexão sistemática da Ética Teológica Libertadora nos leva a algumas conclusões depois desse percurso. Como fora dito outrora, nota-se no panorama contemporâneo uma escassa elaboração ético-sistemática teológico-libertadora. Os próprios teólogos moralistas comprovavam em suas reflexões o quanto a reflexão, naquele campo, estava incipiente.

Além de um discurso que sistematizasse a ética teológica do ponto de vista libertador, o objetivo era buscar algo mais. O intuito era fazer uma reflexão ético-teológica que conjugue contemplação e engajamento, fascínio e compromisso, sofrimento e libertação. A partir do mundo da vítima, parafraseando Jon Sobrino, descobre-se um mundo de admiração e inquietação, de gozo e comprometimento.

Nesse sentido, Jon Sobrino apareceu como fonte inspiradora. Por um lado, a cristologia do teólogo salvadorenho contempla o aspecto de uma reflexão fundada no evento Cristo. Por outro, abre-se o horizonte da fé trinitária<sup>254</sup> como de fundamental importância para a Ética Teológica Libertadora, uma vez que se buscou no evento fundador da fé o mais específico cristão. A Ética Teológica Libertadora sobriniana, portanto, propõe a configuração com Cristo, com o Jesus vitimizado, fazendo justiça a ele e às vítimas do mundo por seu Espírito, a fim de descê-las da cruz.

O elo do pensamento de Jon Sobrino com a ética passa pelo modo como ele desenvolve sua cristologia. Como mostramos ao longo deste percurso, há uma afinidade maior entre a cristologia e a ética. Esta articulação tornou-se possível graças à relação intrínseca entre o teológico e o antropológico. Insistimos que este entrelaçamento acontece na história onde Deus se oferta como Dom. A partir do Jesus histórico Deus revela pelo Espírito seu amor-misericórdia. Na história, torna-se possível a configuração com Cristo vitimizado, ofertado no rosto da vítima, e no seu clamor por libertação como experiência e reflexão éticas.

Vimos também que a cristologia de Jon Sobrino se apóia no que há de mais central na fé. Salientamos que o teólogo salvadorenho compreende a fé na ressurreição a partir do Jesus histórico, assimilado no pro-seguimento de Cristo, em realização do Reino de libertação total. Jon Sobrino, no entanto, não fala somente do Reino, mas do Deus do Reino.

---

<sup>254</sup> Apesar de Jon Sobrino não desenvolver uma reflexão sistemática sobre a Trindade, como ele mesmo diz, sua concentração cristológica está aberta a relação trinitária. Cf. SOBRINO, *Teologia*, p. 162.

Esta segunda acepção é fundamental para a ética, uma vez que Deus continua a reinar e se revela como o Deus do Reino, aquele que zela por sua Criação. Jon Sobrino convoca a acolher os sinais da ressurreição em meio ao pecado que oculta a verdade da fé. Viver assim é dom de Deus, tarefa cristã de libertação.

O Reino, ao modo como aborda Jon Sobrino, realça a necessidade de historizá-lo em favor da libertação da vítima. Por isso, procuramos mostrar que se acolhe a fé não só na ruptura, mas na continuidade. Se o Reino transparece nas ações históricas, o fiel é um sujeito ativo, chamado a realizar na criatividade a acolhida do dom de Deus. Segundo Jon Sobrino, neste continente de vítimas não basta que a fé seja acolhida na positividade do crer. Faz-se necessário combater as forças opostas ao Reino. Ao perceber na estrutura teológica a luta dos deuses, Jon Sobrino nos levou a concluir que o Reino não só divide espaço com forças contrárias, mas elas negam a verdade. De tal forma, na ética autêntica do Reino, emergirá o desejo de desmascaramento da injustiça.

A libertação da vítima, conforme se apresentou a partir da cristologia de Jon Sobrino, está no coração do acolhimento da fé na ressurreição. De tal forma, a Ética Teológica da Libertação proclama que a configuração com Cristo passa pela vítima como critério decisivo de reconhecimento da fé no Ressuscitado. Acolher e libertar a vítima, portanto, não é tarefa de pessoas que se identificam com a libertação, como se os “espirituais<sup>255</sup>” não tivessem nada a ver com sua situação. O apelo por salvação da vítima é o apelo de Cristo; a indiferença com a vítima de igual modo manifesta a rejeição a Cristo.

A Ética Teológica da Libertação nos oferta a reconsideração da vítima em sua centralidade para a fé e questiona posicionamentos de indiferença e neutralidade diante de um mundo de ídolos que sacrificam os filhos de Deus. Ela situa a configuração com Cristo em um mundo conflitivo e convoca para a superação da injustiça que pesa sobre a vítima. A libertação da vítima a partir do apelo de seu “rosto” leva a reconhecer que Jesus, feito vítima, é o Cristo, e que a ressurreição é assumida a partir do Jesus histórico. A vida cristã dessa forma recupera a tese fundamental da cristologia em perspectiva ética, realizando uma confissão de fé prático.

Outro elemento fundamental no trabalho é que o deslocamento dos eixos teológicos para o Reino transpõe a fé do plano individual para o plano comunitário. Não se trata apenas de vida em comunidade, o que sempre foi característico da fé. Como também não

---

<sup>255</sup> No sentido atribuído por Paulo aos coríntios.

é o agrupamento de pessoas que poderia chamar-se ambigualmente de “individualismo comunitário”. Nesse sentido, conclui-se que o próprio de uma Ética Cristã da Libertação é o acolhimento subjetivo da fé, na relação intersubjetiva em vista da justiça do Reino. O outro, o pobre, é lugar de Revelação. Ele inspira a agir em Cristo, pois, no rosto da vítima, Cristo se diz se revelando e salvando.

A relação pessoal, portanto, é abertura a um outro, em perspectiva do horizonte maior da fé, o Reino. Na linha do existencial concreto aparece uma figura concreta, o pobre. Situado como destinatários do Reino, a vivência do Reino não só passa por eles, mas os exige para sua compreensão.

Tentou-se também mostrar que no reconhecimento do dom gratuito de Deus nas vítimas, Jesus doa sua vida por elas. Sua vida encontra seu último suspiro na cruz, feito vítima. Frente ao mundo de pecado, os crucificados da história estão com Jesus na cruz. Em seus rostos, e graças ao amor misericordioso de Deus revelado em Jesus identificado com a vítima, emerge o apelo, “salva-me” da situação de desfiguração. Na vitória da ressurreição, pelos sinais de realização do Reino, a vítima crê esperançosamente que não perecerá à mercê dos verdugos. No apequenar-se de Deus na cruz, no seu silêncio diante da morte de Jesus, manifestou-se sua profunda solidariedade. Na cruz estava Deus. Por sua *kénosis* abriu-se o caminho da reconciliação com a finitude. A humanização da humanidade tornou-se possível em Cristo. No Deus que espera que a Criação “seja tudo em todos”, o caminho prático do Reino manifesta Deus presente a estrutura histórica.

Por tudo isto, chegou-se a uma ética implícita presente na cristologia de Jon Sobrino. Mostramos que esta ética se mostra no modo como Jon Sobrino insiste sobre o viver em Cristo, segundo seu agir transformador no anúncio do Reino: anúncio que se concretiza no acolhimento misericordioso e libertador da vítima. A inspiração de uma Ética Teológica Libertadora a partir da cristologia de Jon Sobrino visou, sobretudo, contribuir com o avanço da reflexão sistemática. Nessa perspectiva, tornou-se mister mostrar que a Ética Teológica da Libertação constitui-se como uma ética de cunho trinitária, fonte e cume da vida cristã. Ao tentar elaborar uma Ética Teológica Libertadora sistemática a partir da cristologia de Jon Sobrino, desejou-se que ela fosse o ponto de partida da resignificação da reflexão ético-teológico-libertadora baseada na fontalidade da fé libertadora.

A Ética Teológica da Libertação emana da ação própria do Cristo, que se doa na vítima e se faz vítima com ela, libertando-a. Na vida de Jesus, em seu agir transformador, percebe-se o advento do Reino. A concretização do Reino na perspectiva da práxis, vista a

partir da contemplação da fé, não se perde, portanto, em ativismo. A configuração com Cristo não se dá no agir pelo agir que emana de um imperativo em favor da libertação. Ao contrário, o rosto da vítima inspira e convoca ao pro-seguimento. Da mesma forma, propusemos rever criticamente um voluntarismo da fé, revestido de um pseudo-messianismo. A nossa proposta se fez crítica à motivação egolátrica do agir para o encontro revelador com Cristo a partir da vítima. Procurou-se evitar que o agir ético fosse mera consequência, ou decorrência da fé em Cristo.

Mostramos a partir de Jon Sobrino que diante do Pai, o criador, seus filhos respondem no Filho ao dom-misericórdia. Pelo último de Deus, revela-se em Cristo-Palavra o que estava em Deus desde o princípio. A Lei emerge desta relação a partir do rosto da vítima, que medeia o escatológico com o protológico. Pela vítima, inscreve-se a Lei da Criação, o mais original em Deus, que ele é misericórdia. A Lei instrui a acolher sua presença nos vitimizados, pois o rosto convoca a uma resposta de engajamento por sua libertação.

Insistimos que no Filho, o Messias, quem se configura com Cristo acolhe um mundo de crucificados. Em cada vitimizado, o Messias se oferta pela realização do Reino. Configurado com Cristo pela libertação da vítima, emergirão os sinais do Reino acontecendo, sinal da boa-nova. O Reino anunciado a partir do compadecimento com a vítima torna-se crível para ela, pois manifesta a partir da perspectiva ascendente que Deus a ama.

Vimos que pelo Espírito, a verdade do Reino se concretiza no pro-seguimento. O Espírito leva a assumir a estrutura fundamental da vida de Jesus. Por este caminho o cristão é inspirado a agir segundo Jesus, o Cristo, de forma criativa para responder aos desafios sociais dos dias atuais. Este caminho passa pelo empobrecimento solidário com o pobre. No descimento ao mundo da vítima, toma-se partido do sofredor e faz-lhe justiça frente ao pecado, que mata milhões de crucificados. O caminho da cruz quando assumido até as últimas consequências, leva necessariamente ao martírio, onde a pessoa deposita o absoluto de sua vida em Deus, por Cristo, no Espírito.

A perspectiva trinitária da Ética Teológica da Libertação manifesta com o Pai o sentido da Lei como dom. A Lei como oferta do dom é acolhida na gratuidade para ser vivida na mesma gratuidade. A Lei, em leitura sobriniana, é a Palavra. O Verbo encarnado que se esvazia de si e se torna solidário com a vítima. Pela vida entregue em favor da vítima, Jesus manifesta, por sua práxis, a práxis cristã edificadora do Reino. O que acontece a Jesus é vivido no pro-seguimento pelo Espírito. O caminho da estrutura fundamental da vida de Jesus continua a se realizar a partir do rosto da vítima, inspirando os seguidores de Jesus, o Cristo.

Uma Ética Teológica da Libertação sistematizada de cunho trinitária é um sonho. Mais que um ponto de chegada, nossa contribuição é apenas o início de um longo caminho. Nós nos detivemos a pensar uma Ética Teológica social a partir da Moral Fundamental. Nosso objetivo foi o de perceber como a cristologia, que desponta na fé trinitária, contribuiu com a Ética Teológica da Libertação. Permanece o desafio de interpretar o vasto campo da Ética Teológica sob a ótica do sofridor em categorias aqui não contempladas.

Enfim, nosso desejo é de que outros levem adiante a reflexão ética a partir do pobre como “sinal teologal dos tempos”. A reflexão, porém, é momento segundo para toda perspectiva libertadora. Configurados com Cristo pela libertação da vítima, o seu Espírito nos inspire a acolher o Reino pelo descimento da cruz de milhões de crucificados.

## Referências Bibliográficas

### Obras do autor

SOBRINO, J. *Jesucristo Liberador*. “Lectura historico-teologica de Jesu de Nazaret”. Madrid: Trotta, 1991.

\_\_\_\_\_. *La fe en Jesucristo: “ensayo desde las victimas”*. San Salvador: UCA, 1999. (Coleção Teologia latinoamericana, 24).

\_\_\_\_\_. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. Relação de Jesus com os pobres e marginalizados. Importância para a Moral Fundamental. *Concilium*, Petrópolis, n. 150, 1979.

\_\_\_\_\_. Messias e messianismos: reflexões a partir de El Salvador. *Concilium*, Petrópolis, n. 245, 1993.

\_\_\_\_\_. *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983.

\_\_\_\_\_. La pascua de Jesús u la revelación de Dios desde la perspectiva de las víctimas. *Sal Terrae*. Santander, n. 977, 1995.

\_\_\_\_\_. Luz que penetra las almas. Espíritu de Dios y seguimiento lúcido de Jesús. *Sal Terrae*, Santander, n. 1, 1998.

\_\_\_\_\_. De uma teologia da libertação a uma teologia do martírio. In \_\_\_\_ et al. *Cambio social y pensamiento cristiano en América Latina*. Madrid: Trotta, 1993.

\_\_\_\_\_. Teología desde la realidad. In SUSIN, L. C. (org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola/Soter, 2000.

\_\_\_\_\_. *Resurrección de la verdadera Iglesia*. Sal Terra: Santander, 1981.

\_\_\_\_\_. Jesús y el Reino de Dios. *Sal Terrae*: Santander, p. 350, 1978. *Apud* SOBRINO, Relação.

### Fonte

*Acta et Documenta Oecumenico Vaticano II apparando*. Series II. Praeparatoria. V. III. Pars I: Vaticano, 1969.

BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

CONSTITUIÇÃO Pastoral “Gaudium Spes”. Sobre a Revelação Divina. In: *Compêndio do VaticanoII*. Constituições; Decretos; Declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DECRETO “Optatam Totius”. Sobre a Formação Sacerdotal. In: *Compêndio do VaticanoII*. Constituições; Decretos; Declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.



DENZINGER, H. Constituição Dei Filius (n. 3009). In: \_\_\_\_\_. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Trad., com base na 40ª ed. Alemã (2005) aos cuidados de Peter Hünermann, por+ José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Paulinas/ Loyola, 2007.

## Bibliografia principal

AGOSTINI, N. *Teologia Moral: o que você precisa viver e saber*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CNBB. *A Teologia Moral em meio a evoluções históricas*. São Paulo: Paulinas, 1992. v. 2.

DUSSEL, E. *Ética da Libertação*. *Concilium*, Petrópolis, n. 192, 1984.

\_\_\_\_\_. *Ética da Libertação*. Na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2000.

FLECHA, A. J. R. *Teologia Moral Fundamental*. 3. ed. Madrid: BAC, 1999.

LEVINAS, E. *Difficile liberté*. Essais sur le judaïsme. Paris: Le Livre de Poche, 1990.

LIBANIO, J. B. *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*. São Paulo: Loyola, 2000.

MOSER, A.; BERNARDINO, L. *Teologia Moral: impasses e alternativas*. Petrópolis: Vozes, 1987. v. 5. (Coleção A Libertação na história).

\_\_\_\_\_. A representação de Deus na *Ética da Libertação*. *Concilium*, Petrópolis, n. 192, 1984.

NOVOA, C. *El seguimiento historico de Jesus segun el espiritu: formacion de la conciencia moral*. Santafe de Bogota: Pontificia Universidad Javeriana, 1995 (Coleção Teologia Hoy, 22).

RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 1989. 2. ed. (Coleção Teologia sistemática).

REJÓN, F. M. *Teologia Moral a partir dos Pobres: a moral na reflexão teológica da América Latina*. Aparecida: Santuário, 1987. (Coleção Teologia Moral na América Latina).

\_\_\_\_\_. *Buscar o Reino e sua justiça. A evolução da Ética da Libertação*. *Concilium*, Petrópolis, n. 192, 1984.

SESBOÛE, B.; WOLINKI, J. *O Deus da salvação: a tradição, a regra de fé e os Símbolos. A economia da salvação. O desenvolvimento dos dogmas trinitário e cristológico*. São Paulo: Loyola, 2002. v. 1.

VIDAL, M. *Nova Moral Fundamental: o lar teológico da ética*. São Paulo: Paulinas, 2003.

\_\_\_\_\_. *Moral de Atitudes. Moral Social*. Aparecida: Santuário, 1980. v. 3.

\_\_\_\_\_. *Caminhos para a ética cristã*. São Paulo: Paulinas, 1989.

VERGOTE, A. *Deus Nosso Pai*. *Concilium*, Petrópolis, n. 130, 1977.

## Bibliografia de apoio

AZPITARTE, E. L. *Hacia una nueva visión de la ética cristiana*. Santander: Sal Terrae, 2003.

- BALTHASAR, H. U. V. *Saggi teologici*. Morceiliana: Brescia, 1979. v. 4.
- BEAUCHAMP, P. *A Lei de Deus: de uma montanha a outra*. São Leopoldo: Unisinos, 2002 (Coleção Theologia Publica 4).
- BOFF, L. Cristologia a partir do Nazareno. In VIGIL, M. J. (org.) *Descer da cruz os pobres: Cristologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CAPONE, D. *Introduzione alla Teologia Morale*. Bologna: EDB, 1972.
- CONNE, J. H. Libertación and Christian Ethics. In \_\_\_\_\_. *God of the Oppressed*. Nova Iorque: Seabury, 1979.
- ELLACURIA, I. El pueblo crucificado. Ensayo de Soteriológica Histórica. *Revista Latinoamericana de Teología*, Barcelona, n. 18, p. 305-333, 1989.
- GALOT, J. Cristologia de cima ou de baixo. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 9, 1973.
- GONZÁEZ FAUS, I. *Acceso a Jesus: ensayo de teologia narrativa*. 2. ed. Salamanca: Sigueme, 1979.
- HÄRING, B. *A Moral depois do Concílio*. Lisboa: Moraes, 1968.
- MOLTMANN, J. *El Deus crucificado: la cruz de Cristo como base y critica de toda teologia cristiana*. Salamanca: Sigueme, 1975.
- ORDUÑA, R. R. Esboço histórico da Teologia Moral. In LOPES, AZPITARTE, E.; MORA BARTRES, G.; ORDUÑA, R.R. *Et al. Práxis Cristã: Moral Fundamental*. São Paulo: Paulinas, 1983. v. 1.
- RAHNER, K. *Escritos de Teologia*. Madrid: Taurus 1964. v. 5.
- RICOUER, P. Ética e moral. In \_\_\_\_\_. *Em torno ao Político*. São Paulo: Loyola, 1995.
- THEISSEN, G.; MERZ, A. *O Jesus histórico: um manual*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.